

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**PROCESSO DE FILIAÇÃO: UM ESTUDO DE ADOÇÃO DE
DOIS IRMÃOS MAIORES**

Carolina Lemos da Silva

Dissertação de Mestrado

São Leopoldo/RS, 2011

Carolina Lemos da Silva

**PROCESSO DE FILIAÇÃO: UM ESTUDO DE ADOÇÃO DE
DOIS IRMÃOS MAIORES**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Psicologia sob orientação da

Profa. Dra. Silvia Pereira da Cruz Benetti

Bolsista Santander Universities

Março, 2011

Catálogo na Fonte

S586p Silva, Carolina Lemos da

Processo de filiação: um estudo de adoção de dois irmãos maiores. / Carolina Lemos da Silva; Orientação: Silvia Pereira da Cruz Benetti. – São Leopoldo: UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2011.
134 f.; il.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011.

Referência: f. 74-81.

Inclui anexos.

1. Psicologia. 2. Psicanálise – Adoção – Crianças maiores.
3. Adoção – Legislação - Brasil. 4. Psicologia – Adoção – Crianças maiores. 5. Adoção – Acompanhamento. 6. Psicanálise – Construção paterno-filial. I. Benetti, Silvia Pereira da Cruz. II. Título.

CDU: 159.9

Bibliotecária responsável: Márcia Flores da Silva, CRB -10/1477

DEDICATÓRIA

A família adotiva que possibilitou esse estudo de caso de adoção de irmãos maiores!

A todas as famílias adotivas em processo de filiação de irmãos maiores!

A todas as famílias que re-fundaram a filiação construindo a parentalidade!

E as famílias que pretendem adotar uma criança maior ou irmãos maiores!

Carolina Lemos da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus familiares pela paciência, tolerância e ao mesmo tempo motivação e investimentos que me deram força para percorrer este estudo.

Agradeço particularmente à Dr^a Fabiana Arenhart Lattuada, Juíza de Direito, que possibilitou o início da minha trajetória jurídica e permitiu-me o acesso a diversos casos de adoção de crianças, desde 2004.

Agradeço em especial à minha orientadora, Prof^a Dr^a Silvia Pereira da Cruz Benetti, pela atenção, aprendizado e trocas nesses dois anos de caminhada nesta aventura da construção da parentalidade adotiva de irmãos maiores.

Agradeço a todas as colegas, estagiarias que colaboraram com as transcrições das entrevistas e de alguma maneira contribuíram para crescimento da pesquisa.

Agradeço imensamente as pessoas que fizeram parte da Banca: Prof^a Dr^a Maria Lúcia Tiellet Nunes, Prof^a Dr^a Edilene Freire de Queiroz e Prof^a Dr^a Vera Regina Röhnelt Ramires (relatora), pela disponibilidade, respeito e informações valiosas que favoreceram e enriqueceram o desenvolvimento do caso de pesquisa.

Agradeço em particular a família adotiva pela confiança e autorização que possibilitou esta vivência frutífera e enriquecedora de um estudo de caso de adoção de irmãos maiores.

Agradeço ao Santander Universidade pela bolsa de estudos que proporcionou esta experiência maravilhosa do Mestrado, aproveitada com muito amor e dedicação.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram e torceram comigo por esta realização e conquista!

Em matéria de adoção de crianças maiores, cada adoção é excepcional, cada experiência é singular, cada trajetória de criança, inteiramente única, isto a tal ponto que nenhuma generalização seria possível.

(Ozoux-Teffaine, 1987)

SUMÁRIO

	Página
RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
INTRODUÇÃO.....	10
SEÇÃO I - ARTIGO DE REVISÃO DA LITERATURA.....	15
Psicanálise, Filiação e Adoção de Crianças Maiores.....	15
Resumo.....	15
Abstract.....	15
Introdução.....	16
Adoção e Legislação	17
Acompanhamento Pré e Pós na Adoção	20
Contribuições das Pesquisas sobre a Adoção	22
Teorias Psicanalíticas, Filiação e a Adoção.....	25
Filiação e Adoção de Crianças Maiores.....	34
Considerações Finais.....	38
SEÇÃO II – ARTIGO EMPÍRICO.....	39
Processo de Filiação: Um estudo de Adoção de Dois Irmãos Maiores.....	39
Resumo.....	39
Abstract.....	40
Introdução.....	41
Método.....	42
A Construção do Corpus de Pesquisa.....	42
Participantes.....	43
Procedimentos da Pesquisa - Local da Pesquisa.....	43
Procedimentos Éticos.....	44
Instrumentos.....	44
Procedimentos de Análise dos Dados.....	45
Resultados.....	45
Histórias Progressas – Consulta ao Processo de Destituição do Poder Familiar..	46
Preparação para a Adoção: Entrevistas Clínicas ou “Conversas” com os Irmãos na Instituição – Sínteses em conjunto das 1ª, 2ª, 3ª e 4ª entrevistas.....	46

Visita do Casal as Crianças na Instituição – Síntese do 5º Encontro: primeiro contato e apresentações	47
Entrevista Clínica de Desacolhimento de Rico e Mila – Síntese da 6ª entrevista	48
Entrevistas de Anamnese e Clínicas com os Pais e os Irmãos Maiores – Sínteses das 7ª, 8ª, 9ª, 10ª, 11ª e 12ª entrevistas.....	48
Testes do Desenho de Família – Síntese do 13º encontro.....	52
Entrevista Clínica com os Pais e os Irmãos Maiores – Síntese da 14ª entrevista de encerramento.....	53
Diário Pessoal – Individual.....	54
Discussão.....	56
Considerações Finais.....	71
Referências.....	74
Anexo A – Relatório de Pesquisa.....	82
Anexo B – Documento do Comitê de Ética em Pesquisa.....	121
Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Versão Pai.....	122
Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Versão Mãe.....	123
Anexo E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Versão Filhos.....	124
Anexo F – Preparação para a Adoção – Desenho Rico e Mila.....	125
Anexo G - 11ª Entrevista – Desenho Rico e Mila.....	126
Anexo H – 12ª Entrevistas – Desenho Rico e Mila.....	127
Anexo I – Teste do desenho de família.....	128
Anexo J – Diário pessoal – Mãe.....	129
Anexo K – Diário pessoal – Mila.....	130
Anexo L – Diário pessoal – Rico.....	131

RESUMO

Esta dissertação teve o propósito de explorar no âmbito da pesquisa qualitativa o processo de tornar-se pai, mãe e filhos na adoção de irmãos maiores e interpretar como se deu a construção paterno-filial, a partir de um estudo de caso discutido segundo a perspectiva psicanalítica. Neste sentido, tivemos o interesse em compreender como se deu o processo de filiação, tanto na perspectiva parental, como na das próprias crianças. Portanto, os objetivos específicos dirigiram-se para, na perspectiva parental, entender as motivações conscientes e desejos subjacentes ao processo de adoção, identificar os medos, fantasias e lutos deste processo, verificar como se deu o processo de identificações paterno-filiais num processo de acompanhamento longitudinal de oito meses (maio a dezembro de 2010). Na perspectiva das crianças, acompanhar as características do estágio de convivência familiar, identificar medos e temores no processo. Os procedimentos de coletas de dados incluíram testes projetivos do desenho de família individual, diário pessoal, fotos, entrevistas clínicas abertas, entrevista de anamnese e Pesquisa Documental – investigação sobre as histórias pregressas das crianças no processo de destituição do poder familiar. A coleta de dados ocorreu por um período de cinco meses, totalizando 14 encontros. Os participantes foram dois irmãos – um menino de 10 anos e uma menina de 3 anos e 8 meses que estavam em acolhimento institucional e aptos para adoção e, um casal habilitado por uma das Comarcas Estaduais. A análise dos dados se deu psicanaliticamente a partir dos conceitos de Desejo, Não-Desejo, Narcisismo, Identificação, Romance Familiar e Filiação Simbólica. Concluímos que, desta forma, promovemos e auxiliamos no processo desta adoção de irmãos maiores, amenizando as dificuldades e esclarecendo as dúvidas no que tangeu o período do estágio convivência, orientado sobre etapas característica do mesmo, até a construção da filiação a partir da rotina diária.

Palavras-chave: adoção, pai, mãe, filho, irmãos maiores, psicanálise, identificação, romance familiar e filiação.

ABSTRACT

The purpose of this Master thesis is twofold: to explore the process of becoming a father, a mother and a son/daughter in a process of adoption of older siblings, and to interpret how the parent-children relationship is developed. Using qualitative methodology and psychoanalytical theory, a case study is presented and discussed, providing both parents' and kids' perspectives in the process of affiliation. Within the parental perspective, the specific objectives are to understand the motivation and desires in the adoption process; to identify the fears, fantasies and grieves related to this process; and to examine the parent-children identification process in a longitudinal follow-up of eight months (May to December 2010). Regarding the children's perspective, the specific objectives are to identify characteristics on the stage of family intimacy and their fears in the process. Data was obtained in 14 meetings over a period of 5 months. The procedures used were family drawing projective test, individual diary, pictures, open-ended clinical interviews, anamnesis interview and documental research – the investigation about the process of removing the kids from their original family. Participants were two siblings, a 10 year-old boy and a 3 years and 8 month girl, who were in an institution to be adopted, and a couple who was allowed to adopt by the official state agency. Data analysis was done through the psychoanalytical concepts of Desire, Non-Desire, Narcissism, Identification, Familiar Romance and Symbolic Affiliation. We enhanced and assisted this adoption process through lessening the difficulties, orienting and clarifying questions regarding the familiar intimacy stage, and helping in the development of affiliation.

Keywords: adoption, father, mother, children, older sibling, psychoanalysis, identification, familiar romance, and affiliation.

INTRODUÇÃO

O ser humano, fisicamente, é um mamífero, e psiquicamente, é um ser de filiação lingüística, e, portanto de adoção (Françoise Dolto).

Desde o início da minha experiência profissional¹ tenho trabalhado com a questão da adoção, especialmente, com bebês em situação de acolhimento institucional e em processo de destituição do poder familiar. Nesse caso, os bebês em situação de entrega e que estivessem em acolhimento institucional eram acompanhados por mim durante o período de um ano, desde o momento do acolhimento, desacolhimento, encaminhamento para a família adotiva e estágio de convivência. Com o passar do tempo, foram surgindo outras demandas de adoção, conforme a situação da criança acolhida institucionalmente. Assim, dos bebês, passei também a acompanhar os casos de adoção de crianças maiores. A cada caso encaminhado, encantava-me pelo tema e percebia a necessidade de estudos específicos sobre o assunto, principalmente na área da psicanálise.

Na adoção de crianças maiores, os vínculos e as identificações ocorrem de forma diferente do que na adoção de bebês, a qual parece se dar de maneira mais efetiva e amena (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007). No entanto, a cada caso, com a inserção no meio familiar dos acolhidos, meu interesse pelo tema da adoção foi crescendo, as dúvidas se multiplicaram, alimentando meu desejo de estudar mais sobre o assunto. Além da possibilidade de com o estudo mudar destinos, promover o conhecimento, desmistificar os preconceitos e auxiliar na construção da filiação adotiva da criança maior, também foi fundamental o desejo de dar continuidade e tornar público esse trabalho desenvolvido com as famílias adotivas, através desta pesquisa.

Portanto, esta dissertação, intitulada: “*Processo de Filiação: um estudo de adoção de dois irmãos maiores*” foi realizada a partir de um estudo de caso de dois irmãos, uma menina de três anos e meio e um menino de dez anos. O estudo de caso se

¹ Como Psicóloga Jurídica na Casa de Acolhimento Estrela Guia de Torres\RS, única instituição que acolhe na cidade, além de acolher também a demanda de mais seis cidades vizinhas da região. Num primeiro momento, o trabalho desenvolvido era voluntário, vinculado à 2ª Vara da Infância e Adolescência da Comarca de Torres\RS, realizado com muito amor e doação. Com o aumento da demanda dos casos, fui oficialmente contratada pela Prefeitura de Arroio do Sal, em julho de 2007 e passei a exercer minhas atividades na Casa de Acolhimento Estrela Guia de Torres\RS, a instituição onde desenvolvi serviço voluntário por três anos. Trabalho na mesma instituição até o momento há sete anos.

iniciou no momento da preparação das crianças para adoção e desacolhimento institucional, seguido do encaminhamento para a família substituta, início do estágio de convivência e construção do processo de parentalidade. Este acompanhamento se deu por um período de cinco meses, levando-se em consideração todo o processo adotivo de irmãos maiores, analisando-se o caso através de uma visão psicanalítica.

No entanto, cabe introduzir um breve histórico sobre o tema. Segundo Costa e Rossetti-Ferreira (2007), a prática da adoção sempre fez parte das civilizações históricas, podendo-se dizer que a mais ancestral das adoções é a de Moisés, citada na *Bíblia de Jerusalém* (1991). Termulus era filha do Faraó e adotou Moisés depois que o encontrou nas margens do rio Nilo, no Egito. Por sua vez, na Babilônia o Rei Hammurabi tornou-se famoso por ter mandado compilar o mais antigo código de leis escritas, conhecido como o Código de Hamurábi (1728/1686 ac.) que regrava a vida cotidiana do seu povo. O código disciplinava, também, minuciosamente a adoção a partir do inciso *XI - adoção, ofensas aos pais, substituição de criança*² - em dez artigos. Nessa época, chamada de pré-romana e romana, as regras do Código de Hamurábi eram também utilizadas na China, Egito, Índia, Grécia e Roma para regularizar a adoção. Já entre os Faraós, além do código, cada Faraó utilizava regulamentações próprias com relação às adoções para atender a seus interesses sociais, como na escolha de um sucessor e o fortalecimento de uniões, criando procedências genealógicas mais convenientes para Roma, como, por exemplo, nos casos de: Scipião Emiliano, César Otaviano, Calígula, Tibério, Nero e Justiniano (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007).

Na França, no início da Idade Moderna, após a queda da adoção na Idade Média, ocorre o renascimento desta prática. Nesta ocasião, Napoleão Bonaparte lançou o primeiro código moderno que regulamentava a adoção, tornando-se este fato um marco para a história. O código tinha um forte caráter político em função de que Bonaparte não possuía filhos e precisava de um sucessor para seu trono (Coulanges, 1961, Weber, 2001).

No entanto, com relação à evolução da adoção no Brasil, a primeira regulamentação foi a partir do Código Civil de 1916 com o objetivo de dar a oportunidade aos casais estéreis de terem filhos. Nesta época, a criança e o adolescente

² <http://www.culturabrasil.pro.br/hamurabi.htm> (site consultado em outubro de 2009)

não eram tratados como sujeitos de direitos e deveres no conjunto de relações jurídicas, sendo considerados "menores objetos". Com o passar do tempo, o legislador brasileiro percebeu a importância que a adoção poderia ter para proteção da criança e do adolescente e regulamentou-a nos adentros das leis nº 3.133/1957, 4.655/1965, 6.697/1979 do chamado Código de Menores.

Todavia, ainda restavam questões abertas e limitantes no Código de Menores. Desta forma, com a Lei nº 8.069/1990 que instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, a adoção deixou de privilegiar a figura do adotante para passar a proteger, acima de tudo, os interesses do adotado. Ficaram estabelecidos os direitos e deveres das crianças e dos adolescentes, além de fixado as responsabilidades do Estado, da sociedade e da família com o futuro das novas gerações, trazendo uma nova visão e postura frente à infância e adolescência. Neste sentido, a Carta Constitucional de 1988, art. 227 insere, no ordenamento jurídico brasileiro, o princípio da Doutrina da Proteção Integral, tanto como o Estatuto, traz avanços fundamentais quando passa a considerar a criança e o adolescente: *sujeitos de direito; pessoas em condições peculiares de desenvolvimento; e de prioridade absoluta*. Inverteu-se, desde então, o foco da prioridade. No sistema jurídico anterior, privilegiava-se o interesse do adulto. Com a Nova Carta, o interesse a ser preservado, em primeiro plano, passa a ser o da criança.

Em 3 de agosto de 2009, o ECA sofreu reformulações que passaram a vigorar pelo Senado Federal no dia 04 de novembro de 2009. Além disso, foi instituído o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária, que tem a finalidade de abolir com a cultura da institucionalização de crianças e adolescentes e fortalecer o paradigma da proteção integral e da preservação dos vínculos familiares e comunitários tão preconizados no ECA. “*O fomento à cultura de valorização, respeito e promoção da convivência familiar e comunitária, constitui o cerne do Plano Nacional, que reconhece a família como o ambiente de excelência para o desenvolvimento da criança e do adolescente*” (Brasil, 2006). Dessa forma, o Plano foi considerado um marco nas políticas públicas no Brasil, auxiliando os profissionais a constituir parâmetro para a reflexão e reorientação das práticas cristalizadas de atendimento à família, à criança e ao adolescente modificando e buscando caminhos para promover a convivência familiar e comunitária. Nos casos excepcionais, então, quando realmente não se tem com se reintegrar a

família, “*é que se deverá proceder à busca por uma colocação familiar definitiva, por meio da adoção*” (Brasil, 2006, p. 39).

Neste sentido, as disposições contidas na Lei nº 12.010/2009 em linhas gerais, reafirmam o Código Civil (2002, arts. 1.618 – 1.629) sobre a dispensa do consentimento dos pais biológicos com relação à adoção do filho. Apontam que existem duas hipóteses nas quais o consentimento é dispensado, quando os pais são desconhecidos ou estão destituídos do poder familiar. Nesses dois casos, a criança³ pode estar exposta a situações prejudiciais para o seu desenvolvimento, sem nomeação de tutor ou guardião, além das hipóteses de órfão não reclamado por qualquer parente, por mais de um ano (arts. 1621 e 1624 do CC). Além disso, a inovação está nos casos de destituição em que os genitores concordam com a entrega espontânea de seu filho para a adoção, sendo um processo mais rápido e ágil, o que evitaria acolhimentos institucionais. A guarda ou tutela é revogável até a publicação da sentença constitutiva da adoção – *Transito Julgado*. O dispositivo poderá gerar insegurança aos pretendentes à adoção, bem como à criança, em razão da possibilidade conferida aos pais biológicos de reverem sua decisão, em momento em que o adotando já se encontra, muitas vezes, na guarda dos requerentes à adoção. Porém, cabe ressaltar que o novo texto não exime o magistrado de apurar, no caso real, a situação mais favorável à criança, deixando em segundo plano o interesse dos adultos envolvidos (Azambuja, 2004). Além disso, nos casos específicos da adoção de crianças maiores, tratando-se de adotando adolescente maior de 12 anos, o seu consentimento será indispensável e escutado em audiência (art. 45, § 2º, do ECA, Pachá, Júnior & Neto, 2009).

A Adoção da Criança Maior é caracterizada pela criança que tem mais de dois anos de idade (Vargas, 1998). Neste modelo de adoção a criança é vista como participante do seu processo adotivo, pois sua história de vida e identidade pessoal perpassa na construção da parentalidade (Solon, 2008). Portanto, observa-se que a adoção é um processo que possui interfaces jurídicas, histórico-sociais, psicológicas, constituindo-se como um tema complexo que demanda uma análise compreensiva profunda de todos os elementos envolvidos, no presente caso, o estágio de convivência e adaptação de crianças maiores.

³ Neste trabalho o termo criança será utilizado tanto para designar criança como adolescente.

Na *Seção I* da dissertação, apresenta-se o Artigo de Revisão Teórico da Literatura intitulado: “*Psicanálise, Filiação e Adoção de Crianças Maiores*”. Neste trabalho, buscou-se ancoragem em conceitos caros à psicanálise, tais como, desejo, inconsciente, complexo de Édipo, identificação, romance familiar, narcisismo e filiação simbólica. Esses conceitos são indispensáveis para a abordagem do tema da adoção. Pois, discutir sobre adoção implica em falar de estrutura, de conceitos basilares, sendo que na pesquisa se tratará de crianças – seres em tempo de estruturação psíquica que conduzirá ao adulto que será ulteriormente –, e daquele que pretende ocupar a função parental para elas – função estruturante (Hamad, 2002). Foram também importantes, neste desenvolvimento teórico, as obras os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1988), *Romances familiares* (1909/1908/1988), *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), *Inconsciente* (1915a) *O instinto e suas vicissitudes* (1915b/1988) *Identificação* (1921a/1988), *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921b/1988), *Dois verbetes de enciclopédia* (1923/1922/1988) de Freud, dentre outras citadas ao longo do trabalho. Além disso, recorri a textos e formulações de outros psicanalistas que muito contribuíram nas elaborações sobre o tema e fundamentação de minhas hipóteses, tais como: Dolto, Hamad, Lacan, Levinzon, Melman. Entre outros autores Franceses com: Lévy-Soussan, Marinopoulos, Kaës e Trindade-Salavert.

Já na *Seção II*, apresenta-se o Artigo Empírico, intitulado: “*Processo de Filiação: um estudo de adoção de dois irmãos maiores*”, que tem como objetivo contribuir para o campo das pesquisas atuais sobre a adoção de dois irmãos maiores. Focalizou-se aí a importância da seleção, preparação e acompanhamento do processo adotivo prevenindo, assim, as devoluções de crianças.

No Anexo A, consta o *Relatório de Pesquisa* referente ao estudo de caso da adoção dos irmãos maiores. Esse documento consiste na descrição detalhada do método escolhido para o processo de investigação da pesquisa, da coleta dos dados, da análise, e resultados obtidos. Enfim, como se deu o processo de tornar-se pai, mãe e filhos na adoção de irmãos maiores.

SEÇÃO I – ARTIGO DE REVISÃO DA LITERATURA

PSICANÁLISE, FILIAÇÃO E ADOÇÃO DE CRIANÇAS MAIORES

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar de forma sistemática alguns dos principais estudos da literatura psicanalítica sobre a filiação adotiva no que concerne ao inconsciente do casal parental como o da criança maior. Inicialmente, porém, discute-se o processo de adoção, apresentando-se os aspectos jurídicos e as pesquisas realizadas, seguida da discussão psicanalítica sobre filiação. Como se pode verificar, a filiação adotiva envolve alguns eixos psíquicos, tais como: não desejo, desejo, narcisismo, lutos, fantasias, identificação, complexo de Édipo, romance familiar e filiação. Dessa forma, o processo de constituição da filiação adotiva abrange investimentos afetivos e agressivos na conquista de um lugar como filho. Além disso, a partir dos estudos de diversos pesquisadores, percebeu-se que os acompanhamentos pré e pós-adoção auxiliam e promovem a re-fundação filiativa.

Palavras-chave: psicanálise, filiação, adoção, identificação e romance familiar.

PSYCHOANALYSIS, AFFILIATION AND ADOPTION OF OLDER CHILDREN

Abstract

The purpose of this article is to present some of the main psychoanalytical studies on children's adoption, regarding the unconscious mind of both parents and older kid. It begins with the discussion of the adoption process, which includes legal aspects. Then, a psychoanalytical debate on affiliation is provided. Adoptive affiliation involves psychoanalytical concepts such as familiar affiliation, non-desire, desire, narcissism, grief, fantasy, identification, Oedipus Complex and familiar romance. The adoptive affiliation process requires libidinal and aggressive cathexis in order to establish the place of the son/daughter. Pre and post adoption monitoring assist and enhance the re-affiliation.

Keywords: psychoanalysis, affiliation, adoption, identification and familiar romance.

Introdução

... um filho que não seria a imagem de sua mãe, de seu pai, ou de seu suposto patrimônio genético, mas que terá seu lugar como sujeito na medida em que algo faz ruptura e dá ao laço familiar um valor simbólico (Nazir Hamad).

A adoção é uma palavra com descendência do latim, *adoptio*, que significa adotar. Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2009), adoção é a aceitação voluntária e legal de uma criança como filho. Aprimorando o termo e em conformidade com a Organização Mundial de Saúde, Paiva (2004) conceitua que a adoção é a maneira mais completa de reconstruir as relações familiares, promovendo relações de parentalidade para uma criança ausente de família.

Adotar é dar a chance a uma criança e/ou adolescente privado de família de crescer e se desenvolver em uma comunidade e linhagem familiar. Crescer tanto no físico como no psíquico, recomeçando a vida, inserido numa descendência de forma definitiva, irrevogável e com todos os vínculos próprios da filiação (Souza, 2009).

O parentesco por adoção representa juridicamente a descendência dos pais para o(s) filho(s), sem que necessariamente a criança tenha ligação biológica paterno-filial. Todavia, cria direitos e deveres recíprocos de uma família. Adotar um filho é uma decisão e planejamento para a vida, não um mero contrato que se possa rasgar e jogar fora. Não há certezas do futuro na adoção (Souza, 2009). Há a concretização de um sonho que re-fundou a família (Trindade-Salavert, 2010). É um ato de amor que transforma uma criança sem laços biológicos no filho que se desejou ter.

A partir das guerras mundiais, aumentou consideravelmente o número de órfãos e também os estudos sobre crianças acolhidas institucionalmente, tais como os trabalhos de Winnicott (1987), Dolto (1999) e os estudos sobre o desenvolvimento infantil, Bowlby (1989) e Spitz (1988). Dessa forma, a adoção passou a ser utilizada como uma maneira de suprir a ausência materna e familiar para que fosse evitado o surgimento de psicopatologias (Solon, 2008). No entanto, a legislação sobre adoção no Brasil, somente começou a se estruturar no início do século XX com o Estado Moderno.

Nessa época, pesquisadores de psicologia salientavam a importância das fases estruturais da infância para o desenvolvimento e a formação da personalidade adulta. Neste sentido, o poder público passou a perceber que a inserção da criança em uma família seria essencial para torná-la um adulto mais fecundo (Solon, 2008). Posteriormente, com o Código do Menor (1979), privilegiou-se o encaminhamento de

bebês para casais inférteis. Dessa forma, as casas de acolhimentos institucionais passaram a ter um grande número de crianças maiores e sem famílias (Vargas, 1998). Além disso, a lei previa duas modalidades de adoção: a simples (revogável) e a plena (irrevogável). Com isso, muitas crianças acabavam sendo devolvidas após algum tempo de terem sido adotadas. Tal situação, em conjunto com a mobilização social, provocou uma discussão sobre a lei em torno da criança e do adolescente e, conseqüentemente, sobre a adoção.

Na década 90, surge, então, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que foi criado para garantir o direito à convivência familiar a todas as crianças e adolescentes, na forma prevista pela lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 – ECA, incluindo as reformulações de 03 de agosto de 2009, que entraram em vigor pelo Senado Federal no dia 04 de novembro de 2009. Dessa forma, normatiza também que o tempo de permanência no acolhimento institucional deve ser temporário, de no máximo dois anos, salvo justificativa do magistrado. Já nos casos com êxito, deve haver o retorno à família de origem. Porém, isto não é a regra e a adoção se torna uma estratégia de inserir a criança e\ou o adolescente no convívio familiar e comunitário. Por último, observa-se que a introdução de uma criança numa família não é resultado da simples disposição legal, há toda uma dimensão afetiva e simbólica que na psicologia se traduz pelo conceito de filiação. Neste artigo, iremos, portanto, discutir o processo de adoção, apresentando os aspectos jurídicos e psicológicos, seguidos da discussão psicanalítica sobre filiação.

Adoção e Legislação

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) preconiza que sua população tenha direito a convivência familiar e comunitária, priorizando o direito da criança e do adolescente de ser criado e educado em sua família e, em último caso, em uma família substituta, assegurando um ambiente idôneo e convivência comunitária e social. Sendo assim, a colocação em família substituta pode ser realizada através da guarda, tutela ou adoção e consiste em promover o direito do infante ou púbere impossibilitado de permanecer com sua família biológica. A colocação em família substituta é a medida mais extrema e específica de proteção à criança ou adolescente, aplicável sempre que seus direitos forem ameaçados ou violados (arts. 28 a 32).

As causas de suspensão do poder familiar são elencadas no ECA e no Código Civil e referem-se, portanto, à falta de deveres dos responsáveis por abuso de autoridade, negligência, incapacidade, violência doméstica, impossibilidade de exercer o poder familiar e privação dos direitos do infante e do púbere, emprego do filho em ocupação proibida, ou manifestamente contrária à moral e\ou aos bons costumes, colocação em risco à vida, à saúde ou à moralidade do filho. Isto é, produzindo situações de vitimização da criança e\ou do adolescente.

Entretanto, a compreensão da vitimização refere-se a um acontecimento complexo, multicausal que, por conseguinte, envolve uma conjuntura de fatores (Albornoz, 2009). Conforme Morales–Huet, (1999), as crianças vitimizadas, de maneira geral, são provenientes de famílias em situação de conflito psíquico, social e com problemas diversos, tais como, as proles cujos pais sofreram renúncia, repúdio e\ou perversidades na infância, ou são dependentes de entorpecentes, inseridos na criminalidade, no desemprego, na miserabilidade, e sofrendo exclusão social (Albornoz, 2009). Segundo Ogata, et al. (1990), são famílias desestruturadas, que não resguardam seus membros e falham em atender as necessidades básicas de seus dependentes, utilizando a violência doméstica com forma de educá-los (Albornoz, 2009). Algumas dessas crianças são moradoras de rua, órfãs, e sofreram abuso sexual (Carvalho, 2008). Todavia, as famílias que vitimizam seus filhos não são as únicas responsáveis por tal condição, elas fazem parte de um sistema maior que também é falho. As famílias abandonantes ou maltratantes também foram abandonadas pela sociedade (Albornoz, 2009), portanto, os fracassos familiares são também fracassos sociais (Spitz, 1988).

Quando algum destes tipos de violências ou todos eles estão ocorrendo é importante a retirada do infante e do púbere do convívio do agressor. Para tanto, o Conselho Tutelar, Ministério Público e o Judiciário atuam como agentes facilitadores, tentando encontrar um parente de sua família biológica e\ou extensa na tentativa de restabelecer o convívio comunitário. Quando isso não é possível, em última instância, encaminha-se a criança e\ou adolescente para uma instituição de acolhimento. Deste modo, a institucionalização tem como finalidade solucionar um problema inusitado para a criança que encontra no acolhimento uma excepcional maneira de precaver a repetição e dessa forma descontinuar a sucessão de violência (Albornoz, 2009). Segundo a mesma autora, os benefícios de viver em uma instituição de acolhimento, temporariamente,

justificam-se nos casos em que viver em família, quando a violência já está instalada na relação, é uma impossibilidade real.

Infelizmente, o que habitualmente se avista nos processos jurídicos dessa ordem são constatações de que os responsáveis não oferecem as ínfimas condições para proporcionar os cuidados básicos que a progênie necessita para seu desenvolvimento biopsicossocial⁴. Dessa forma, as instituições de acolhimento aumentam em números os acolhidos por variados motivos de vitimização. De outro vértice, há poucos relatos de planos de atendimentos terapêuticos, buscando a reinserção social dessas famílias, com eficaz acompanhamento técnico e adequada avaliação (Azambuja, 2004). Dessa maneira, os casos que não tiveram sucesso de retorno para a sua família, têm a possibilidade de serem encaminhados para casais habilitados para a adoção através da guarda provisória.

A guarda provisória, como seu próprio nome sugere, não é um contrato anulável simplesmente, mas um documento essencial, representante adicional da certidão de nascimento da criança. Os pais adotivos precisam desse documento para legalizar o vínculo que neste momento estará em processo de construção, dia a dia. Portanto, com a guarda os pais e a criança têm os mesmos direitos e deveres do que uma família biológica. No entanto, a guarda pode ser revogável, motivo este que é crucial o acompanhamento do estágio de convivência para análise do processo adotivo (Pachá, Júnior & Neto, 2009).

Conforme o ECA (2009), toda adoção será precedida de um estágio de convivência pelo prazo padrão de um mês, tanto para o bebê como para a criança ou adolescente. Este estágio poderá ser dispensado se o adotando já estiver em companhia do adotante durante tempo suficiente que permita avaliar como conveniente ou não a constituição efetiva do vínculo afetivo (art. 46).

No entanto, Pilotti (1986) menciona que o estágio de convivência com a criança maior apresenta especificidades, até porque a criança maior se posiciona ativamente na construção filiativa (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007). Contudo, qual a idade que deverá ter a criança para ser considerada maior? A *adoção de criança “maior”* é um adjetivo usado para mencionar “a adoção de crianças com mais de dois

⁴ BRASIL. Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. Apelação Cível n. 70003044427, Sétima Câmara Cível, Relator Des. Luiz Felipe Brasil Santos, 22 de maio de 2002, Porto Alegre.

anos de idade” (Vargas, 1998, p. 35). “*Considera-se maior a criança que já consegue se perceber diferenciada do outro e do mundo, ou seja, a criança que não é mais um bebê, que tem certa independência do adulto para satisfação de suas necessidades básicas*” (Vargas, 2007, p. 01).

Em suma, a adoção compreende um projeto de filiação diferente da filiação biológica, pois a adoção envolve muito mais uma gestação imaginária, uma gestação psíquica, ou seja, “*fecundidade psíquica sustentada na palavra*” (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010a, p. 23). Assim, essa característica torna o papel do acompanhamento familiar, tanto na pré como na pós-adoção, um facilitador dessa gestação psíquica. Acompanhamento esse que se dá a partir da palavra, independente da modalidade de adoção, seja de bebês como de crianças maiores e\ou de adolescentes.

Acompanhamento Pré e Pós na Adoção

Conforme Campos e Ghesti (2000), por ser a adoção irrevogável, antes do transito julgado, o estudo psicossocial e\ou a avaliação psicológica da criança adotada torna-se um instrumento relevante ao magistrado para que se garanta o cumprimento da lei com relação ao bem estar da criança em questão, prevenindo abusos, negligência, rejeição e devolução. O ideal é o acompanhamento psicológico do processo adotivo, o qual possibilita transformações, favorecendo a família adotiva com uma escuta especializada, orientando e fazendo aconselhamento terapêutico e encaminhamentos necessários (Campos & Costa, 2004).

A partir de seus estudos, Weber (1997, 2001) e Weber e Cornélio (1995) indicam que a preparação para a adoção serve como suporte das reflexões acerca das motivações, medos, fantasmas, riscos, desejos... E deve ser sempre contínua. Todos nós estamos sempre em processo de construção e reconstrução. Uma preparação para se ter um filho significa, resumidamente, tomar consciência dos limites e possibilidades dos outros, do mundo e de si mesmo (Weber, 1997).

Além disso, novos procedimentos foram regulamentados, tal como o fato dos candidatos à adoção precisarem, obrigatoriamente, se submeter a um processo de avaliação, seleção e preparação para a constituição da família adotiva, realizado por um corpo técnico, preferivelmente assistentes sociais e psicólogos do Judiciário ou, então, do Município. As novas regras do ECA (2009, art. 50, § 3º e 4º) ainda prevêm um trabalho sistemático de acompanhamento do estágio de convivência e orientação da

criança e da família em todo o processo de adoção. Isso promove o conhecimento sobre o assunto amenizando, desmistificando o preconceito com relação à adoção de criança maior e prevenido devoluções dessas crianças (Campos & Costa, 2004, Ebrahim, 2001, Paiva, 2004, Pachá, Júnior & Neto, 2009, Vargas 1998, Weber, 1997, Weber & Kossobudzki, 1996).

Neste sentido, a preparação para a adoção promove esse repensar e possibilita mudanças quanto ao perfil de características físicas e psicológicas da criança desejada. O acompanhamento psicológico pode atuar visando conscientizar os pais acerca da possibilidade de haver diferença entre a criança que esperam adotar, imaginária e, a criança real. O reconhecimento desta diferença e a compreensão dos desafios específicos apresentados pela adoção permitirão uma melhor adequação ao papel de pais adotivos (Gondim et. al., 2008)

A adoção de uma criança ou adolescente, mais do que uma questão jurídica, constitui-se em uma postura diante da vida, em uma opção, uma escolha, um ato de filiação, que tem sua raiz no desejo de cada indivíduo, envolvendo não só uma pessoa, mas, no mínimo, um grupo de pessoas ou grupos familiares. Sentimentos variados afloram em seus protagonistas, tais como: sentimentos de rejeição, de perda, de dor, de abandono, de luto, de dúvidas, de ambivalência, de alegria, de expectativa, de doação, de esperança e de vida. Por esta razão, os profissionais da psicologia necessitam compreender as circunstâncias que acompanham a opção de quem decide abdicar do desejo de constituir família, de quem deseja adotar uma criança e de quem espera, ansiosamente, a possibilidade de uma família adotiva, um lar (Souza, 2009).

Dessa forma, Levinzon (2006) sinaliza, também, a importância do acompanhamento de orientação psicológica do processo adotivo. O acompanhamento funciona como forma de prevenção de distúrbios na relação familiar e no equilíbrio emocional do filho. A criança necessita de um período de tempo para assimilar as mudanças que ocorreram e ocorrerão na sua vida, de maneira que sejam facilitadas a convivência, e a construção dos vínculos numa configuração que a família adotiva irá conduzir nesse processo de adaptação (Campos & Costa, 2004). Assim, parafraseando Weber e Kossobudzki (1996, p. 124), *“será que a sociedade não é capaz de mudar, de preparar as pessoas e proporcionar de fato o encontro de pais para todas as crianças?...”*.

Nesse sentido, destaca-se que a psicologia tem contribuído através de pesquisas sobre adoção de crianças através de diversos aspectos voltados tanto para a etapa inicial de adoção em si como também para o acompanhamento do processo de filiação e re-fundação da família. No presente trabalho, damos destaque à situação envolvendo a adoção de crianças maiores.

Contribuições das Pesquisas sobre a Adoção

A adoção de crianças maiores, como tópico de investigação completa, no Brasil, quinze anos. Portanto, de acordo com alguns pesquisadores, está em plena juventude (Levinzon, 2006, Weber & Cornélio, 1995). Dessa maneira, segundo Ebrahim (2001a), a maioria dos artigos científicos no Brasil, em número ínfimo, expõe casos psiquiátricos e clínicos, causando um pensamento distorcido sobre a adoção da criança maior e agregando-a a problemas, fracassos e decepções (Vargas, 1998, Weber, 1996)

Por outro lado, os estudos sobre adoção da criança maior estão gradualmente aumentando, o que tem possibilitado mais informações, divulgações e discussões a respeito do tópico. Isso também pode ser observado no crescente número de associações, grupos de apoio à adoção, boletins de informes dos grupos de famílias adotivas e pretendentes à adoção espalhados pelo Brasil e no mundo. Além disso, encontramos revistas científicas, livros técnicos e autobiográficos, sites, blogs, dirigidos para desmistificar alguns conceitos estabelecidos e pensamentos equivocados sobre esta modalidade de adoção. Assim sendo, Ebrahim nos diz que temos que publicar os casos bem sucedidos de adoções de crianças maiores. A autora se refere aos casos em que a adoção possibilitou a essas crianças o privilégio de terem sido criadas por uma família adotiva que proporcionou amor, carinho e suporte psicossocial necessário para a constituição da filiação, ao invés de crescerem numa instituição de acolhimento, vivendo um abandono verdadeiro que traz consequências traumáticas para a vida adulta (Ebrahim, 2001a, Maldonado, 1995).

No entanto, o levantamento de revisões bibliográficas sistemáticas realizadas por pesquisadores da área sobre o tema da adoção, de um modo geral, indica, ainda, a preferência pelas adoções de bebês. Ou seja, meninas, mais parecidas fisionicamente com a família adotiva, tendo a mesma etnia e recém-nascidas. Tais preferências alimentam o mito cultural de que as meninas são mais fáceis e mais simples de educar e se adaptam rapidamente com a reintrodução familiar. Aspectos esses que são

considerados como facilitadores da vinculação na adoção. Entretanto, são situações nas quais as pessoas buscam realizar as adoções baseadas fortemente nos modelos de concepções clássicas de maternidade, paternidade e família. Nesses casos, valoriza-se o modelo biológico paterno-filial e de alguma forma, esses casais buscam imitar a família consanguínea pelo meio da adoção. Uma maneira, também, de negar a adoção e a história pregressa da criança, como se isso fosse possível, negar o real do nascimento, o parto (Campos & Costa, 2004, Costa & Rossetti-Ferreira, 2007, Levinzon, 2006, Paiva, 2004, Vargas, 1998, Weber, 1997).

Além disso, as pesquisas apontam que os adotantes apresentam medo com relação às adoções de crianças maiores. O temor é baseado no estigma e conceitos preconcebidos na sociedade sobre as crianças maduras, as quais são marcadas por suas vivências anteriores, muitas vezes carregadas de sofrimentos e traumas, além de sua hereditariedade genética, ou ainda, hábitos ruins contraídos na instituição de acolhimento (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007, Vargas, 1998, Weber, 2000, Weber, 2001).

Todavia, nossa sociedade reconhece primordialmente como modelo cultural padrão representante das experiências paterno-filiais o hábito de gerarmos e darmos a luz a um nenê para depois tornarmos pai e mãe. De certa forma, nossa própria cultura anda na contra mão da promoção da adoção de crianças maiores, não reconhecendo e dificultando o exercício das funções parentais com crianças acima de dois anos. Por outro lado, a necessidade real de cuidados básicos que um neonato precisa, devido à sua imaturidade neurológica para a sua sobrevivência, facilita, estimula e beneficia uma instantânea vinculação afetiva com os pais adotantes (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007, Paiva, 2004, Vargas 1998, Weber, 2001)

O pensamento ocidental representa e caracteriza a família, a partir dos laços de sangue, tendo o caráter genético como essencial. Romper com essa representação de família clássica é crucial para o sucesso da adoção, possibilitando, assim, o engajamento espontâneo e afetivo dos membros da família, sem preconceitos e apaziguando os sofrimentos. As famílias que demonstram dificuldades com os diferentes modelos de ascendência e, conseqüentemente, com a adoção de criança maior, devido à essa concepção de família genética, tendem a calar a história pregressa de vida das crianças e sua história adotiva (Hamad, 2002, Levinzon, 2006, Solon, 2008).

Por outro ângulo, a criança maior se posiciona interativamente na relação familiar, ajustando a afetividade e agressividade na constituição de sua relação filial, incluindo-se na família de modo mais funcional que um neném, concordando, discordando e negociando as posições que lhe são atribuídas. Dessa forma, inicialmente, o conflito familiar é peculiar e constitutivo da relação de parentalidade. Devido à capacidade de diálogo e recordações de suas vivências a criança maior se mostra um ser em desenvolvimento e exige diversas maneiras de se vincular afetivamente. Entretanto, tal posicionamento também pode se relacionar a uma dificuldade prévia da criança de estabelecer a relação de filiação (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007). Nesses casos, as famílias necessitam de suporte simbólico para dar conta dos preconceitos e da idéia de que normalidade é ter as construções familiares padronizadas de pai, mãe e filho biológico. Essa proposta comporta um novo projeto de família e filiação, atribuindo novos significantes ao ser pai, mãe e filho, diferente das adoções tradicionais de bebês (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007, Ebrahim, 2001, Levinzon, 2006, Vargas, 1998, Weber, 2000, Weber & Cornélio, 1995, Weber & Gagno, 1995).

Todavia, concordamos com diversos pesquisadores que fizeram um levantamento histórico da adoção no Brasil e constataram que, por muitos anos, o melhor interesse da criança não foi levado em consideração atrasando a mudança de significações sobre a função materna, paterna e a filiação adotiva. A tendência é que com o passar do tempo, mude e evolua ainda mais o pensamento da sociedade sobre a promoção de famílias substitutas para as crianças e adolescentes existentes nas casas de acolhimentos pelo país. Precisa-se de tempo, diálogo, comunicação, informações, campanhas para que se promovam as mudanças necessárias para a total adesão das ditas adoções modernas (Campos & Costa, 2003, Ebrahim, 2001, Levinzon, 2006, Vargas, 1998, Weber, 2000, Weber & Cornélio, 1995, Weber & Gagno, 1995).

Portanto, com o aumento das pesquisas sobre a adoção de crianças maiores alguns autores (Campos & Costa, 2003, Costa & Rossetti-Ferreira, 2007, Ebrahim, 2001a, Vargas, 1998, Paiva, 2004, Prynne, 2001, Rushton, 2003, Weber, 1996, Weber, 2001) indicam a necessidade de mais estudos relativos à maternidade, paternidade e filiação em processos de adoção e de acompanhamento dos pais no processo da construção da parentalidade adotiva.

Dessa forma, aderimos aos pesquisadores da área sobre a relevância da necessidade de mais pesquisas que favoreçam um repensar sobre maternidade,

paternidade e filiação na adoção de criança maior e de irmãos maiores contemplando o processo de re-fundação familiar focando no constituir-se pai, mãe e filho. Assim, diversos autores salientam a importância dos acompanhamentos de pré-adoção, como promotores de diálogos sobre o tema, dissecando os preconceitos, e auxiliando na constituição da filiação. E, após a adoção, o acompanhamento auxilia o envolvimento afetivo dos pais com a criança e vice versa (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007, Ebrahim, 2001, Levinzon, 2006, Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010a, Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010b, Trinidade-Salavert, 2010, Vargas, 1998, Weber, 2001).

Entretanto, a adoção não envolve somente o aspecto legal, social e cultural, mas, principalmente, o aspecto emocional da filiação. Portanto, veremos os aportes dos autores psicanalíticos a respeito da estruturação do sujeito na filiação adotiva. Para isso, considerar-se-á fundamental a desvinculação das adoções de crianças maiores do lugar de estigmatização, a elaboração do luto e a reparação do filho biológico não gerado, para que se possa imaginar o filho adotivo e aceitá-lo na fantasia (Fiori, 1984, Lenvizon, 2006).

Teorias Psicanalíticas, Filiação e a Adoção

Conforme Ceccarelli (2002), é preciso compreender a questão da filiação familiar da criança considerando o contexto das transformações sociais que vem ocorrendo já há algumas décadas em relação a questões comportamentais, de valores e de identidade. Assim, o autor coloca que essas não são, em seu cerne, acontecimentos totalmente novos, podendo ser avaliadas como “*reorganizações coletivas*” (Ceccarelli, 2002, p. 88), envolvendo temas sobre a sexualidade, formas de procriação, opção sexual, modelos de famílias (homoparentalidade, monoparentalidade e heteroparentalidade) e, principalmente filiação (biológica, artificial e adotiva). Essa gama de alterações sociais traz diversos desdobramentos com implicação direta na vida do sujeito ao que chamamos “*crise das referências simbólicas*” (Ceccarelli, 2002, p. 89, 90). Isto é, não há uma maneira exclusiva de subjetivação, porém, tais mudanças nos modos de filiação produziram a chamada “*crise das referências simbólicas*” (Ceccarelli, 2002, p. 90) em relação à fragilização das filiações e do patriarcado. Por outro lado, as “*crises das referências simbólicas*” (Ceccarelli, 2002, p. 94) não alteraram os processos de subjetivação, pelos quais a criança passa na constituição do processo de parentalidade. O poder do simbólico apresenta-se na subjetividade do

sujeito, a partir da metáfora e das funções parentais. Porque as funções parentais não correspondem nem aos pais biológicos tampouco às pessoas físicas de pais e, sim, aos lugares psíquicos ocupados por sujeitos desejantes

Portanto, as “*crises das referências simbólicas*” (Ceccarelli, 2002, p. 89, 90) e fragilização das filiações provocam uma diminuição dos vínculos e referências às tradições do sujeito, ao mesmo tempo em que o joga de maneira resistente “*à pulverização e fragmentação das suas referências identitárias*” (Parreira & Justo, 2005, 179). O sujeito começa a procurar alternativas de filiação que ultrapassem as tradicionais, como a linhagem e a instituição escolar e, em substituição, fazem emergir grupos de diversas formas de filiação produzidos na sociedade que superam a regra ou o estabelecido (Parreira & Justo, 2005). Tal é o caso da possibilidade de filiação por adoção.

Assim se na visão legal e social existem regras bem estabelecidas que definem uma família, na visão da psicanálise “*a família humana não é um fato biológico, mas uma instituição cultural que representa um papel primordial na transmissão dessa cultura*” (Hamad, 2002, p. 98). Afinal, “*todas as crianças passam por uma adoção, pois o peso da carne não é suficiente para fundar a existência delas*” (Melman, 2002, p. 13). A questão de um casal conviver junto e ter filhos não indica que componha uma família. Além do mais, existem diversas outras configurações de membros de famílias mistas, sem vínculos sanguíneos que se sentem membros da família. Então, o que constrói uma família e une os seus membros são os laços afetivos, de investimentos ambivalentes que carregam correntes afetuosas e agressivas. Toda a família terá seus conflitos e suas questões a resolver, pois a família é marcada pela rivalidade entre os seus membros, através do ódio entre os irmãos, pelo ressentimento para com os pais, entre outras tantas situações (Ceccarelli, 2002).

Mas, afinal, qual é a definição para constituição familiar? A constituição familiar não vem do genético, porque se assim o fosse, as famílias adotivas decorreriam de uma operação inútil. O que constitui a família é, sim, a subjetivação que permite que o infante inscreva-se simbolicamente numa linhagem, devido à estruturação e posicionamento de cada um de seus pais, principalmente da mãe com relação ao falo (Dolto & Hamad, 1998). “*É essa posição que determina o lugar da criança na economia psíquica de cada um e, conseqüentemente, a natureza de sua entrada no Édipo*” (Hamad, 2002, p. 93).

Conforme Freud (1915/1988), é o desejo parental por um filho que possibilitará a reprodução simbólica por parte do casal e sucessivamente a introdução da criança na filiação, a partir do investimento libidinal. Segundo Ceccarelli, “*o principal para que o sujeito se constitua é que ele seja simbolicamente reconhecido pela palavra do Outro, encarnado, na maioria das vezes, pelos pais. É este reconhecimento, responsável pela inscrição do sujeito na função fálica, que transformará a criança – a partir do real de sua anatomia (sexo) – em ser falante homem ou mulher*” (2002, p. 91).

Nesse sentido, podemos referir que a família funciona em termos de dispositivo psíquico. O laço familiar se oferece aos indivíduos segundo regras, prescrições e interditos recaindo sobre a parentalidade, a filiação, as obrigações parentais, ou ainda sobre o princípio da diferença dos sexos e das gerações. A diversidade das relações de convivência estabelecidas no grupo familiar e a função de filiação nos mostram que a família e o ser pais são construídos segundo o período histórico e a cultura da sociedade. O grupo familiar constitui uma cena na qual se lançam a sexualidade e as identificações sexuais para o sujeito. A família, então, pela pertinência que solicita de seus membros, desempenha uma função no real, no imaginário e no simbólico das construções subjetivas e identitárias do sujeito (Gavarini, 2008).

Porém, mesmo sendo a adoção exercida em todas as civilizações, desde tempos remotos, ela ainda não está inserida na nossa cultura sem preconceitos. Muitos a veem como um modelo de filiação novo; arriscado e problemático. Pois falar abertamente sobre a adoção no Brasil é algo recente, iniciou-se com os grupos de apoio à adoção que surgiram para conscientizar a população e preparar os adotantes (Weber, 2001). Reflexo talvez de uma cultura que valoriza em demasia a “*lei de sangue*” (Dolto & Hamad, 1998, p. 86) e demonstra preconceitos com relação à adoção, tema que parece carregar atributos de infertilidade, abandono, renúncia, vitimização dos envolvidos e doação – pais adotivos, genitores e crianças (Hamad, 2002).

Por outro lado, na visão da psicanálise, se não houvesse abandono, não haveria adoção. No entanto, precavidamente os abandonos não satisfazem e não replicam a um “*não-desejo*” (Hamad, 2002, p. 88) de criança. O autor exemplifica que existem mulheres que renunciam à maternidade, a criar um filho e não necessariamente à

gestação, por motivos, algumas vezes, dignos. O motivo da entrega⁵ da criança é um fator essencial para se levar em consideração, sendo que o abandono não significa, prioritariamente, um “*não-desejo*” (*Ibid*)), uma rejeição de seus pais. O bebê pode ter sido desejado e muito, mas, por múltiplas razões, ser levado ao abandono. Por outro vértice, mesmo que o abandono tenha sido derivado de pais manifestando “*não-desejo de criança*” (Hamad, 2002, p. 87), o infante tem oportunidades de não ficar aprisionado neste lugar de “*não-desejo*” e passar ao lugar de desejo de seus pais adotivos, contando com estruturas psíquicas disponíveis para substituir os seus genitores (Hamad, 2002).

Contudo, o que é desejo para a psicanálise? Dolto e Hamad (1998) colocam que desejo para a psicanálise não é o mesmo que o desejo do querer consciente. O desejo é o motor que faz o ser humano viver “*em busca da afirmação de si, de sua criatividade, de alcançar sua potência adulta*” (p. 31). Existe um código que rege os desejos ao longo da nossa existência. “*O desejo é o que se fala e nunca é satisfeito completamente. É um impulso de vida que vai sempre mais longe do que a satisfação encontrada*” (p. 31).

Segundo Freud (1915a/1988), o desejo é inconsciente e constitui a essência de sua teoria. Desejo esse que nada se assemelha à necessidade biológica. O que difere essencialmente o desejo de necessidade (vontade) é que na necessidade a tensão interna é biológica, e encontra satisfação através de uma ação específica, visando um objeto que permite a redução da tensão. Enquanto que o desejo não implica uma relação com um objeto real, mas com um fantasma (falta). A necessidade requer satisfação, já o desejo jamais é satisfeito, ele pode se realizar em objetos, mas não se satisfaz com esses objetos. O desejo inconsciente não some, ele permanece imperecível, por ser justamente inacessível ao objeto.

Em princípio, Freud (1988/1900) é claríssimo ao explicar o arquétipo de constituição do desejo, com base na “*experiência de satisfação de uma necessidade*”. Um neonato, tomado pela fome, reclama, chora, e se agita motoramente tentando em vão apartar a insatisfação e restabelecer a satisfação original. Resumidamente, desejo, conforme Freud, é esse impulso para reproduzir alucinatoriamente uma satisfação original, isto é, um retorno a um objeto perdido, cuja presença é marcada pela falta.

⁵ Entrega foi um termo bastante estudado e empregado pela 1ª vez como substituição do termo abandono, de uma maneira, brilhante e desmistificadora de preconceitos por Motta, M. A. P. (2008) na sua pesquisa inovadora que intitula o livro: “*Mães Abandonadas: a entrega de um filho em adoção*”.

A questão do desejo, portanto, se constitui como um conceito chave para a filiação. No entanto, que desejos são expressos na adoção? São os desejos narcísicos, de preservação da espécie e de subjetivação individual, a partir de cada protagonista da família. Mas de que maneira podemos ter acesso aos desejos dos integrantes da família em processo de adoção? Através das entrevistas de seleção, avaliação e acompanhamento podemos ter pistas e idéias de que desejo fala a mãe e/ou pai e filho, pois os desejos são diferentes e nunca são revelados por completo. Conseguimos somente ter um caminho do lugar que a criança está sendo convocada a “*ocupar na economia psíquica dos futuros pais*” (Hamad, 2002, p. 78).

O projeto de nascimento de um filho, então, ultrapassa a concepção em si, envolve essencialmente um investimento narcísico. Um filho é um plano de continuidade narcísica, um traço de caráter, uma maneira de olhar o nome da família. Faz parte do ser humano (pai, mãe) imaginar que os filhos serão melhores, mais bonitos, mais bem sucedidos, mais inteligentes e que ganharam ali aonde eles perderam. Os filhos, quando nomeados, possibilitam aos pais um retorno ao seu próprio narcisismo, o que pode ser analisado nas situações, em que os pais usualmente proferem perfeições ao filho. É essencial para o processo de filiação a realização narcísica dos pais de se verem nos seus filhos. Além disso, o desejo de ter filhos envolve um desejo superior representado no desejo da imortalidade do ego. A transmissão pelos filhos da descendência proporciona psiquicamente ao ser humano a imortalidade (Freud, 1914/1988).

Segundo Ghirardi (2008), a adoção é uma forma simbólica de legitimação de filiação, exercida a partir de um projeto narcísico por excelência. Sendo que todo o projeto ligado à filiação é do âmbito do narcisismo, seja ela biológica ou adotiva. Os pais depositam no filho as suas frustrações e suas renúncias e também o que aspiram como ideal. Ou seja, “... *um filho que não seria a imagem de sua mãe, de seu pai, ou de seu suposto patrimônio genético, mas que terá seu lugar como sujeito na medida em que algo faz ruptura e dá ao laço familiar um valor simbólico*” (Hamad 2002, p. 79).

Conforme Werner (2002), a partir do desejo e dos narcisismos os pais, investirão simbolicamente neste filho, convocando-o a ocupar o lugar que essa falta enigmática representa. Dessa forma, devido às marcas narcísicas parentais nasce um filho: “*O que está em jogo na adoção de uma criança é o que vamos chamar aqui de "lavar", denotando o sentido dos verbos "lapidar", "corroer", "cunhar", "inscrever em tabelião" (em grande Outro), "explorar minas", "redigir", "escrever escrituras" (p. 2),*

A caminhada da filiação adotiva, coloca os pais em cheque com a lembrança do que falhou em algum momento da vida, pois a entrada da criança vai ser justamente a marca inconsciente da falta que vai ofertar as coordenadas essenciais e estruturais para a subjetividade desta.

Por outro lado, Melman (2002) aponta o fato de que pode não ocorrer o luto do filho biológico não gerado. Neste caso, Queiroz (2004) acrescenta que ao invés do filho adotivo ficar no lugar de pertencimento, ele permanece no lugar de estranheza. Dessa maneira, a entrada da criança na família adotiva pode-se dizer que é apreendida com estranheza duplamente. Primeiro, ela é abandonada ou recusada, porque percebida como estranha por sua genitora, e segundo, ela é estranhada pelos pais adotivos, porque não pertence ao mundo familiar, o da consangüinidade. Às vezes, tal sentimento de estranhamento pode ser projetado pelos pais adotivos para o exterior na forma do fantasma da rejeição social. Por outro lado, após o estranhamento, os pais adotivos através do desejo, assimilam seus filhos como pertencentes ao meio familiar.

Ao encontro das elaborações de Dolto sobre adoção de crianças, Hamad (2002) acrescenta que se o filho adotivo:

Se mostrar aquém da expectativa dos pais, é porque é o filho genético de um outro. Os pais adotivos podem não se reconhecer no que ele faz, particularmente quando seu fazer é vivido negativamente por eles. É aí que reside a dificuldade com a qual os adotantes podem se defrontar. Quando não se reconhece nos problemas da criança porque ela é geneticamente, outra, eles podem se preservar narcisicamente; isso os torna estranhos às manifestações de vida da criança (p. 82). (...) Adotar uma criança não é somente a sequência lógica dos procedimentos médicos; é um ato que deve ser relacionado a uma certa maturidade, uma certa disponibilidade psíquica que permite ao casal abrir-se para acolher em seu seio uma criança que não viria mais reparar uma injustiça ou suprir uma falta, mas, antes, em seu lugar no desejo de um casal (p. 83).

Conforme Dolto e Hamad colocam, é importante pensar o porquê em alguns casos, as famílias se permitem priorizar supremamente a “*lei do sangue*” (p. 86) sobre a estrutura da personalidade, assujeitando o humano no lugar de um simples animal mamífero. Nestes casos, são as características físicas que fazem alguém ser filho de alguém, reduzindo o sujeito a seus vínculos genéticos. As adoções desse tipo de situações não deveriam ser autorizadas (1998).

No entanto, Rosa (2008), em seu estudo teórico sobre crianças adotivas tentou elucidar *os lutos e fantasias* que invadem o processo adotivo, indo além do processo jurídico, focando-se na inscrição da criança na simbologia familiar. A autora baseou-se

na narratividade da experiência clínica, fazendo relação das interconexões dessas fantasias com os contos de fadas e outras histórias literárias. A pesquisa foi além do amor relacionado à adoção e se ateu às fantasias que também estão implicadas para os genitores, para a família adotiva e para as crianças adotadas. Neste estudo, a pesquisadora procurou discorrer sobre sintomas neuróticos comuns em pessoas adotivas, tendo como referencial teórico a psicanálise e a noção de fantasias inconscientes. Concluiu que mesmo com algumas semelhanças existentes entre as famílias adotivas, o que prevalece é a singularidade da experiência, em uma narratividade característica de cada caso e sujeito. “*A fantasmática da família adotiva, tanto para pais como para filhos, depende das condições de desejo dos pais, da possibilidade de estes inscreverem seus filhos na amarragem simbólica familiar, inscrevê-los em uma história que já começou a ser contada muito antes da chegada deles*” (p. 108-109).

Em acréscimo, partirmos do pressuposto de articular também como crucial, o conceito da identificação de Freud para iluminar a reflexão do que pode interferir e favorecer no entendimento desta forma de filiação. Conceituada por Freud (1921b/1988), no texto “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*”, a identificação é a forma mais primitiva de *laço emocional* do sujeito com outra pessoa. Tem função essencial na constituição do eu, sendo que se relaciona intimamente nas escolhas de objeto, nos investimentos realizados as pessoas que amou e com as quais se identificou. Além disto, a identificação proporciona uma modelagem no próprio ego da pessoa, a partir de aspectos do ego de outra pessoa que foi tomada como protótipo. Isto é, a identificação é um processo psíquico inconsciente através do qual uma pessoa forma uma boa parte da sua personalidade em conformidade com a personalidade de outro, que lhe serve de modelo. Sendo assim, a identificação pode desempenhar um papel efetivo na história primitiva do complexo de Édipo. Freud, então, coloca que existem três fontes que podem ser resumidas assim:

(...) primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto. Segundo, de maneira regressiva ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto da pulsão sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial podendo representar assim o início de um novo laço (1921b, p. 136).

Conforme Hamad (2002), o início desse novo laço é presenciado no momento identificatório da criança com os pais adotivos, significando a réplica do infante ao desejo dos pais. Denota-se toda a maneira e tática inconsciente que o pequeno tem para engatar “o gozo do Outro a fim de se assujeitar a ele e se tornar o objeto de seu gozo. A criança apreende isso através dos significantes da acolhida que os pais lhe reservam, oferecendo-lhe, assim, o leito sobre o qual o elemento de sua pré-história vão se inscrever e tomar vida” (p. 84). Por outro lado, (1921a/1988, p. 133) afiança que: “A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto o desejo do afastamento de alguém” o que dificulta às vezes, a adoção da criança. Portanto, na adoção a criança construirá a sua identidade filiativa a partir das investidas simbólicas de seus pais que lhe possibilitarão construir e reconstruir sua subjetividade alicerçada no romance familiar. Dessa forma, Denis (1999) acrescenta que a construção da identidade, a partir dos fantasmas das origens, está intrinsecamente vinculada ao romance familiar, “*papel sexual, identidade sexual e de movimento de identificação e desidentificação aos pais*” (Lévy-Soussan, 2010, p. 70). Além disso, trata-se de um trabalho psíquico árduo para reinvestir a realidade do casal como lugar originário e histórico do romance familiar próprio da criança (Lévy-Soussan, 2010).

Segundo Freud (1908/1988), no romance familiar os pais se constituem para a criança pequena como portadores de todo o conhecimento e com suprema autoridade. Através do romance, a criança alimenta o seu desejo vivaz e primordial de se igualar a seus pais ou do progenitor do seu sexo. No entanto, a partir do desenvolvimento da criança, esta começa a conhecer e a fantasiar seus pais, suas diferenças e semelhanças com outros progenitores. Dessa maneira, supervaloriza os defeitos de seus pais e idealiza para si outros pais ao encontro de seus ideais narcísicos. A criança, então, rivaliza edipicamente com um de seus pais, devido à visão da família “não-perfeita”, dando-se conta de faltas na sua própria constituição.

O romance familiar funciona na construção psíquica do filho adotivo como uma constituição imaginária da sua própria família. Pois, os adotantes sempre têm uma produção fantasmática da cena primitiva que gerou seu filho, uma produção coletiva fantasmática, tais como: os mitos, as lendas, os contos (Kaës, 2010).

Ao encontro, e baseado na obra de Freud, Lévy-Soussan coloca:

A elaboração da cena primitiva, em sua função originária da família, é mais particularmente determinante para elaboração do romance das origens do filho adotado. A elaboração dessa cena e sua reapropriação fantasmática dentro de sua própria cena é o desafio essencial da filiação adotiva. Além do mais, a elaboração de tal cena é crucial para a construção do conjunto dos componentes da filiação (2010, p. 69).

Entretanto, o que é filiação? E como ela ocorre? A filiação é *“um trabalho psíquico necessário para permitir que cada um construa sua própria identidade, que elabore sua subjetividade e seu destino”* (Lévy-Soussan, 2010, p. 74). Porém, seguindo os ensinamentos de Guyotat (1980, 1995), a partir da obra de Freud, o sistema de filiação narcísica concerne a relação entre a economia narcísica e a edípiana. Dessa forma, a constituição da filiação é resultado da estrutura edípiana em conjunto com a contribuição da organização narcísica do sujeito. Conforme o estudo de Guyotat (1980, 1995) existem dois eixos na filiação: a filiação biológica e a filiação afetiva que se desdobra na filiação psíquica (Lévy-Soussan, 2010, p 85).

Portanto, filiação biológica é a gestação em si, a procriação por intervenção das partes e dos fluidos corporais tendo como resultado o filho de sangue. Dessa maneira, a filiação biológica é facilitada pelas representações narcísicas do vínculo genético filial. Filiação esta, supervalorizada pelo judiciário e pela sociedade de uma maneira geral. Porém, sabemos que a filiação biológica não é suficiente e nem sustenta a filiação psíquica (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010a).

Segundo Lévy-Soussan (2010), a filiação afetiva serve como um facilitador de todo o processo de parentalidade do pai e\ou da mãe. A partir do laço amoroso, do engajamento e dos investimentos narcísicos começa a se estabelecer a filiação psíquica.

A filiação psíquica é constituída pelo desejo e pela necessidade recíproca que alimenta e nutre o narcisismo de pais e filhos. Trata-se do desejo e aceitação de ter esse filho e esses pais. É a representação da subjetiva singular que possibilita os membros da família ocupar seus lugares estabelecidos de pai, mãe, filho (s, a). O marco psíquico da filiação autoriza a conexão dos três elementos basilares da sociedade: o biológico, o social e o simbólico. Essa filiação se constitui no dia a dia da família, na temporalidade, na troca de relações com os protagonistas, nas vivências diárias (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010a).

Porém, entrar na filiação e na parentalidade é ser um sujeito singular, sexuado e mortal. O filho ocupa um lugar no conjunto geracional que lhe assegura a continuidade narcísica, assexuada e imortal. Pois na filiação *“o sujeito tem acesso à origem e à*

morte, à nomeação e à transmissão, á função simbólica e ao pensamento” (Kaës, 2010, p. 166). Conforme Lévy-Soussan (2010), o que funda a filiação é a diferença sexual, das origens, da vida e da morte. Balizas essenciais para que a criança construa seu romance familiar e passe por seu conflito edipiano. Não há parentalidade sem alteridade.

Logo, a filiação, de uma maneira geral, para os pais é reconhecer e conhecer o lugar do filho na continuação narcísica na qual eles fazem parte das etapas essenciais do percurso. A filiação é a constatação de sua perfilhação na cadeia familiar, reconhecimento da rotatividade, e mobilidade do desejo dos pais sobre a vida do filho (Kaës, 2010). Enfim, sua relevância e consistência jamais são constituídas definitivamente ao longo da vida (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010a).

Cabe pensarmos, também a respeito das peculiaridades que envolvem a adoção de crianças maiores.

Filiação e Adoção de Crianças Maiores

Estudos sugerem que na adoção de crianças maiores são encontradas especificidades no processo de parentalidade, que não trazem, *a priori*, situações que possam causar problemas futuros. Especificidades estas, como: a espera pelo filho que é incerta e se difere do tempo de uma gestação; as idealizações pela chegada da criança, principalmente no caso de casais inférteis e/ou estéreis; a fase de “lua-de-mel” que é mais intenso que em famílias biológicas e a fase de “lua-de-fel” (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010b). Por outro lado, os estudos necessitam de mais análise das revelações verbais sobre os sentimentos de pais e mães adotivos. Boas partes das pesquisas se focam nas questões “sociais” ou “práticas” da adoção, a visão dos pais adotivos e de pessoas sobre este modo de filiação (Sonogo & Lopes, 2009).

No entanto, Xerfan (2009), ao estudar um caso de adoção, considerou que, ainda que pareçam existir diferenças entre a filiação genética e a adotiva, estas não são tão marcantes. Existirá desenrolares simbólicos e caminhadas diversas que possibilitariam nas crianças adotadas as identificações e escolhas objetivas da constituição do eu. O alerta se deve para todas as formas de filiação, quando o sujeito não é adotado e permanece no limbo, no lugar de objeto. Dessa forma, percebemos que a questão parece não residir na adoção em si, mas nas relações que pais e crianças vão constituir entre si a partir de sua relação com a filiação, desejo ou não-desejo. Como ressalta Ceccarelli (2002, p. 93), cada modo de filiação traz as suas próprias configurações, angústias e “do

ponto de vista da constituição do psiquismo não existe, a priori, nenhuma evidência para dizer que um modelo é mais ou menos patogênico”.

Lacan (1998) coloca que o *não-desejo* parental é o que pode trazer conseqüências patogênicas para a evolução do infante. Acrescenta que tudo depende do modo como a criança é acolhida e investida por seu entorno familiar, simbolicamente. Além de considerar que a criança também tem seu desejo que está implícito na relação parental adotiva. Ela não sofre apenas de forma passiva seu destino - ser desejada ou não, visto que ela pode contribuir para sua aceitação, graças ao que Lacan chama de '*seus bulícios*', os quais podem modificar a disposição do adulto a respeito dela. "*Quando a criança não o faz, não busca se engancha no gozo da mãe, por exemplo, é porque ela já está deprimida. E, nesse caso, tudo depende, ainda mais, da acolhida simbólica de um meio substituto ou adotivo desejante*" (Hamad, 2002, p.87).

Por outro lado, Hamad coloca que na adoção também:

De toda forma, a criança deve encontrar seu caminho e "obrigar" seus pais a fazer o luto de suas próprias crianças narcísicas, único meio, para ela, de existir. "Obrigar" significa que seu desejo opera para que os pais a acolham sem investimento narcísico demais e sem decepção ou rejeição demais (2002, p. 82).

Em contribuição, Zornig e Levy (2006) afirmam que as crianças que conseguem superar, o que chamamos de "*potenciais traumas*" são aquelas que têm em suas vidas adultos que dão sentidos às situações traumatizantes, colocam em palavras, contam-lhe o que lhes aconteceu, não deixando um vazio de simbolização e, assim, não permitindo que esses traumas, mais tarde, venham a se transformar em atos, sintomas ou repetições. A relação da criança com estes adultos re-significa traumas anteriores, pois eles conseguem narrar a sua história de uma forma que ela possa elaborá-la, construindo um sentido para o que sofreu. "*(...) A construção de uma narrativa funciona como um envelope psíquico para a criança, permitindo-lhe uma ancoragem simbólica, ponto de partida para a sua constituição*" (p.30).

Além disso, Winnicott (1956) afirma que nos casos de adoções de crianças maiores que passaram por severas deprivações emocionais, elas necessitam de "*pais-terapeutas*". Pais que exercerão as funções parentais e, também, que dêem conta das carências ambientais da história pregressa de seus filhos. É trivial encontrarmos pais que não têm a idéia de que despenderão mais tempo, afeição e paciência do que o freqüente com estas crianças. Nestes casos, os pais são acometidos por sentimentos de

desapontamento, hesitação e às vezes até de arrependimento pela criança adotada. No entanto, segundo Hamad (2002), é profilático exercer um trabalho de prevenção e acompanhamento com a família adotiva, “*mas não [temos como] programar a vida antes que ela seja vivida*” (p. 86) [grifo nosso].

Na França, conforme Trindade-Salavert⁶ (2010b), a prevenção da adoção ocorre de duas formas. A primeira, através do acompanhamento realizado com os pais em espera da adoção. Este atendimento clínico tem a função de facilitar a elaboração do projeto de adoção, de evoluir o desejo de parentalidade e possibilidade de identificação com a criança e, às vezes, de até mesmo, optar pela desistência da adoção de maneira natural e bem elaborada. A preparação para a adoção pode ser considerado um processo de criação e “*modelagem intrapsíquica*” que vai ao encontro primeiramente das histórias próprias de cada candidato. É a busca interna do inconsciente, dos próprios projetos internos, do desejo de ser pai e\ou mãe, o qual pode ser reafirmado ou negado (Trindade-Salavert, 2010a). A segunda forma de prevenir é a partir de sessões “*diagnósticas*” de acolhimento às famílias adotivas. Este acolhimento ocorre logo após a chegada da criança nas famílias, principalmente nos casos de adoções de mais de dois irmãos. O primeiro acolhimento acontece somente com o casal e posteriormente com os pais e as crianças. Em alguns casos, podem-se fazer atendimentos individuais e com o casal. O número de sucessos na re-construção filiativa nesses casos é bastante elevado. “*Portanto, a construção de uma re-fundação de filiação vem a ser um dos desafios dessa clínica. Assim, facilitar os processos de identificações cruzadas entre adotantes e adotados e integrar as vivências e o recomeço de uma história familiar nas histórias transgeracionais se constitui talvez o objetivo maior do tratamento.*” (Trindade-Salavert, 2010b, p. 160)

Dessa forma, a função dos intermediários é de ter a condição de fazer uma leitura da subjetividade das narrações, as quais vão legitimar ou não a maturação do projeto de tornarem-se pais adotivos. Isto é, o intermediário (psicólogo, assistente social) auxilia na conexão entre as amarragens simbólica da criança e as amarragens do pai e\ou da mãe, possibilitando o processo da parentalidade. Porém, riscos sempre existirão, mesmo com todo o empenho e uma boa qualidade nos acolhimentos às famílias adotivas (Trindade-Salavert, 2010a).

⁶ Um dos membros fundador do grupo de pesquisa: “Adoção, Filiação e Sociedade” – Paris\Fr.

Entretanto, Levinzon (2004) salienta que justificar todos os acontecimentos da vida da criança ou da família ao fato de ser uma família adotiva é pensar de maneira simplista sobre a estruturação psíquica do sujeito. Ao mesmo tempo, não levar em conta as diversidades particulares ou as angústias geradas por todo o processo da adoção de crianças maiores implica na negação de aspectos relevantes que podem mudar e influenciar na constituição da parentalidade.

Com base em uma revisão bibliográfica de diversos autores sobre o processo de adoção, Campos (n.d.) observou certas características regulares, que se repetem nos diferentes casos, em especial nas adoções de crianças maiores. Devido a isso, e ao encontro do pensamento de Campos, salienta-se a importância de informar a família adotante sobre essas etapas como maneira de prevenção ou possibilidade de diminuir seus efeitos destrutivos durante o estágio de convivência. A autora ressalta, também, que não importa se *“é filho biológico, adotivo ou por afinidade, sempre a entrada de um novo membro numa família, acaba consecutivamente por instalar uma situação de crise. Crise com todo o seu potencial destrutivo de risco (perigo), mas também de oportunidade e crescimento/evolução”* (p. 2).

Com isso, denomina as características do estágio de convivência, em quatorze itens, que são eles: 1) Aparecimento de comportamentos regressivos na criança; 2) Agressividade – em geral, logo após a fase de encantamento mútuo; 3) Agressividade em particular contra a mãe adotiva; 4) Ritmo acelerado de desenvolvimento global da criança; 5) Enfrentamento do preconceito social; 6) Esforço significativo da criança para se identificar com os novos modelos parentais; 7) Construção do vínculo de filiação com atropelamento de etapas; 8) O vínculo de filiação pode se dar de forma diferenciada; 9) Aquisição de novos costumes no meio em que acaba de ser inserida; 10) Aquisição de novos hábitos alimentares pela criança; 11) A criança constrói um novo “eu; 12) Sentimentos de vulnerabilidade, impotência e culpa – Os pais adotivos tendem a sentirem que têm que ser pais perfeitos; 13) Mobilização de emoções intensas e carregadas de ambivalência – Tanto os adotantes como a criança adotada experimentam tais emoções; e por fim; 14) A criança se mostra “imatura” para determinadas coisas e “muito avançada” para outras (Campos, n.d.).

Finalizando, a adoção de crianças maiores exige muita disponibilidade psíquica parental, trabalho psíquico familiar e confiança com relação à criança. Desta maneira, não deve sustentar-se em um projeto idealizado de família adotiva (Hamad, 2002).

Considerações Finais

Neste artigo, tivemos o objetivo de apresentar, de forma sistemática, alguns dos principais estudos da literatura psicanalítica consultada sobre a filiação adotiva no que concerne o inconsciente do casal parental como o da criança maior. Como se pode analisar a filiação adotiva envolve alguns eixos psíquicos, tais como: filiação familiar, não desejo, desejo, narcisismo, lutos, fantasias, identificação, complexo de Édipo e romance familiar. Dessa forma, o processo de constituição da filiação adotiva abrange investimentos afetivos e agressivos na conquista da parentalidade. Além disso, a partir dos estudos de diversos pesquisadores percebeu-se que os acompanhamentos pré e pós na adoção auxiliavam e preveniam à re-fundação filiativa (Campos & Costa, 2003, Ebrahim, 2001, Levinzon, 2006, Maldonado, 1995, Vargas, 1998, Weber, 2000). Ao encontro, o ECA (2009, art. 50, § 3º e 4º), estabelece os acompanhamentos pré e pós na adoção.

No entanto, diante do percurso teórico-prático realizado constatamos que os acompanhamentos de orientação psicológica nas adoções ainda são ínfimos em todo o Brasil. Além do pequeno o número de profissionais habilitados (psicólogos e assistentes sociais) em todas as comarcas do judiciário para suprir tal demanda, há necessidade de capacitação da equipe técnica sobre o processo de adoção e as especificidades dessa forma de filiação. Em termos de políticas de trabalho, evidencia-se a necessidade de parcerias com as universidades e o poder público de forma a promover e qualificar essa modalidade de filiação. Pois na adoção cada história é única e singular, construída entre laços de afetos e de agressividade, sendo que tudo vai depender da re-fundação simbólica da família, construída dia a dia na linhagem (Trindade-Salavert, 2010a).

SEÇÃO II – ARTIGO EMPÍRICO

PROCESSO DE FILIAÇÃO: UM ESTUDO DE ADOÇÃO DE DOIS IRMÃOS MAIORES

Resumo

Este artigo teve o propósito de explorar, no âmbito da pesquisa qualitativa, o processo de tornar-se pai, mãe e filhos na adoção de irmãos maiores e interpretar como se deu a construção paterno-filial, a partir de um estudo de caso analisado segundo a perspectiva psicanalítica. Neste sentido, tivemos o interesse em compreender como se deu o processo de filiação, tanto na perspectiva parental, como na das próprias crianças. Portanto, os objetivos específicos dirigiram-se para, na perspectiva parental, entender as motivações conscientes e desejos subjacentes ao processo de adoção, identificar os medos, fantasias e lutos deste processo, verificar como se deu o processo de identificações paterno-filiais num processo longitudinal. Na perspectiva das crianças, acompanhar as características do estágio de convivência familiar, identificar medos e temores no processo. Os procedimentos de coletas de dados incluíram testes projetivos do desenho de família individual, diário pessoal, entrevistas clínicas abertas, entrevista de anamnese e Pesquisa Documental – investigação sobre as histórias pregressas das crianças no processo de destituição do poder familiar. A coleta de dados ocorreu por um período de cinco meses, totalizando 14 encontros. Os participantes foram dois irmãos – um menino de 10 anos e uma menina de 3 anos e 8 meses que estavam em acolhimento institucional e aptos para adoção e, um casal habilitado por uma das Comarcas Estaduais. A análise dos dados se deu psicanaliticamente a partir dos conceitos de Desejo, Não-Desejo, Narcisismo, Identificação, Romance Familiar e Filiação Simbólica. Concluímos que foi possível promover e auxiliar o processo desta adoção de irmãos maiores, amenizando as dificuldades e esclarecendo as dúvidas no que tangeu o período do estágio convivência, orientando sobre etapas características do mesmo, até a construção da filiação a partir da rotina diária.

Palavras-chaves: adoção, pai, mãe, filho, irmãos maiores, psicanálise, identificação, romance familiar e filiação.

AFFILIATION PROCESS: AN ADOPTION STUDY OF TWO OLDER SIBLINGS

Abstract

The purpose of this article is twofold: to explore the process of becoming a father, a mother and a son/daughter in a process of adoption of older siblings, and to interpret how the parent-children relationship is developed. Using qualitative methodology and psychoanalytical theory, a case study is presented and discussed, providing both parents' and kids' perspectives in the process of affiliation. Within the parental perspective, the specific objectives are to understand the motivation and desires in the adoption process; to identify the fears, fantasies and grieves related to this process; and to examine the parent-children identification process in a longitudinal follow-up of eight months (May to December 2010). Regarding the children's perspective, the specific objectives are to identify characteristics on the stage of family intimacy and their fears in the process. Data was obtained in 14 meetings over a period of 5 months. The procedures used were family drawing projective test, individual diary, pictures, open-ended clinical interviews, anamnesis interview and documental research – the investigation about the process of removing the kids from their original family. Participants were two siblings, a 10 year-old boy and a 3 years and 8 month girl, who were in an institution to be adopted, and a couple who was allowed to adopt by the official state agency. Data analysis was done through the psychoanalytical concepts of Desire, Non-Desire, Narcissism, Identification, Familiar Romance and Symbolic Affiliation. We concluded that it was possible to enhance and assist this adoption process through lessening the difficulties, orienting and clarifying questions regarding the familiar intimacy stage, and helping in the development of affiliation.

Keywords: adoption, father, mother, children, older sibling, psychoanalysis, identification, familiar romance, and affiliation.

Introdução

Pois uma psicanálise não é uma investigação científica imparcial, mas uma medida terapêutica. Sua essência não é provar nada, mas simplesmente alterar alguma coisa (Sigmund Freud).

Conforme Calligaris (2000), numa visão ampliada, a falta de filiação para a criança acolhida origina uma caricatura de um mundo extraordinário, onde, num passe de mágica, as coisas pudessem se transformar. As crianças acolhidas idealizam a família adotiva, um lugar onde não se teria regras e limites, situações que podem vir a dificultar o percurso adotivo. E, também, os pais adotivos também vêm esta modalidade de filiação de maneira ideal.

Entretanto, o processo de filiação e na adoção é complexo. Em princípio, os pais adotivos usualmente apresentam mais dificuldades e atravessam maiores crises que os pais biológicos. Nesse sentido, o estudo longitudinal de Levy-Shiff e Har-Even (1991) realizado com 104 pais adotivos e pais biológicos em Israel investigou as relações de filiação na pré-adoção e no pré-natal. Após quatro meses, foram feitas observações sobre a experiência de paternidade e maternidade construída em cada grupo, isto é, na pós-adoção e no pós-natal. A pesquisa concluiu que a transição para a filiação na adoção tende a ser imediata e abrupta, sendo que o vínculo ainda não está estabelecido e muito menos os papéis parentais determinados.

Além disso, muitos pais ainda encaram o preconceito relacionado à adoção devido ao fato de não terem conseguido gerar um filho biológico. Weir (2003) também confirma esse aspecto da transição acelerada para o exercício das funções parentais nas famílias adotivas e debate que esse processo costuma ser mais tenso e instável para os pais adotivos do que para os pais biológicos, principalmente nos casos de adoção da criança maior.

Com o aumento das pesquisas sobre a adoção de crianças maiores, alguns autores (Costa & Campos, 2003, Costa & Rossetti-Ferreira, 2007, Ebrahim, 2001a, Paiva, 2004, Prynne, 2001, Rushton, 2003, Vargas, 1998, Weber, 2003) amiúde referem a necessidade de mais pesquisas relativas à filiação e ao desenrolar da adoção, considerando o acompanhamento dos pais e do (s) filho (s) no processo filiativo. Paralelamente, são poucas as pesquisas sobre o processo da filiação adotiva em que o pesquisador estude as construções paternas, maternas e filiais ao mesmo tempo em um caso de família.

Nesse sentido, Ebrahim (2001a) argumenta que no Brasil os artigos sobre adoção da criança maior concentram-se mais no caso clínico em si, sendo necessários estudos que ouçam as experiências dos pais adotivos e descubram meios de dar suporte a esse tipo de parentalidade e filiação. Conforme Lévy-Soussan (2010), a filiação se sustenta no vínculo biológico, no vínculo jurídico, no vínculo simbólico e no vínculo afetivo. No caso da filiação adotiva, o vínculo biológico faltante é compensado pelo jurídico que assegura direitos aos pais adotivos para posteriormente ocorrer à instalação do vínculo simbólico e afetivo.

Com base nesses aspectos, este trabalho volta-se para o estudo da maternidade, paternidade e filiação na adoção de irmãos maiores, contemplando o processo de constituição familiar focando no tornar-se pai, mãe e filhos. Assim, esta pesquisa baseou-se em um estudo de caso sobre a adoção, tendo o intuito de não somente verificar o aspecto legal, social e cultural do processo, mas, principalmente, o de refletir sobre o aspecto emocional da filiação. Portanto, sustentou-se na compreensão de aportes dos autores psicanalíticos a respeito da estruturação do sujeito na filiação adotiva. Para isso, considerar-se-á fundamental a desvinculação das adoções de crianças maiores do lugar de estigmatização, a elaboração do luto e a reparação do filho biológico não gerado, para que se possa imaginar o filho adotivo e aceitá-lo na fantasia para posteriormente filiá-lo (Fiori, 1984, Levinzon, 2006).

Método

A Construção do Corpus de Pesquisa

A pesquisa pretendeu compreender o processo de tornar-se pai e mãe, bem como de filiação adotiva de dois irmãos maiores na situação de adoção de irmãos maiores. O estudo foi organizado por um vértice qualitativo de metodologia, utilizando-se o delineamento de estudo de caso, através do acompanhamento longitudinal dos dois irmãos maiores. O estudo de caso caracteriza-se por ser um método exploratório, explanatório e descritivo, permitindo uma análise aprofundada do fenômeno pesquisado. Assim, a opção pelo estudo de caso favorece a investigação de fenômenos contemporâneos, motivo pelo qual essa ferramenta é utilizada para o entendimento de questões pertinentes e complexas da vida real, sendo possível a realização de observações diretas e sistemáticas. No entanto, o método qualitativo se fundamenta

tanto no interesse em compreender significados e interpretar os sentidos da experiência vivida pelo sujeito da pesquisa como também na participação ativa do pesquisador no contexto estudado (Yin, 2005). Portanto, destacamos também o aspecto de pesquisa intervenção como metodologia que sustentou o material do estudo de caso sobre o desejo de adoção por parte dos pais e dos irmãos, adaptação, estágio de convivência e o desejo de constituição familiar (Ramires & Benetti, 2008).

Participantes

Um casal pretendente à adoção de uma das Comarcas Estaduais, que estavam habilitados há seis anos, sendo o segundo da lista de espera. O pai tinha cinquenta e dois anos de idade e a mãe tinha quarenta e nove anos. Para o primeiro casal habilitado, as crianças não correspondiam ao perfil pretendido por eles. As crianças foram dois irmãos maiores, uma menina de três anos e oito meses, e um menino de dez anos, ambos afrodescendentes. Eles estavam acolhidos institucionalmente há um ano e meio e destituídos do poder familiar há um mês.

Procedimentos da Pesquisa - Local da Pesquisa

Os acompanhamentos inicialmente ocorreram com as crianças em uma das casas de acolhimento institucional do Litoral Norte\RS, preparando-as para o encaminhamento para a família substituta, no total de quatro encontros. Uma primeira visita do casal à casa de acolhimento para conhecer as crianças antes da decisão pela adoção ocorreu após esses quatro encontros. Posteriormente, as crianças passaram um fim de semana com o casal e retornaram à instituição por mais uma semana. Por último, houve o desacolhimento institucional das crianças e encaminhamento para a família adotiva, iniciando-se o estágio de convivência. A família, então, foi acompanhada, quinzenalmente, por um período de cinco meses, no processo de construção de filiação.

Nos primeiros acompanhamentos com a família adotiva foram realizadas entrevistas de anamnese, entrevistas clínicas com o casal e os irmãos e entregue um diário pessoal, onde deveria ser registrado a percepção de todos sobre o processo. No penúltimo acompanhamento foi realizado o teste do desenho de família, individualmente e também foi solicitado que cada um contasse uma história sobre a sua família desenhada. E, no último encontro, a família devolveu o diário pessoal e fizemos

um fechamento do acompanhamento sobre o processo de tornar-se pai, mãe e filhos na adoção de irmãos maiores, além do encaminhamento psicoterápico para um dos filhos, como medida profilática.

Procedimentos Éticos

Inicialmente, introduziu-se o tema da pesquisa, convidando a família para participar do estudo. Com a concordância do casal, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com as resoluções 196 do Conselho Nacional de saúde e a 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, bem como a aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (resolução: 101\2010, Projeto: Nº CEP 10\066, versão projeto: 19/07/2010 – (Anexo B). Levou-se em consideração que os irmãos, participantes da pesquisa eram menores de idade, com isso os pais assinaram o Termo Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C, D e E), ficando cientes dos objetivos do estudo e da importância de sua colaboração, bem como demais questões referentes à ética e à confiabilidade.

Instrumentos

Entrevistas Clínicas com o Pai e com a Mãe e Entrevistas Clínicas Abertas em Família – A entrevista é o instrumento fundamental da clínica e por si só uma ferramenta de investigação (Bleger, 1998) fundamentada pela transferência instrumentalizada (Iribarry, 2003), propondo-se a escuta livre do sujeito em sua singularidade e totalidade.

Entrevistas Clínicas ou “Conversas” com a Criança – As entrevistas com a criança foram orientadas para a compreensão do processo adotivo e de convivência familiar, identificando-se todos os aspectos trazidos nas diferentes etapas. A pesquisadora contou com material de apoio lúdico para favorecer as narrativas e também oferecer à criança um espaço, no qual se sentisse mais à vontade para falar (Solon, 2006).

Entrevistas de Anamnese – As entrevistas focalizaram o histórico familiar do casal sobre a perpetuação da adoção, obtendo dados detalhados sobre a vida de Juca e Luz (Bleger, 1998).

Diário Clínico Pessoal – Questão norteadora: Como estava sendo o processo de tornar-se pai, mãe e filho através da adoção de irmãos maiores? No entanto, o registro era

livre, podiam escrever idéias, lembranças, poemas, textos, acontecimentos que os participantes julgavam importantes, podiam desenhar algo sobre o seu processo de construção de paternidade, maternidade e filiação (Iribarry, 2003, p. 125). A menina não tinha condições de escrita, no entanto, foi dado um diário a ela, onde praticou e evoluiu sua garatuja.

Aplicação do Teste Desenho de Família Individual – O Teste do Desenho de Família consiste numa técnica projetiva baseada na representação gráfica da família. A análise qualitativa permite a compreensão das relações familiares, da posição ocupada pelo indivíduo na família, dos sentimentos e conflitos conforme são percebidos e projetados no desenho pelo sujeito investigado (Corman, 2003/1961).

Pesquisa Documental nos Autos do Processo – Obtenção de informações das histórias de vida pregressa, separações, rompimentos e perdas ocorridas com os irmãos.

Procedimentos de Análise dos Dados

A capacidade de interpretação dos dados é fundamental para que o pesquisador não fique somente registrando dados mecanicamente (Yin, 2005). Portanto, as etapas de análise dos dados incluíram a preparação do material, que consistiu na transcrição das entrevistas em sua totalidade. Após, as entrevistas foram analisadas separadamente, identificando-se os aspectos relevantes para o estudo, considerando-se os elementos convergentes e divergentes identificados no material. Depois, os dados foram integrados através da estratégia analítica geral de descrição de caso proposta por Yin (2005). Essa estratégia consiste em desenvolver uma estrutura descritiva juntando todos os materiais levantados na aplicação dos instrumentos, com o pai, a mãe e os filhos com o objetivo de organizar o estudo de caso. Neste sentido, o foco do estudo era coligar os significados produzidos na família adotiva, tais como suas fantasias, medos, negações, repetições, vínculos e identificações surgidas dia a dia no desenrolar dessa outra linhagem. Esta integração levou em consideração a compreensão dinâmica psicanalítica e contextualizada segundo a realidade descrita no caso.

Resultados

O estudo de caso tinha o interesse em compreender como se deu o processo de filiação, tanto na perspectiva parental, como das próprias crianças. Sendo assim, foram

considerados todos os aspectos envolvidos no processo da adoção dos irmãos, o processo de destituição do poder familiar, as entrevistas clínicas e de anamnese, os desenhos, o livro de história infantil - “*Joaquim, o rei pinguim*”, os desenhos de famílias e os diários pessoais. As entrevistas foram consideradas um espaço de reflexão livre sobre as etapas do estágio de convivência, rotinas da vida diária com as crianças e questões a cerca da parentalidade e filiação com os quatro protagonistas do estudo. Portanto, seguiu-se com a descrição do caso em conjunto: Pai – Juca, Mãe – Luz, Filho – Rico e Filha – Mila⁷. Além disso, foi dado um sobrenome a família: Silva Brasil⁸.

Histórias Progressas – Consulta ao Processo de Destituição do Poder Familiar

O motivo do acolhimento de Rico e Mila foram negligência e situação de abandono de Rute⁹, pois ela os deixava sozinhos em casa, sem roupas e alimentos. A genitora saía, com frequência, para ir à procura de um namorado e fazer uso de entorpecentes. Numa dessas saídas de Rute, vizinhos ligaram para o Conselho Tutelar, e estes acolheram as crianças.

Na época da preparação para a adoção, Rico tinha dez anos e estudava em uma Escola Estadual cursando o 3º ano. Já Mila tinha três anos e meio e estudava na Escola Municipal Infantil. Ambos iam juntos de ônibus para a escola. Com relação à saúde, Rico apresentava um diagnóstico de deformidade torácica assimétrica importante de clavícula e escápulas, que lhe casou uma escoliose, além de cardiopatia congênita com hipertrofia ventricular direita e sopro sistólico. Quanto à saúde de Mila, ela não apresentava nenhum problema maior, somente dificuldades respiratórias em função de hipertrofia das amídalas e adenóides, necessitando de cirurgia.

Preparação para a Adoção: Entrevistas Clínicas ou “Conversas” com os Irmãos Na Instituição – Sínteses em conjunto das 1ª, 2ª, 3ª e 4ª entrevistas

A preparação para adoção dirigiu-se para Rico e Mila imaginarem, sonharem, fantasiarem e refletirem sobre a adoção e a possibilidade de morarem com outras pessoas que se tornariam seus pais. Ao todo, foram feitos quatro encontros com as

⁷ Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

⁸ Os dois sobrenomes dado a família: Silva e Brasil também são fictícios.

⁹ Nome fictício dado a genitora de Rico e Mila.

crianças em conjunto que apresentaram um material fecundo sobre os sentimentos de Rico e Mila referente à espera de uma família.

Nas entrevistas com as crianças, pode-se observar a partir das falas, que Mila e Rico faziam ensaios sobre uma nova família. Rico referiu saber que antes dele ser acolhido, sabia que um primo já havia morado naquela mesma instituição e tinha sido adotado com quase a mesma idade que ele. Então, já imaginava que ele e Mila iriam para a adoção, até porque já estavam acolhidos há bastante tempo. Quando questionados se queriam uma outra família, morar em outro lugar e ter uma casa, Rico e Mila concordaram e disseram que não queriam mais morar na instituição, pois queriam uma família.

Mila era comunicativa ficava pedindo coisas boa parte do tempo, como batom, maquiagem, ou simplesmente pedia algo. Será que realmente era batom que ela queria? Ou as demandas indicavam uma tentativa de se reencontrar, de constituir o seu próprio eu, uma necessidade de identificação. Por outro lado, Rico queria saber quem seria a sua nova família, como eram, de onde eram... Preocupado com a possibilidade de não se gostarem entre si. Dizia que sabia falar três línguas, português, inglês e italiano, como as palavras, *new* e *passione*, que significavam, respectivamente, novo e paixão. Tais palavras, introduzidas nas entrevistas pareciam indicar que na visão de Rico, apesar da temática dos encontros ser de prepará-los para o acolhimento numa “nova” família com sentimentos de paixão, ao mesmo tempo, essa família era percebida como uma família de estrangeiros. Todavia, ele estava aberto a novas possibilidades, conforme as línguas que dizia saber falar. Sendo assim, os irmãos encontravam-se aptos para uma aproximação com o casal, uma família substituta.

Visita do Casal as Crianças na Instituição – Síntese do 5º Encontro: primeiro contato e apresentações

Neste dia, levei o casal na instituição para todos se conhecerem. Logo que chegamos, Rico e Mila ficaram quietos, observando o casal. Pouco a pouco, foram se soltando e começaram a conversar, as crianças descreveram suas rotinas e gostos se ofertando ao casal. Os irmãos demonstravam entendimento entre eles e companheirismo. Pudemos observar na visita um entrosamento espontâneo com Luz e as crianças, porém Juca ficou mais calado e interagiu mais com Mila. Ao final do

encontro, o casal questionou se as crianças gostariam de passar dois dias com eles e elas concordaram. O combinado era de passarem um fim de semana juntos para avaliar a convivência e, posteriormente, adotar as crianças. Na saída, Luz saiu denominando Rico e Mila de “*meus bombons*”, e sorria. Luz quando os chama de “Bombons” faz o primeiro investimento narcísico a partir da palavra e direcionado as crianças. Após este pequeno convívio em família, no final de semana, o casal, em comum acordo, optou pela filiação de Rico e Mila, através da guarda provisória cumulativa do pedido de adoção.

Entrevista Clínica de Desacolhimento de Rico e Mila – Síntese da 6ª entrevista

Na entrevista de desacolhimento de Rico e Mila, em conjunto com a família, verificamos o lugar diferenciado no desejo de Luz, em relação aos filhos. Foi possível identificar diferenças entre o contato de Luz com Mila e de Luz com Rico e, também, de Juca para com as crianças. Luz acolheu Mila em suas primeiras palavras, já nomeando o afeto sentido pela criança, qualificando a relação de acolhimento, não dirigindo palavras ao menino. E Rico, ficou mais distante. Na sequência, iniciou-se o carregamento das bagagens para o carro. Observou-se que Rico permanecia comigo, como se estivesse procurando apoio em uma pessoa ligada ainda à vida institucional, ao mesmo tempo em que observava a interação de Mila com a família, aceitando o processo adotivo e desejando se incluir espontaneamente. Com relação ao pai, este chegou mais calado. Analisava, concordava com os questionamentos de Luz, posicionando-se neste encontro mais como um acompanhante. Porém, demonstrava-se interessado em organizar as bagagens no carro para levá-los para casa. Mesmo calado, sua fisionomia era de alegria e estava demonstrava estar de acordo com o processo adotivo. Ao final do encontro Rico chama Luz para buscar com ele um casaco que ele havia esquecido e Luz chamou Rico de filho, *o nomeou*, pela primeira vez.

Entrevistas de Anamnese e Clínicas com os Pais e os Irmãos Maiores – Sínteses das 7ª, 8ª, 9ª, 10ª, 11ª e 12ª entrevistas

Nos 7º e 8º encontros com a família, ocorreram as entrevistas de anamnese. Juca e Luz estavam casados há 23 anos e ambos eram de etnia negra, Luz era mulata e Juca era negro. Juca tinha 52 anos, havia se encostado, em 2002, devido a uma hérnia de

disco na coluna em função da qual passou por uma cirurgia. No entanto, na época da adoção, encontrava-se aposentado. Juca havia sido caminhoneiro e tinha trabalhado nas construções de estradas. Dessa forma, devido à rotina profissional, Juca ficava ausente do lar por períodos de até dois meses, retornava e permanecia em casa por poucos dias e voltava novamente para a rodovia. Já Luz tinha 49 anos e era funcionária pública da Grande Porto Alegre há 12 anos, trabalhando como atendente de um centro psicossocial para adultos. Em função de que geralmente ficava em casa sozinha, Luz, primeiro, criou uma sobrinha, a qual ficava em sua casa mais nos fins de semana e depois um sobrinho de Juca. Este último morou com o casal por onze anos, dos 9 aos 20 e poucos anos. Entretanto, já fazia dois anos que o sobrinho tinha saído da casa deles.

No entanto, por dezessete anos, Luz nunca quis filhos por causa das ausências prolongadas e contínuas de Juca. Sendo assim, segundo Luz, o desejo de adoção inicialmente partiu de Juca, ele sofria de *oligospermia*¹⁰ e não podia ter filhos biológicos. Neste sentido, pensamos que o desejo de ter filhos sempre existiu em Luz, que primeiro abdicou porque não podia gerá-los com o marido, depois porque não podia criar um filho sozinha e, por fim, porque a filiação no caso da adoção, na opinião de Luz, era mais difícil e ela acreditava que só poderia ter filhos na presença de Juca - ele estando em casa.

O casal habilitou-se para adoção em 2004. Nesta época, o perfil pretendido da criança pelo casal era de até um ano de idade, negra, ambos os sexos, sem deficiência. Também, aceitavam irmãos, desde que fossem gêmeos e bebês. Porém, após o curso de preparação para a adoção, realizado na comarca em 2010, o casal resolveu mudar o perfil da criança pretendida e concordaram com a adoção dos irmãos maiores, um menino de dez anos e uma menina de três anos e oito meses. Haviam permanecido na lista de espera por seis anos.

Entretanto, é importante salientar também as marcas inconscientes dos históricos das famílias de origem do casal no que se refere à adoção de crianças maiores. A mãe de Luz havia adotado também dois irmãos maiores, que eram seus afilhados, após a morte da mãe das crianças. A menina na ocasião tinha cerca de dois anos e o menino uns seis, sete anos. Com relação à ascendência de Juca, ele também teve irmãos de criação,

¹⁰ Anomalia dos Espermatozóides – baixa quantidade de espermatozóides.

alegava que sua avó (foi criado por ela) criou algumas crianças de forma adotivas, mas Juca não sabia dizer quantas.

Nestas duas entrevistas de anamnese percebemos uma identificação mais espontânea e imediata de mãe e filha. Quando iniciava as entrevista, Mila solicitava suas maquiagens e cremes para a mãe para arrumar o cabelo se maquiar e a mãe contava semelhanças de gostos entre elas.

No 9º encontro, iniciaram-se as entrevistas clínicas com a família, após quarenta dias de convivência juntos. Eles demonstravam entrosamento, Rico e Mila disputavam e demandavam a atenção de Luz. Mila pedia repetidas vezes a mamadeira para a mãe, além de solicitar a mochila e seus batons. E Rico fazia investidas corporais com a mãe tentando entrar debaixo de sua blusa, numa tentativa de renascimento. Quando questionados sobre a convivência, Luz dizia que era cansativo, mas que estava tudo ótimo e que estavam felizes. E Juca acrescentou que era uma correria o dia todo em função das crianças. Todos estavam trocando carinhos e afetos entre si. Rico e Mila já haviam pronunciado e os nomeado, de pai e mãe, em momentos diferentes. Além disso, assim que adotaram as crianças, o casal manteve a mesma rotina de visita dos parentes e amigos aos fins de semana e também durante a semana, mas não gostavam de falar do processo adotivo. Luz dizia estes são nossos filhos e não falava mais nada. Entretanto, não havia queixas ou reclamações específicas com relação às crianças, a família encontrava-se na fase da Lua-de-Mel, segundo Lévy-Soussan e Marinopoulos (2010b).

A 10ª entrevista clínica com a família ocorreu após um mês de intervalo do 9º encontro. Nesta ocasião, pudemos perceber a disputa das crianças pela atenção da mãe, que se potencializou com a ida da prima para a casa de campo da família. Neste período, Luz contou que as “coisas” tinham ficado muito difíceis, que ela estava sem voz de tanto gritar com Rico e Mila, que os dois estavam impossíveis e não obedeciam. Contou que Rico e Mila se chutavam, discutiam, batiam boca entre eles, e com ela e Juca. Além disso, Rico estava brigando na escola. O pai chegou a verbalizar para Rico que se ele não estava gostando de mostrar com eles e quisesse ir embora, ele o levaria de volta para a instituição. Portanto, o pai levantou a possibilidade da devolução do menino. No entanto, havia diferenças na filiação de Luz e Juca com relação a Rico. Luz, apesar das dificuldades, estava disposta a continuar investindo psicologicamente e perfilhar Rico. Assim, criava-se entre pai e filho uma relação de insegurança e instabilidade, dificultando a elaboração dos traumas e perfilhação de Rico. Nesta entrevista foi

possível identificar que o casal estava apresentando vivências características da etapa de convivência relativas à fase da Lua-de-Fel (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010b). Ainda assim, a possibilidade de reflexão, devido aos acompanhamentos, possibilitou ao casal poder falar sobre seus medos, temores, inseguranças e pouco a pouco construíram juntos a filiação

Na 11ª entrevista com a família, ainda persistiam muitas queixas e dificuldades com relação a Rico, alegando que ele estava revoltado na escola, brigando com todo mundo de luta e se envolvendo com as “gangues” de lá. Segundo Luz, parecia que Rico estava passando por um processo de despersonalização, não queria saber de estudar e só ficava arrumando confusão na escola. Entretanto, o pai rebateu que o menino era comunicativo na escola e muitas pessoas gostavam dele. Tal situação escolar aproximou o pai de Rico. Se antes o pai pensava na possibilidade de devolução, naquele momento demonstrou estar identificado com o filho, defendendo-o dos colegas agressores. Rico, por sua vez, tentava se aproximar, gostando das coisas do pai, imitando o corte de cabelo e torcendo pelo mesmo time que ele, enquanto Luz e Mila torciam pelo outro. Portanto, Rico quando falava da família salientava o lugar paterno de Lei.

Sendo assim, a partir do processo identificatório com o pai, iniciou-se o movimento de questões edípicas no menino que foram manifestadas em direção à mãe. Conforme Rico, seu desenho predileto era o da “Corrida Maluca”. Dizia que se identificava e gostava mais do personagem do Dick Vigarista, vulgo, Tião Gavião e seu parceiro, um cão, chamado Mutley. Os dois tentavam vencer a corrida a todo custo, trapaceando, mas sempre sem êxito. Tião Gavião, portanto, era um personagem que apresentava tendência antissocial. Por sua vez, Penélope Chamosa era a única mulher da corrida, toda arrumada, adorava maquiagem e era correta no modo de agir. Na visão de Rico, a Penélope Chamosa seria a mãe. Além disso, Luz observou que ela havia se identificado com Rico na dificuldade com a matéria de matemática.

Ademais, Juca seguiu contando as dificuldades da filha de aceitar as regras também, estando imitando o Rico em tudo, provocando-o e rivalizando com o irmão na disputa de espaço pelos cuidados parentais. Mila se posicionava mais ativamente na construção de sua parentalidade e de maneira egocêntrica. E Juca e Luz finalizam o encontro comentando da importância que estava sendo, para eles, o acompanhamento da adoção, pois pouco a pouco, o casal ia podendo mudar a maneira de lidar com os filhos e aprendendo mais sobre o processo. Assim, mesmo com as queixas parentais e as

dificuldades, a família foi superando cada passo em conjunto, se adequando e se ambientando. Afinal, tal etapa fazia parte da caminhada do processo adotivo, isto é, a instalação da filiação.

Na 12ª entrevista com a família, quando começávamos a observar a adaptação de Mila e a evolução no seu desenvolvimento, ocorreu um fato importante que a fez regredir consideravelmente, voltando a usar fraldas e tomar mamadeira. Mila entrou na escola maternal, em turno integral, e Rico, agora, ficava sozinho com a mãe em casa à tarde. No entanto, na família, intensificaram-se as brigas entre os irmãos. Ambos começaram se relacionar com agressões físicas e xingamentos, um contra o outro. Rico também passou a brigar mais na escola e a não entregar os temas que fazia com a mãe. Então, questionei se ele sabia quanto tempo ele já estava morando com a Luz e o Juca. Prontamente, Rico respondeu: “*Desde sempre!*”. E Mila me chamou e começou a cantar a música outra vez: “*Minhoca, minhoca me dá uma beijoca não dou, não dou, não dou, então eu vou roubar... Minhoco, minhoco tu tá ficando louco beijou do lado errado a boca é do outro lado*”. Ao final da entrevista, Luz disse: “*eu acho que agora eu tô entendendo melhor as coisas... A questão das birras... O Rico tem uma coisa de bom, ele é tão carinhoso, tão querido, mas ele não é tão aberto...*”

Testes do Desenho de Família – Síntese do 13º encontro

É importante ressaltar que neste momento da aplicação do desenho de família os laços familiares estavam em cheque novamente. Luz retornando ao trabalho, Juca tendo que dar conta das crianças durante o dia e sozinho. A regressão de Rico e Mila na contra mão do processo como queixa do afastamento diário materno.

No desenho de família de Juca, ele primeiro fez a família, depois a casa da Grande Porto Alegre e, por último, o carro da família. Juca desenhou a casa acima da família. Então, desenhou primeiro ele, a Luz, o Rico e por último, a Mila. Todos tinham mãos e pés. Depois, fez o cachorro dele, o cachorro pequeno de Luz e o carro ao lado. E os quatro componentes da família tinham quase o mesmo tamanho, inclusive Mila que é criança. Juca e Rico estavam sorridentes, enquanto Mila e Luz estavam mais sérias. Juca também acrescentou ao seu desenho de família um carro, fato interessante, expressado na grafia, pois as crianças foram trazidas de carro para a casa da família na Grande Porto Alegre. Pode-se pensar no carro como o hospital do parto por representar o nascimento dessa família.

Já no desenho de família de Luz, primeiro ela fez uma casa pequena, uma árvore pequena, o Juca, a Mila, o Rico e, por último, ela mesmo. Todos estavam de braços dados, pois Luz não fez as mãos. Os quatro componentes da família eram em tamanho pequeno. Também desenhou seus dois cachorros entre uma árvore pequena e o canil do cachorro maior. Todos os quatro estão sem os pés. Juca está sorridente, Mila com a boca tremula e Rico e Luz estão sérios. Pensamos na situação de retorno ao trabalho, quando Luz se queixou de estar muito abalada, porque gostaria de ficar ao menos seis meses com a família, como no caso da licença para uma mãe que amamenta.

No entanto, no desenho de sua família, Rico diz que eles estão na praia e que não fez as suas mãos porque elas estão para trás. Neste sentido, ao encontro do representado por Luz. Devido às queixas de Rico sobre o retorno da mãe ao trabalho, pesamos duas situações para a ausência das mãos: primeiro sua manifestação com tendência antissocial e segundo a manifestação pela carência materna. Também acrescentou quatro coqueiros, dois de um lado, a família no meio e os outros dois coqueiros do outro lado. Colocou um sol no meio da folha, com duas nuvens envoltas do sol e três pássaros a abaixo. Desenhou a Mila, depois o pai, a mãe e ele, por último, mas maior que o pai. A praia nos fez refletir sobre as férias, quando todos aproveitam o momento e ficam juntos em família.

Então, concluímos que diante do teste do desenho de família de Juca, Luz e Rico, em nível de conteúdo, os três representaram sua família atual que estava em reconstrução, sem deixar nenhum personagem de fora, o que nos faz pensar que já se viam imaginariamente e simbolicamente como produto dessa genealogia. O representante paterno foi o principal da família, tanto para Juca como para Luz. Em ambos, o representante paterno foi desenhado em primeiro lugar. No entanto, Rico representou Mila como o personagem principal da família, indicando como se sentia, o último. Finalizando, em nível das estruturas formais e do traçado, Juca, Luz e Rico demonstravam cargas afetuosas e de agressividade com relação à família.

Entrevista Clínica com os Pais e os Irmãos Maiores – Síntese da 14ª entrevista de encerramento

Está última entrevista ocorreu na casa da família na Grande Porto Alegre. Rico e Mila encontravam-se ambientados, tinham amigos na rua onde moravam, tinham amigos na escola, brincavam e se davam bem. Todavia, persistiam as disputas entre

eles, discussões e brigas pela atenção dos pais, situações de rivalidades típicas entre irmãos, as queixas dos pais com relação a desobediência das regras, limites e brigas. Dessa forma, conversamos sobre as novas mudanças nas rotinas. Luz havia voltado ao trabalho, mas sentia-se abalada. Mila ficava na escolinha o dia todo. Juca acrescentou que as coisas estavam mais difíceis, porque agora eram ele e Rico, sozinhos em casa. Além disso, Rico fora ao ortopedista que o encaminhou para uma cirurgia da coluna. Enfim, todos estavam sentindo os efeitos da mudança na família.

Enquanto conversávamos, as crianças decidiram mostrar-me toda a casa e o quarto deles. Depois Rico contou que a sua música preferida era “*Os dias vão*” da dupla Maria Cecília e Rodolfo. E o pai confirmou que Rico adorava assistir DVD de músicas e de filmes e falando sobre o hábito que Mila tinha de cantar. Acrescentou que a música favorita de Mila era do Luan Santana, “*Meteoro da Paixão*”.

Ao final, fizemos a última combinação que era o encaminhamento de Rico para atendimento psicológico. Ainda que todas as etapas de convivência estivessem marchando conforme a adaptação esperada na adoção de crianças maiores, a história de traumas e perdas do menino, os comportamentos atuais de quebrar regras e agressividade, além do processo cirúrgico que iria passar eram indicadores importantes que um amparo psicológico era necessário. O casal conclui o encontro dizendo que apesar dos contratemplos e das dificuldades no manejo e negociação com os filhos, eles estavam felizes com a re-fundação familiar e acreditavam que a cada dia eles iriam evoluir ainda mais as relações afetivas e os laços entre eles.

Diário Pessoal – Individual

No dia do desacolhimento das crianças foi entregue à família o Diário Pessoal, individual, com a pergunta: Como está sendo para você o processo de Tornar-se – Pai, Mãe e Filho na adoção de irmãos maiores? Para Mila, também foi dado um Diário Pessoal, no qual ela poderia desenhar e se apropriar a sua maneira.

O diário de Luz Silva Brasil¹¹ apresentou um material fértil, pois foi elaborado a partir das etapas do processo filiativo que podem ser observadas na sua escrita: “*Estou realizada com meus filhos. Quero-os para sempre, amá-los e sermos felizes os quatro como uma família de verdade: Pai-Mãe-Filhos*”. Ademais, nos primeiros dias, percebia-

¹¹ Os dois sobrenomes dado a família: Silva e Brasil são fictícios.

se que a construção dos laços na família ainda eram frágeis. Assim sendo, para Luz, a família soava, ainda, como falsa, pois *como uma*, quer dizer que, *não é* uma família. Esta forma de significar a família adotiva traz embutida em si uma conotação de que a família não é uma família. A família adotiva é um modelo de família contemporâneo, pois o casal parental não fecunda e gera o filho, mas cria-o e educa-o. Concordamos, então, com os ensinamentos de Dolto (1999) que a criança adotiva precisa ser assumida por uma pessoa que possa reconhecê-la e falar com ela sobre sua história. Restituir-lhe uma imagem de si – sua origem – para que ela possa também se reconhecer e se assumir como sujeito. A partir da leitura, então, podemos observar na construção inicial do processo filiativo de Luz inicialmente via sua família como uma “*família verdadeira*”, porém com a convivência e exercício das funções parentais Luz começou a ver os quatro como família. Além disso, Luz relata o momento que Mila a chama de mãe e cinco dias depois Rico também a nomeia. Ao tornar-se mãe, a partir do discurso dos filhos, Luz descreve os sentimentos diferenciados envolvidos no processo de filiação de Rico e Mila. A menina nomeia Luz de mãe, espontaneamente, enquanto as duas estavam na lavanderia. E a reação da mãe é de alegria, euforia e emoção, respondendo a filha com muitos abraços e beijos. Já com Rico, ele afirmou e questionou se poderia chamá-la de mãe e Luz respondeu-lhe com beijos e lágrimas de emoção.

No mês de encerramento do acompanhamento, Luz escreveu: “*Nossa Família tem muito que melhorar, mas estamos a cada dia mais unidos pelo amor, apesar das personalidades diferentes que cada um apresenta. Voltei a trabalhar e o Juca está mais tempo com as crianças. Estou Feliz, Amo meus Filhos e se Deus quiser, Vamos fazê-los os Filhos Mais Felizes do Mundo*”. E por fim, assinou com toda a família.

Quanto ao diário pessoal de Juca, ele o entregou em branco, alegando que não sabia o que e como escrever, dizendo que não gostava de escrever e que por isso não tinha feito. Juca também falou que após a cirurgia, tinha ficado com dificuldades na motricidade fina, tendo dificuldades para escrever. No entanto, percebemos que Juca desenhou no diário de Mila, representando a ele e a Mila

O diário pessoal de Mila estava com todas as páginas desenhadas, percebeu-se no folhear das páginas a evolução na garatuja. Nas primeiras grafias, Mila fez riscos em novelo que extrapolavam a folha. Depois, houve uma evolução no seu traçado, percebendo-se que ela escreveu no diário em dias diferentes. Além do *cartoon*, feito pelo pai no diário de Mila: ele, Mila ao lado dele e na frente deles, o guri (um dos cães

da família) com o pote de comida dele e um brinquedo. Posteriormente, Mila começou a desenhar bonecos evoluindo o seu traçado.

Entretanto, Rico utilizou bastante o diário, começou denominando na capa de “*Agenda do Rico*”. Ao longo do mesmo, escreveu um parágrafo sobre a família, uma música de capoeira e fez desenhos diversos. Tais como: carro de corrida nº 53 (carro pilotado por Gerson um personagem da novela *Passione*, Rede Globo, exibida em 2010), aviões, avião caça, berimbau, casa com decoração de natal, carro de polícia, “Joaquim, o rei pinguim”, jogo da velha... Além de ter feito, em conjunto com sua mãe, seus temas de matemática e português.

Com relação à família, Rico escreveu: “*Está sendo muito legal estar aqui porque tem avião, tenho um amigo e estou estudando numa escola nova. A mãe e o pai são muito legais. O pai é brabo, mas é o jeito dele. A mãe leva a Mila na escolhinha e o pai me leva na escola. A escola é pequena, mas nem tudo é grande.*”

Discussão

Salientamos que o intento principal deste trabalho foi analisar e interpretar como se deu a construção do processo de tornar-se Pai, Mãe e Filhos na Adoção de Irmãos Maiores, a partir da perspectiva psicanalítica. Neste sentido, tivemos o interesse em compreender como se deu o processo de filiação, tanto na perspectiva parental como na das próprias crianças, considerando todos os aspectos envolvidos no processo da adoção dos irmãos, desde a destituição, o desacolhimento, a inserção na família e o processo adotivo. Assim, com base nas entrevistas de anamnese realizadas com Juca e Luz foi possível a compreensão de aspectos ligados às motivações conscientes e aos desejos subjacentes ao processo de adoção na perspectiva parental.

Uma motivação, tanto consciente como inconsciente, envolvendo o desejo de Luz era a de ter um filho com Juca (infértil), pois sozinha ou com outro homem, ela não se autorizava a ser mãe. Em um primeiro momento, justificando que não queria ficar só, Luz optou por cuidar de uma sobrinha maior de Juca, aos fins de semana. Posteriormente, ainda para dar conta do seu desejo de maternidade, ela e o marido passaram a criar um sobrinho de Juca, que permaneceu com eles dos nove aos vinte poucos anos de idade. Portanto, já havia na trajetória familiar do casal experiências de cuidado de crianças provenientes da família extensa, as quais proporcionaram um ensaio para tornarem-se pai e mãe. Além desses aspectos, essas práticas de cuidados

alternativos, não se restringiam à família de Juca e Luz. Em termos da história familiar extensa, havia o relato de várias situações de adoção de crianças maiores, tanto da parte da família extensa de Juca como na de Luz.

Portanto, a motivação para a adoção naquele momento da vida do casal se deu por questões próprias à dinâmica do processo de elaboração pessoal de cada um em relação à parentalidade. Isto é, não havia barreiras ou preconceitos familiares quanto à opção por adoção de crianças, visto que arranjos de cuidados alternativos e práticas adotivas já ocorriam em distintas gerações da família.

Em termos do casal, a narrativa referente ao movimento de decisão por adotar aponta a cirurgia de Juca como fator determinante, pois o procedimento o impossibilitaria de continuar trabalhando, permanecendo mais em casa. Assim, após a cirurgia na coluna, Juca propõe a adoção para a esposa. Observa-se, portanto, que finalmente, o casal assume a infertilidade de Juca, decidindo se habilitar para a adoção e constituir sua própria linhagem. De certa forma, uma análise mais específica indica que Juca autorizou-se a constituir sua linhagem, admitindo sua infertilidade.

Segundo Cunha (2007), são dois os organizadores essenciais do espaço familiar, o discurso e o desejo na família. No caso em tela, aparecem parâmetros próprios da estrutura familiar inconsciente com relação ao desejo de parentalidade e suas impossibilidades. Além da cultura da adoção de crianças que perpassava tanto a linhagem de Juca quanto a de Luz, o casal descendia de famílias grandes com mais de dez irmãos cada. Ou seja, várias marcas inconscientes que facilitaram o enlace de Rico e Mila nessa re-fundação familiar (Trindade-Salavert, 2010).

Conforme Kaës (2010), o lugar ocupado pelos pais adotivos refere-se a uma situação paradoxal, pois os sonhos quanto ao filho adotivo já se referem a mitos sobre um filho que está carregado no corpo e sonho materno, entretanto é um filho que ainda está por acontecer, ainda que presente. Assim, o autor ainda complementa que é um sonho de pais paradoxais, já que o filho é e não é deles. A filiação do filho adotivo inclui, então, esta situação dupla, representa o sonho dos pais adotivos, porém já existente para outros genitores. A situação da adoção se torna singular e específica, porque demanda dos “*neopais*” (p. 172) a criação de um fantasma desse cenário primitivo do qual estavam ausentes e portanto excluídos. Logo, a criança maior introduzida na família adotiva, inicialmente, ficará sem esse suporte narcísico do sonho parental. Entretanto Kaës considera que justamente vai haver este momento a

possibilidade de construir a sua própria realidade psíquica. Desta maneira, os “*neopais*” assumem o lugar dos genitores, que ocupam uma posição mítica. Em certo sentido, os pais adotivos também revivem a experiência infantil de terem imaginado terem sido adotados por seus próprios pais. Assim, é na junção entre este romance familiar e os sonhos parentais que se estabelecem as ligações que permitem fundar no conjunto social um cenário de lugares e atribuições ao filho adotivo. Portanto, é na distância entre o lugar solicitado ao filho a ocupar e o discurso que ele vai sustentar, que será possível a constituição de um sujeito singular. Ou seja, “*este espaço dos sonhos e dos mitos é entrecruzado pelos sonhos dos pais sobre seu filho, sonho do filho, sonhos de pais adotando este filho, seu próprio sonho na condição de filhos ‘adotados’*” (Kaës, 2010, p.173).

Todavia, neste trabalho, o perfil da criança pretendido pelo casal adotivo era diferente daquele das crianças adotadas. Inicialmente, o casal tinha como características do perfil a criança ser de até um ano de idade, etnia negra, qualquer sexo, e sem deficiência mental. Também, aceitavam irmãos, desde que fossem gêmeos e bebês. O desejo consciente do casal correspondia, então, ao perfil pretendido. Entretanto, o desejo inconsciente refletia marcas familiares específicas e, de certa forma, foram esses desejos inconscientes que sustentaram a opção por Rico e Mila. Quer dizer, Mila tinha mais ou menos a mesma idade da menina que fora adotada pela mãe de Luz. Por sua vez, Rico tinha a idade do sobrinho quando ele fora morar com o casal. Ainda, Rico apresentava uma lesão na coluna, tendo que passar por uma cirurgia, tal como Juca. Até os ensaios de maternidade que Luz experienciara com os dois sobrinhos foi com crianças maiores. Por último, em consonância com o perfil inicial, as crianças adotadas eram negras conforme a escolha do casal, sendo esta a característica que se manteve inalterada.

Entretanto, o processo de transformação e aceitação de características distintas da criança a ser adotada em relação à imaginada somente ocorreu através dos encontros de trabalho para a adoção. Com base na experiência de Juca e Luz no curso de preparação para a adoção é que foi possível observar a promoção desse repensar, o qual sustentou as mudanças quanto ao perfil e características conscientes da criança desejada. Assim, esse acompanhamento psicológico pode atuar visando conscientizar os pais acerca da possibilidade de haver diferença entre a criança que esperam adotar, imaginária, e a criança autêntica que viria. A concordância desta diferença e a

compreensão dos desafios específicos apresentados pela adoção dos irmãos maiores permitiram uma melhor adequação ao papel de pais adotivos.

Na mesma direção, Gondim et. al. (2008) também identificaram esse processo de adequação do perfil da criança nos grupos de apoio para a adoção realizados. Todavia, o preparo dos pais não se restringe somente à promoção da aceitação das características da criança que chegará. Na verdade, esse preparo está instaurando o processo de filiação, sustentando e amparando os afetos ligados à transformação entre a idealização do filho imaginado e a criança adotada. E mesmo havendo preparo, a etapa inicial de contato, quando as crianças são desacolhidas da instituição e recebidas pela família são momentos quando estes afetos emergem intensamente.

Neste trabalho, a impressão da entrevista de desacolhimento das crianças do abrigo e o encontro com a família foi de festividade e alegria. Contudo, também emergiram nesse momento sentimentos de insegurança, instabilidade e temores com relação à filiação. Luz demonstrou ter percepções idealizadas com relação à família e aos filhos, “*Vamos ser felizes, vamos ser muito feliz!*” e de fundo a fala do pai, Juca, confirmando: “*É*”. Assim, é interessante que já neste momento se observavam as diferenças entre um movimento de idealização materno que encobria certa indecisão paterna.

Em se tratando de um casal, a adoção deve ser feita a dois, bem antes da chegada da criança. “*Trata-se de uma posição inconsciente em que ter uma criança em comum ocupa o lugar de fazer uma criança junto. Fazer e ter terão, assim, o mesmo impacto sobre a disposição de cada um de acolher e reconhecer a criança como a criança do desejo*” (Hamad, 2010, p. 25). É crucial o desejo da adoção por parte dos dois, para que ocorram os investimentos psíquicos necessários para o enlace simbólico das crianças maiores. Pois, não basta colocar o casal e as crianças na mesma casa para que ocorra a construção de uma família.

Apesar de Juca estar mais distante, lembramos que o desejo de adoção partiu dele. Porém, o ato da adoção ressuscitava o fantasma da infertilidade que Juca teria primeiro que dar conta para depois acolher aos filhos. Talvez, estes temores iniciais fizessem com que Juca se colocasse mais em segundo plano, naquele momento inicial de recebimento das crianças. Já Luz, encontrava-se mais aberta à mudança e sem amarras na busca dos filhos na instituição, porém percebia o processo de maneira idealizada, o que necessariamente não iria garantir o sucesso do processo adotivo. Rico

e Mila iriam precisar de muito investimento psíquico do casal, devido aos traumas sofridos anteriormente. Portanto, a instauração da parentalidade e da filiação das crianças exigiria todo um processo de construção gradual de convivência.

Cabe mencionar, porém, que o início do processo adotivo da criança maior é sempre permeado por especificidades na construção da parentalidade, tais como: a espera pelo filho que é incerta e se difere do tempo de uma gestação; as idealizações pela chegada da criança, principalmente no caso de casais inférteis e/ou estéreis; a fase de Lua-de-Mel que é mais intenso que em famílias biológicas; e a fase da Lua-de-Fel (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010a, Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010b). Logo, a reflexão que emerge com base no processo de Juca e Luz nos remete à complexidade do processo de adoção, o qual é perpassado pelas histórias pessoais, desejos, sonhos e mitos familiares de cada indivíduo pela opção de adotar. Além disso, há o próprio desejo da criança de se fazer adotar ou não. Neste sentido, o desacolhimento e acompanhamento do processo adotivo são etapas cruciais da adoção no que tange as novas re-fundações familiares com a criança maior, pois é o momento quando várias histórias se entrecruzam. A história frequentemente traumática das crianças necessita de palavras, simbolismos para recobrir suas feridas, refletindo também, as peculiaridades de cada caso. Além de considerar todos os desdobramentos e especificidades que envolvem a adoção. E o que dizer, então, das adoções de irmãos maiores?

Ozoux-Teffaine (1987), a partir de suas pesquisas sobre adoção de crianças maiores, concluiu que as crianças esperam nas novas relações familiares reviver as relações primitivas com a mãe. Com a entrada na família, a criança deseja renascer de diferentes maneiras. É uma restauração de ordem narcísica para reverter os danos psíquicos sofridos. Sendo assim, no caso de irmão maiores, ambos vão querer reviver essas relações narcísicas com a mãe, e esta vai ter que investir duplamente e individualmente nos filhos (Mendes, 2007).

Tais situações foram observadas nos encontros iniciais com a família, principalmente as demandas de contato corporal com a mãe por parte de Rico e Mila. Através dos beijos, dos abraços, das tentativas de reintrodução corporal, os irmãos tentavam reeditar as cenas originárias. Neste ponto, chegando inclusive a desejar mamar no peito materno. No caso de Rico, foi evidenciado uma necessidade enorme desse transbordar de ordem narcísica, esse renascimento.

Dessa forma, nas adoções de crianças maiores, nota-se um período de regressão, logo após a adoção. É o momento quando a criança vai querer entrar no corpo da mãe, mamar no seu seio, chupar bico, falar de forma incompreensível, pedir colo, entre outros pedidos. Rico e Mila, ambos encenaram tais nascimentos, demandando muita energia psíquica e investimentos por parte de Luz. Porém, tais comportamentos são esperados e necessários para a construção da filiação e da parentalidade, sendo que os irmãos já haviam vivido anteriormente momentos de rechaço, de separação, de carências, de abandono e por vezes, de negligências. Experiências que deveriam ser restauradas por seus pais adotivos. E que, no nosso caso, Rico e Mila restauraram com Luz.

Anzieu (2000/1989), assim, coloca o ego pele como uma configuração necessária em que o ego da criança é utilizado, ao longo das fases precoces do seu desenvolvimento, para representar-se a si mesma como ego, a partir da experiência da superfície do corpo. Isto é, a fantasia de reinclusão no corpo materno (“fantasma intra-uterino”) quando a criança busca, através do contato corporal, a realização do desejo de voltar ao corpo materno. Este ego pele, assim denominado, aparece, então, sob a forma de representação primária e metafórica do ego, apoiada na sua sensorialidade tátil.

Com base na psicanálise, o narcisismo é um elo necessário entre pais e filhos. Principalmente na posição dos pais na constituição do narcisismo do filho, ou seja, é por meio do filho que os pais têm seu narcisismo renascido. O filho viria realizar os sonhos de desejo insatisfeitos, desses pais, garantindo inclusive a imortalidade do “eu” através do filho, no caso do adotivo também. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo deles mesmos renascidos, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior (Freud, 1987/1914).

Assim, com relação às crianças, Mila de maneira espontânea, abertamente se permitiu perfilhar e se inscrever na árvore genealógica. A menina fazia investimentos constantes para com os pais, demandava atenção e retribuía afetos. Enquanto Rico, demonstrava estar mais distante da família, imperioso, não contribuindo muito no seu processo filiativo. A maior parte do tempo, gostava de estar na rua brincando com os amigos e não fazia as coisas que Juca e Luz lhe solicitavam, comportamentos de certa forma coerentes com sua história pregressa de experiências traumáticas no estabelecimento de vínculos.

Ao mesmo tempo, o discurso do casal se apresentava ainda permeado por idealizações e negações das etapas do processo adotivo. Na fala de Luz, ela referia-se a sentimentos de que sempre haviam sido uma família. Será que era isso mesmo? No entanto, em outros momentos, as queixas apareciam. As falas idealizadas, em certo sentido, indicavam uma maneira de negar o processo adotivo e a própria história pregressa das crianças, situações que lembravam o casal de suas feridas narcísicas devido à impossibilidade de gerarem um filho biologicamente. Além disso, assim que adotaram as crianças, o casal manteve a mesma rotina de visita dos parentes e amigos aos fins de semana e também durante a semana.

Essas atitudes apontam as dificuldades iniciais do casal de não conseguir se voltar para a família e acolher os filhos, criando uma representação psíquica conjunta da família, para depois os apresentarem ao social. Ao contrário, Juca e Luz necessitavam de apoio e sustentação familiar para dar conta de todas as mudanças abruptas que estavam ocorrendo, pois somente com o suporte um do outro não estavam conseguindo. Rico, por sua vez, era o porta-voz da situação, reclamando muito das visitas. Ele manifestava claramente a necessidade de construção de um espaço privado familiar que permitisse reconstruir as relações de parentalidade para, então, conseguir enfrentar o social. Nesse sentido, esta foi uma dificuldade percebida no processo de adaptação em nossos primeiros acompanhamentos, quando Luz questionava se não era possível pular essa fase, as crises e ir direto para a vida “normal”. Isto é, momento em que Rico, Mila, ela e Juca funcionassem como família, sem tantas questões para organizar.

Na adoção da criança maior, esse é um dos pontos que dificulta o processo, a tensão provocada pelo posicionamento da criança de maneira interativa, ora aceitando e ora rejeitando, negando e negociando os arranjos e lugares atribuídos a ela pela família, além de se posicionar referente à sua história passada (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007). Dessa forma, a mãe adotiva, no caso de crianças maiores, é imediatamente confrontada pelo desejo infantil, situação que gera dificuldades no estabelecimento do vínculo, indicando a importância do acompanhamento destas famílias adotivas, ainda mais em situações de acolhimento de crianças vítimas de maus tratos.

Sobretudo, segundo Ozoux-Teffaine (1993), quanto mais marcada for a vida da criança pelo abandono e maus tratos, mais expectativas ela vai ter em relação aos pais adotivos. Todo o período de adoção é vivido como signo de exclusividade. Logo, ser o único objeto de atenção do casal é uma necessidade para a criança que inicia uma nova

vida. Mas, muitas vezes, principalmente na adoção de irmãos maiores, o casal tem que investir nas crianças individualmente. Esse é, particularmente, um período difícil, pois os adotados reivindicam investimentos afetivos, além de expressarem o desejo de quererem ser o filho único do casal (Mendes, 2007).

No 10º encontro com a família, pudemos perceber a disputa das crianças pela atenção da mãe, aumentando naquele momento a tensão da reconstrução familiar e os sentimentos de ciúme de Rico para com a mãe. Lembrando, também, que logo após a Lua-de-Mel, dando continuidade ao processo de adaptação em que a família encontrava-se, instalou-se a fase da Lua-de-Fel. Esta fase é permeada por situações de instabilidade que alimentam mais as fantasias persecutórias, de ciúmes, circunstâncias de temores, de re-vivência de feridas narcísicas e de troca de agressividades entre seus componentes (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010a, Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010b).

Esta condição de instabilidade podia ser percebida da parte de Rico e de Mila em relação aos pais e vice-versa, nutrindo-se de sentimentos de ambivalência, rejeição, aproximação, agressividade e afetividade. Neste momento, o casal passava pelo medo de não conseguir se constituir como família, tendo que elaborar o luto da relação a dois, perdida para a re-fundação da família. E Rico e Mila precisavam superar o medo da rejeição e o fantasma da devolução, pois se iniciava a fase de testar o amor dos pais.

Os estudos sobre as adoções de crianças maiores nos apontam que comumente elas testam a aceitação dos pais adotivos. Dessa forma, o casal parental precisa ser preparado para passar por essa circunstância e não tomar para si como sendo uma agressão pessoal, rejeição ou provocação da criança, mas como parte do seu processo de adaptação, convivência e relações, que envolve o tornar-se pai, mãe e filho por adoção (Brodzinsky, Smith & Brodzinsky, 1998, Brodzinsky & Smith, 1995, Campos & Costa, 2003, Solon, 2008, Vargas, 1998).

Neste mesmo encontro com a família percebemos em Luz movimentos ambivalentes com relação à maternidade. Na verdade, suas queixas sobre as dificuldades na relação com as crianças eram esperadas e necessárias para a construção da função materna. Inicialmente, a grande questão era perceber que Rico e Mila eram diferentes dos sobrinhos e constatar que cada indivíduo já tem suas marcas singulares e estruturas de personalidades pré-estabelecidas. Portanto, Luz necessitava fazer um movimento interno e dar-se conta que precisava abrir-se para aceitar as duas crianças reais, que ali estavam.

Entretanto, no caso de Mila, o interessante foi acompanhar a instalação do processo de parentalidade e filiação. Nas primeiras entrevistas, Mila solicitava algo para a mãe o tempo todo, como, por exemplo, “*Mãe eu quero mamã*”, “*Mãe cadê meus batons*”. Através desses comportamentos, indicava uma necessidade imediata de investimentos narcísicos da mãe para com ela, demandando mais à mãe e deixando o pai de lado. Posteriormente, em outra fase, com o evoluir do convívio, Mila começa a se movimentar com pertencimento na família. Passou a ir ao banheiro sozinha, a não usar mais mamadeira e a atender ao telefone em casa, numa disputa com Rico. Além disso, cantava músicas para o pai e oscilava entre as atenções à mãe e ao pai. Começa a introduzir mais o pai nas cenas familiares e ele a atende, mostrando evolução no processo filiativo. Pode-se dizer que a identificação entre Mila e Luz ocorreu de forma mais imediata, gostavam de se arrumar e torciam pelo mesmo time de futebol. Luz, também se identificava com o cabelo da filha que havia crescido igual ao dela.

Refletindo sobre o caso, ao longo desses cinco meses, pudemos presenciar alguns aspectos do processo identificatório e formação do laço afetivo tanto na perspectiva parental como na das crianças. Entre Luz e Rico ocorreu uma identificação parcial com alguns traços do menino semelhantes à mãe, tal como a dificuldade de ambos na matemática. Da mesma forma, em várias entrevistas, Luz relatou que ela e Rico eram muito parecidos, na impulsividade, no chorar por qualquer coisa e no jeito de ser. Por sua vez, Juca e Rico identificaram-se no gosto por músicas sertanejas, na preferência pelo mesmo time de futebol e por desejar pilotar. Juca havia sido motorista de caminhão de grande porte, com reboque e Rico sonhava em ser piloto de avião caça, dizendo que queria ser da esquadrilha da fumaça.

Conforme Hamad (2002), o início desse novo laço é presenciado no momento identificatório da criança com os pais adotivos, significando a réplica do infante ao desejo dos pais. Denota-se toda a maneira e tática inconsciente que o pequeno tem para engatar “*o gozo do Outro a fim de se assujeitar a ele e se tornar o objeto de seu gozo. A criança apreende isso através dos significantes da acolhida que os pais lhe reservam, oferecendo-lhe, assim, o leito sobre o qual o elemento de sua pré-história vão se inscrever e tomar vida*” (p. 84).

No entanto, a identificação não se dá somente na vertente afetuosa, ela ocorre também nas trocas agressivas. Na pesquisa, evidenciamos, na mãe, tanto a expressão da vontade de querer fugir e ir embora, como também, de querer ficar mais próxima dos

filhos e de saber lidar melhor com eles. Dessa forma, presenciamos na identificação de Luz para com os filhos, correntes nutridas de movimentos afetuosos e agressivos que envolviam a relação materna. Como também, observamos tais sentimentos em Juca, com relação aos filhos. O pai chegou a propor o retorno de Rico para a instituição, se ele quisesse, alegando que não precisavam conviver contrariados. Juca, no momento da crise, pensou na possibilidade de devolução de uma criança. E Luz, na hora da crise, desejou sumir e fugir, mas não pensou em devolver o Rico.

Nesse viés, as entrevistas, possibilitaram um espaço para o casal trazer suas fantasias agressivas com relação às crianças, apontando a importância da escuta psicanalítica que acolhe a ambivalência do sujeito frente ao seu desejo, orientando-o. Em alguns casos, a manifestação agressiva pode ser interpretada como uma impossibilidade por parte do casal e, por um fim, no processo adotivo, resultar na devolução da criança. No nosso caso, ao contrário, devido à possibilidade de escuta terapêutica, pode-se promover o enlaçamento de pais e filhos.

Por outro lado, Freud (1921a/1988, p. 133) afiança que: *“A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto o desejo do afastamento de alguém”* o que dificulta às vezes, a adoção da criança. Portanto, segundo Denis (1999) a construção da identidade se enriquece com o trabalho de filiação que permite a construção\reconstrução da narrativa interna própria ao romance familiar. A construção da identidade, a partir dos fantasmas das origens, está intrinsecamente vinculada ao romance familiar, papel sexual, identidade sexual e de movimento de identificação e desidentificação aos pais (Lévy-Soussan, 2010). Além disso, trata-se de um trabalho psíquico árduo para reinvestir a realidade do casal como lugar originário e histórico do romance familiar próprio de cada criança (Lévy-Soussan, 2010). Portanto, o que constrói uma família e une os seus membros são os laços afetivos, de investimentos ambivalentes que carregam correntes afetuosas e agressivas. Pois toda a família vai ter seus conflitos e suas questões a resolver. A família é costumeiramente marcada pela rivalidade entre os seus membros, como por exemplo, através do ódio entre os irmãos, pelo ressentimento para com os pais, ou um deles, entre outras tantas situações (Ceccarelli, 2002).

Todavia, entendemos que o processo adotivo, neste caso, só pode ocorrer sob determinadas condições, ou seja, com a ajuda do acompanhamento psicológico. Este permitiu contemplar desde os sentimentos de abandonos e rejeição em Mila e Rico,

como também possibilitou o surgimento do “*apetite de filiação*” (Abadi, 1998, p. 95) e até mesmo a superação dos medos e temores de uma devolução. Assim, Juca cogitou a possibilidade de devolução de Rico. Apesar desse discurso, a família fazia movimentos inconscientes e conscientes de inclusão familiar, cuidando dos aspectos legais e de saúde da linhagem.

Assim sendo, as entrevistas de acompanhamento puderam auxiliar os pais com informações sobre os movimentos agressivos dos filhos, o esvaziamento dos traumas vividos, os orientado para a compreensão de que essas expressões não eram algo direcionado a eles. E que Rico e Mila precisariam de muitos investimentos psíquicos para dar conta das fraturas ocorridas no seu desenvolvimento biopsicossocial. Assim, a função do intermediário é insubstituível no processo de adoção de irmãos maiores. A técnica utilizada pode variar de acordo com as situações encontradas, mas focaliza-se na reflexão e planejamento do casal para com os filhos (Abadi, 1998).

Em contribuição, Winnicott (1956) afirma que nos casos de adoções de crianças maiores que passaram por severas deprivações emocionais, elas necessitam de “pais-terapeutas”. Pais que exercerão as funções parentais e, também, que darão conta das carências ambientais da história pregressa de seus filhos. É corriqueiro encontrarmos pais que não têm a idéia de que despenderão mais tempo, afeição e paciência do que o freqüente com estas crianças. Nestes casos, os pais são acometidos por sentimentos de desapontamento, hesitação e até de arrependimento pela criança adotada, fazendo movimentos de possíveis devoluções e, às vezes, ocorrendo devoluções de fato.

Sendo assim, Luz e Juca falaram da importância que foi o acompanhamento do processo adotivo para eles, além do curso de preparação para adoção com os casais habilitados que participaram na comarca. Juca falou: “*Ajuda. Realmente ... Eu não pensava que fosse tanto assim... eles chegaram e de repente mudou tudo. Até porque não sei, né? No início, assim, chegaram assim tão, foi tudo tão rápido. E de repente, né, depois não é, é a idade, né. Ela já é mais... mas ele é mais... como tu disse, já é mais difícil... Ele já é grande, entende muita coisa, é muito esperto, já negocia. É uma coisa assim, às vezes ele chega em casa e já tira a roupa e joga tudo no chão, derruba...*”

Para Winnicott (2001), quando há uma invasão de fracassos no meio ambiental, antes que a criança esteja estruturada psiquicamente, ocorrem os traumas psíquicos, inomináveis e impensáveis, devido às deprivações sofridas. Na ausência de suporte egóico e diante da pressão ambiental a criança se protege reagindo e respondendo. Neste

sentido, conforme o autor, a criança que apresenta tendência antissocial sofreu intercorrências na fase de dependência relativa, quando ela já se dá conta do desamparo materno. No entanto, esta expressão não se reduz a um diagnóstico psicopatológico. Ela pode se desdobrar em vários quadros clínicos focando-se no intuito de provocar uma reação do ambiente (Abadi, 1998). Sendo assim, pensamos que Rico apresentou tendências antissociais, quando estava em fase de adaptação à família adotiva, situações citadas nas falas de Juca e Luz sobre o filho. E também, essas reiniciaram com o retorno da mãe ao trabalho, o que vem ao encontro da teoria winnicottiana sobre a tendência antissocial. Isto é, para que a criança deixe de apresentar este perfil é preciso que ocorram melhoras no meio ambiental, onde a mesma tenha a esperança de ter as suas demandas atendidas pela família. Outra situação que vem ao encontro à tendência antissocial de Rico diz respeito ao desenho da “Corrida Maluca” em que o menino identificava-se com o personagem do Tião Gavião, que apresenta tais tendências. Além disso, envolvia-se em brigas na escola com os colegas, sendo que as mesmas incluíam agressões físicas.

Na clínica psicanalítica, Levinzon (2006), com base no relato de casos clínicos em adoção, considerou crucial a orientação ou psicoterapia com a família adotiva como recurso para a prevenção de distúrbios na relação familiar e no equilíbrio emocional do filho. *“Funciona como uma medida profilática para o estabelecimento de uma dinâmica familiar baseada em alicerces firmes e verdadeiros”* (p. 24). A autora nos diz que temos que ter o cuidado ao refletirmos sobre a necessidade de orientação e/ou a psicoterapia com relação à adoção. Não significa que estejamos reforçando o pensamento corriqueiro de que *“toda adoção é um problema”* (p. 25). A adoção *“pode ser um problema”* (Ibid) quando os sentimentos e fantasias inconscientes, citados acima, não estão suficientemente discriminados e elaborados.

Luz afirmou que com os acompanhamentos, pouco a pouco, o casal ia transformando a maneira de lidar com os filhos. Não precisavam mais gritar com os filhos, toda a crise da Lua-de-Fel de dificuldades de impor limites e de delimitar os lugares na família já tinha passado. E Juca complementa que realmente estavam evoluindo, mas Rico ainda era muito teimoso e só queria saber de brincar e assistir DVD. Ainda assim, consideramos que Rico estava melhorando, resgatando e recuperando através do brincar e do ambiente propício, etapas do seu desenvolvimento perdidas e traumáticas. No nosso último encontro, o menino contou que tinha seis

amigos na rua onde morava e que estava feliz, sinalizando um maior pertencimento familiar e social.

Em concordância com Winnicott (2001), a criança carente, que sofreu privação ambiental não se torna sadia de uma hora para a outra apenas com a mudança de casa. Entretanto, ela é capaz de beneficiar-se de um bom ambiente iniciando um processo de melhora. Assim, na medida em que fica menos privada, torna-se capaz de colocar seu ódio para fora em relação às carências vividas anteriormente.

Neste sentido, a função do intermediário exercida ao longo das entrevistas pode promover e auxiliar o processo da adoção de Rico e Mila no que tange aos períodos do estágio de convivência, orientando sobre cada etapa e amenizando as dificuldades. Da mesma forma, no presente caso, foram ser observadas durante o estágio de convivência todas as quatorze características citadas por Campos (n.d.) existentes na adoção da criança maior. Características essas que se manifestaram de forma regular, repetindo-se nos diferentes casos, independente se a situação refere-se a um filho biológico, adotivo ou por afinidade. Assim, a entrada de um novo membro numa família sempre acaba por instalar uma situação de crise. *“Crise com todo o seu potencial destrutivo de risco (perigo), mas também de oportunidade e crescimento/evolução”* (p. 2).

Com relação ao processo de tornar-se pai, mãe e filhos por adoção, pudemos observar na fase de adaptação e construção da parentalidade de Juca e Luz com relação ao processo filiativo das crianças as etapas de: 1) Aparecimento de comportamentos regressivos na criança; 2) Agressividade – em geral, logo após a fase de encantamento mútuo; 3) Agressividade em particular contra a mãe adotiva; 4) Ritmo acelerado de desenvolvimento global da criança; 5) Enfrentamento do preconceito social; 6) Esforço significativo da criança para se identificar com os novos modelos parentais; 7) Construção do vínculo de filiação com atropelamento de etapas; 8) Vínculo de filiação de forma diferenciada; 9) Aquisição de novos costumes no meio em que acaba de ser inserida; 10) Aquisição de novos hábitos alimentares pela criança; 11) A criança constrói um novo “eu”; 12) Sentimentos de vulnerabilidade, impotência e culpa – Os pais adotivos tendem a sentir que têm que ser pais perfeitos; 13) Mobilização de emoções intensas e carregadas de ambivalência – Tanto os adotantes como a criança adotada experimentam tais emoções; e por fim; 14) A criança se mostra “imatura” para determinadas coisas e “muito avançada” para outras (Campos, n.d.).

No entanto, quando Rico e Mila estavam adaptados às rotinas familiares e amadurecendo os laços, ocorreu a entrada da Mila na escolinha, seguida do retorno da mãe ao trabalho. Tais mudanças criaram uma tensão familiar, intensificadas em Rico e em Mila que coincidiram em estacionar seus avanços e regrediram. Mila voltou a usar fraldas, a fazer xixi na cama à noite, a tomar mamadeira e apresentou tendências opostas. Já Rico, que estava evoluindo com relação à tendência antissocial na escola e na família, retrocedeu. Passou a brigar na escola e a não entregar os temas que fazia com a mãe. Na família, intensificou as brigas com Mila. Ambos começaram se relacionar com agressões físicas e xingamentos, um contra o outro.

Com esse novo cenário familiar instalado e o fim do acompanhamento do processo adotivo, percebeu-se que seria importante encaminhar Rico para atendimento psicoterápico. O atendimento serviria para o menino elaborar os danos psíquicos sofridos, anteriores à adoção, que ele ainda não havia superado por completo, e para dar conta dessa nova mudança no contexto da família que estava em processo de enlaçamento de investimentos.

Ao final do acompanhamento, Rico passava mais tempo a sós com o pai, enquanto a mãe estava trabalhando e Mila encontrava-se na escolinha. Luz, identificada com os filhos, também dizia que estava abalada com os novos acontecimentos: a regressão dos filhos e o início do tratamento de Rico que seria longo. O tratamento médico de Rico, ainda era incerto, mas sabida a necessidade de cirurgia, devido ao seu problema grave de coluna. Luz achava que após cinco meses os filhos tinham que estar mais adaptados e, não regredindo. Para ela, a fase de adaptação já havia acabado e os via como uma família. Dessa maneira, ficava preocupada com Juca, por medo dele não conseguir cuidar dos dois sozinhos durante o dia.

Ainda que estivessem juntos há quatro meses, a família negava o abalo nos laços familiares sentido por todos em função do retorno ao trabalho da mãe, da entrada na escolinha de Mila e da possível cirurgia de Rico. Todavia, um olhar mais atento sobre essas dificuldades revela que nesta fase final do acompanhamento as queixas deixaram de ser nomeadas a partir da adoção, mas sim pela ótica de demandas familiares usuais. Isto é, houve uma transformação na forma como a compreensão dos problemas era designada, no sentido de que não foram referidas ao processo adotivo em si.

No último encontro, Rico me mostrou sua música favorita. Refletindo sobre a letra e seu significado é possível identificar elementos que falam do retorno da mãe ao

trabalho, da qual ele sente muitas saudades. Em um nível mais simbólico, indicam a dificuldade natural da criança em lidar com separações e perdas, as quais foram revividas pelas mudanças ocorridas. Assim, a letra da música fala: *“Te perdi, eu não sei direito o que aconteceu, só me dei conta quando o dia amanheceu. Eu acordei, olhei pro lado e não te vi abandonado, triste num canto pensando na gente. A culpa é minha, podia ser diferente, não dei valor e agora sei que te perdi. Os dias vão e é só saudade de você no coração, o telefone que não sai da minha mão. Eu conto as horas pra voce voltar pra mim, vou te amar, não importa o quanto eu tenha que esperar, deixei a porta aberta pra você entrar de novo aqui, no meu coração”*.

E para finalizar, Mila apresentou outra melodia para representar a sua construção de parentalidade. Então, pensamos sobre a música, intitulada *“Meteoro da Paixão”*: *“Depois que eu te conheci, fui mais feliz. Você é exatamente o que eu sempre quis. Ela se encaixa perfeitamente em mim. O nosso quebra-cabeça teve fim. Se for sonho, não me acorde. Eu preciso flutuar, pois só quem sonha, consegue alcançar. Te dei o sol, te dei o mar pra ganhar seu coração, você é raio de saudade, **Meteoro** da paixão, explosão de sentimentos que eu não pude acreditar. Ah! Como é bom poder te amar! Tão veloz quanto a luz pelo universo eu viajei. Vem! Me guia, me conduz, que pra sempre te amarei”*.

Na letra dessa música percebemos uma declaração de amor de Mila que também vai ao encontro do discurso do casal sobre o processo adotivo descrito como tendo sido muito rápido e gerando uma radical mudança. Neste sentido, refletimos sobre o significado da palavra meteoro, que *“designa o fenômeno luminoso observado quando da passagem de um meteoróide pela atmosfera terrestre. Este fenômeno que pode apresentar várias cores, que são dependentes da velocidade e da composição do meteoróide, um rastro, que pode ser designado por persistente, se tiver duração apreciável no tempo, e pode apresentar também registro de sons¹²”*. Um meteoro é conhecido popularmente como estrela cadente. Dessa forma, a declaração de amor de Mila endereçada aos pais nos faz pensar que foi possível o processo filiativo de sua adoção, sustentada na palavra paterna, que recontou, denotando o processo pater-filial.

Portanto, a construção de uma re-fundação de filiação vem a ser um dos desafios dessa clínica. Assim, facilitar os processos de identificações cruzadas entre adotantes e adotados e integrar as

¹² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Meteoro>.

vivências e o recomeço de uma história familiar nas histórias transgeracionais se constitui talvez o objetivo maior do tratamento (Trindade-Salavert, 2010b, p. 160).

Considerações Finais

Assim, por tudo o que até aqui expusemos e refletimos a partir das elaborações teóricas e das vivências do acompanhamento do processo filiativo na adoção dos irmãos maiores, foi possível vislumbrar o quão delicadas são as reconstruções das relações familiares que permeiam a história de cada membro no percurso da subjetividade.

Portanto, entrar na filiação é ser um sujeito singular, sexuado e mortal. O filho ocupa um lugar no conjunto geracional que lhe assegura a continuidade narcísica, assexuada e imortal. Pois, na filiação “*o sujeito tem acesso à origem e à morte, à nomeação e à transmissão, à função simbólica e ao pensamento*” (Kaës, 2010, p. 166). O que funda a filiação é a diferença sexual, das origens, da vida e da morte. Balizas essenciais para que a criança construa seu romance familiar e passe por seu conflito edipiano. Não há parentalidade sem alteridade (Lévy-Soussan, 2010).

No estudo, observamos a diferença sexual presente na construção das falas das crianças. Mila cantava uma melodia para o pai da minhoca e do minhoco que se beijam, enquanto que Rico, ao descrever a família, dizia que quem mandava em casa era o pai, quando o pai não estava, era a mãe. Porém, se caso a mãe também não estivesse, era ele quem mandava na Mila e em casa. E confirmava com a mãe sobre a lei na família, e, esta concordava com a referente função paterna. É interessante observar que a mãe e as crianças foram muito mais atuantes em todo o processo de acompanhamento do que o pai. Todavia, isso não simbolizou que o mesmo ocorreu nas trocas paternas em família com os filhos. Conforme Hamad (2002), não importa se o pai está presente ou ausente, o que conta para que uma criança “*entre no Édipo é que a mãe em si mesma seja castrada e introduza, na sua relação com o seu filho, essa referência à palavra de um pai*” (p. 16).

Além disso, reconfirmamos os quatorze passos do estágio de convivência descrito por Campos (n.d.), como presenciemos movimentos identificatórios na família entre os pais e os filhos. Todo esse processo de parentalidade e filiação foram possíveis, pois houve desejo e disponibilidade psíquica por parte do casal e das crianças maiores do estudo.

A filiação psíquica é constituída pelo desejo e pela necessidade recíproca que alimenta e nutre o narcisismo de pais e filhos. Trata-se do desejo e aceitação de ter esse filho e esses pais. É a representação da construção subjetiva singular que permite a cada um considerar-se como pai, mãe, filho ou filha. O marco psíquico da filiação permite a conexão dos três elementos basilares da sociedade: o biológico, o social e o simbólico. Tal filiação se constitui no dia a dia da família, na temporalidade, na troca de relações com os protagonistas, nas vivências diárias (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010a). Em resumo, observamos todo o enlace afetivo e agressivo de cada membro da família. Os irmãos maiores foram sendo filiados pelos pais, cada um a partir de suas identificações e percursos pessoais. Mila, desde o início, se posicionou de maneira mais afetuosa.

Sem dúvida, que a pesquisa é uma tarefa árdua e vários questionamentos surgiram ao longo do trabalho. Assim, o tempo do acompanhamento psicológico deveria ter sido superior para compreender todo o processo adotivo, já que juridicamente, esse ainda tramitava em juízo e as crianças apresentavam-se fragilizadas com o retorno da mãe ao trabalho. Por outro lado, no percurso da família adotiva presenciamos várias marcas simbólicas que funcionaram como facilitadoras do encadeamento da família. Tais como: a repetição na história materna da adoção de um casal de irmãos maiores, a criação por Luz e Juca dos sobrinhos, também um casal e maiores, a cirurgia na coluna de Juca e Rico, a dificuldade na matemática de Rico e Luz, a mesma etnia de pais e filhos, dentre tantas outras identificações e repetições da história transgeracional do casal. Processo construído e entrelaçado a partir da dos acompanhamentos psicológico com a família Silva Brasil.

Além disso, cabe ressaltar que o estudo limitou-se ao caso de duas crianças. Todavia, perante a complexidade do assunto é evidente a necessidade de outras pesquisas sobre o tema. Portanto, são relevantes outras experiências que possam vir a enriquecer ainda mais nossa discussão sobre a adoção de crianças maiores, irmãos maiores e, até mesmo, nos confrontar com outros achados.

Contudo, concluímos que a adoção de crianças maiores se reveste de etapas essenciais na construção da filiação. Essas incluem desde o cuidado com história singular de cada protagonista, as etapas específicas que envolvem a adoção da criança maior, bem como, a importância da escuta psicanalítica para auxiliar o processo paterno-filial. Neste sentido, a grande maioria dos estudos é sobre bebês adotivos, sobre

as psicopatologias produzidas pela adoção e sobre a criança em si no processo de adoção. Porém, observam-se poucos estudos com relação à adoção de dois irmãos maiores.

Tal relevância se justifica, porque a realidade brasileira com relação às crianças acolhidas nas instituições e disponíveis para adoção caracteriza-se por um grande número de crianças maiores de dois anos e com pelo menos um irmão. Assim, seria importante o desenvolvimento de um maior número de pesquisas sobre a adoção de irmãos maiores, com duas, três, fratrias, incluindo desde a seleção, preparação e acompanhamento do processo adotivo. Deste modo, a contribuição da pesquisa para as políticas públicas vem ao encontro da necessidade real do acompanhamento do processo adotivo da criança maior. Pois, somente assim, efetivamente estaremos trabalhando em prol do “*melhor interesse da criança*” (ECA, 1990).

Finalizando, diante do percurso teórico-prático realizado constatamos que os acompanhamentos de orientação psicológica nas adoções ainda são ínfimos em todo o Brasil. Além do pequeno número de profissionais habilitados (psicólogos e assistentes sociais) em todas as comarcas do judiciário para suprir tal demanda, há necessidade de capacitação da equipe técnica sobre o processo de adoção e as especificidades dessa forma de filiação. Em termos de políticas de trabalho, evidencia-se a necessidade de parcerias com as universidades e o poder público de forma a promover e qualificar essa modalidade de filiação. Pois na adoção cada história é única e singular, construída entre laços de afetos e de agressividade, sendo que tudo vai depender da re-fundação simbólica da família.

REFERÊNCIAS

- Abadi, S. (1998) *Transições: o modelo terapêutico D. W. Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Albornoz, A. C. G. (2009). Perspectivas no abrigo de crianças e adolescentes vitimizados. Em: S. L. R. Rovinski, & R. M. Cruz (org) *Psicologia jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção*. São Paulo: Vetor.
- Anzieu, D. (2000/1989). *O Eu – pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Azambuja, M. R. F. (2004). *Breve revisão da adoção sob a perspectiva da doutrina da proteção integral e do novo código civil*. Recuperado em outubro 20, 2009 de http://www.tjrs.jus.br/institu/c_estudos/doutrina/adocao.doc
- Azôr, A. M. G. (2005) *Abrigar... Desabrigar: conhecendo o papel das famílias no processo de institucionalização/ desinstitucionalização de abrigados*. Dissertação em Mestrado não publicada. Pós Graduação em Psicologia Aplicada, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.
- Bíblia de Jerusalém*, (1991) cap. II, vers. 10. Porto Alegre: Paulinas.
- Bleger, J. (1998). A entrevista psicológica. Em: Bleger, J. *Temas de psicologia: entrevista e grupos* (pp. 1 – 48). São Paulo: Martins Fontes.
- Boutonier (1953), J. *Les dessins des enfants*. Paris: Editions du Scarabée.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brasil, (2006). *Plano nacional de promoção, proteção e defesa do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária*. Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília\DF. Recuperado em outubro 10, 2010 de <http://www.mp.rs.gov.br/areas/infancia/arquivos/planonacional.pdf>
- Brasil, (2009). *Estatuto da criança e do adolescente. Reformulações da lei de 03 de agosto de 2009*. Recuperado em novembro 15, 2010 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm
- Brasil, (2002). *Novo código civil*. Lei 10.406. Recuperado em novembro 01, 2010 de <http://www.planalto.gov.br/ccivil>
- Brodzinsky, D. M., Lang, R., & Smith, D. W. (1995). Parenting adopted children. (pp. 209-232) Em: M. H. Bornstein, *Handbook of parenting*. Mahwah, NJ: Lawrence.

- Brodzinsky, E. D. M., Smith, D. W. & Brodzinsky, A. B. (1998). *Children's adjustment to adoption*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Calligaris, C. (2000). *Hello Brasil! notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. São Paulo: Escuta.
- Campos, N. M. V. & Costa, L. F. (2003) A avaliação psicossocial no contexto da adoção: vivências das famílias adotantes. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 19, 221-230.
- Campos, N. M. V. & Costa, L. F. (2004) A subjetividade presente no estudo psicossocial da adoção. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 17, 95-104.
- Campos, N. M. V. (n.d.). Adoção tardia – características do estágio de convivência. Vara da Infância e da Juventude do Distrito Federal. Recuperado em abril 15, 2009 de www.tjdft.jus.br/trib/vij/docvij/artigos/adoctardia.pdf
- Campos, N. & Ghesti, I. (2000, abril, 20 a 22). Reflexões sobre a adoção no Distrito Federal em referência aos princípios enunciados pelo ECA. Em: I Congresso Psicossocial Jurídico do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, Brasília.
- Carvalho, C. (2008), *Um olhar sobre o abrigo: a importância das histórias infantis em contexto de abrigo*. Dissertação em Mestrado não publicada. Pós Graduação Psicologia Aplicada. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.
- Ceccarelli, P. R. (2002). Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 161, 88-98.
- Corman, L. (2003/1961). *O teste do desenho da família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Costa, N. R. A. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2007). Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 425-434.
- Coulanges, F. (1961). *A Cidade Antiga*. São Paulo: Editora das Américas.
- Cunha, D. F. (2007) *Construção da subjetividade... É Diferente no Filho Adotivo?* Tese de Doutorado em Psicologia, não publicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, UFRJ /CFCH/IP.
- Denis, P. (1999) Soi-même pour un autre, identité relative et identité absolue. *Revue Française de Psychanalyse*, 4, 1099-1108.
- Derdyk, E. (1989). *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione.
- Dolto, F. (1980). Prefácio. Em: M. Mannoni, *A primeira entrevista em psicanálise*. (pp. 9-30). Rio de Janeiro, Campus.

- Dolto, F. (1985). *Seminário de psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Dolto, F. (1999). *Tudo é linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dolto, F. & Hamad, N. (1998). *Destinos de crianças: adoção, famílias de acolhimento, trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ebrahim, S. G. (2001a) Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 73-80.
- Ebrahim, S. G. (2001b) Adoção tardia: uma visão comparativa. *Revista: Estudos de Psicologia, PUC – Campinas*, 18, 29-40.
- Ferenczi, S. (1993) *Diário clínico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fiori, W. R. (1984). *Aspectos críticos da adoção*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Freud, S. (1900/1988). *A interpretação dos sonhos* (parte I). Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. IV, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/1988). *Três ensaios sobre a sexualidade*. Em: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. VII, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1909/1908/1988). *Romances familiares*. Em: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. , IX, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/1988). *Sobre o narcisismo, uma introdução*. (pp.77-108). Em: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. XIV, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1988). *O instinto e suas vicissitudes*. (pp. 137-162). Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. XIV, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921/1988). *Identificação*. Em: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. XVIII , Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921/1988). *Psicologia de grupo e análise do ego*. Em: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. XVIII, Rio de Janeiro: Imago.
- Gavarini, L.(2008). Novas normas e formas de laço familiar: a sexualidade na sombra. *Estilos da clinica*, 13, 268-287.

- Ghirardi, M. L. A. M. (2008) A Presença da Infertilidade no Contexto da Adoção: efeitos possíveis na relação Pais Filhos Adotivos. Em: M. Volich, F. C. Ferraz, W. Ranña (orgs.). *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gondim, A. K. et. al. (2008). Motivação dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia*, 129, 161-170.
- Guyotat, J. (1980). *Mort, naissance et filiation: études de psychopathologie sur lien de filiation*. Paris: Masson.
- Guyotat, J. (1995). *Filiation et puerpéralité, logique du lien: entre psychanalyse et biomedicine*, Paris: PUF.
- Hamad, N. (2002). *A criança adotiva e suas famílias*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, 6, 115-138.
- Kaës, R. (2010). Filiação e Afiliação: alguns aspectos da reelaboração do romance familiar nas famílias adotivas, nos grupos e nas instituições. (pp. 163-182). Em: Trindade-Salavert, I. *Os novos desafios da adoção: interações psíquicas, familiares e sociais*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Kaës, R. (1998). *A transmissão do psiquismo entre gerações*. São Paulo: Unimario.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Levinzon, G. K. (2004). *Adoção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Levinzon, G. K. (2006). A adoção na clínica psicanalítica: o trabalho com os pais adotivos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14, 24-31.
- Levy-Shiff, I. G., & Har-Even, D. (1991). Transitions to parenthood in adoptive families. *Developmental Psychology*, 27, 131-140.
- Lévy-Soussan, P. (2010). Trabalho de filiação e adoção. (45-80). Em: Trindade-Salavert, I. *Os Novos Desafios da Adoção: interações psíquicas, familiares e sociais*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lévy-Soussan, P., Marinopoulos, S. (2010a). Abandono e Adoção: os desafios psíquicos da filiação numa perspectiva histórica e clínica. (81-108). Em: Trindade-Salavert, I. *Os Novos Desafios da Adoção: interações psíquicas, familiares e sociais*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lévy-Soussan, P., Marinopoulos, S. (2010b, agosto, 17 e 18). Mini curso de preparação das equipes especializadas em adoção. Em: I Congresso Franco-Brasileiro de Psicanálise, Filiação e Sociedade – Adoção: da criança à filiação. Recife

- Maldonado, M. T. (1995) *Os caminhos do Coração*. São Paulo: Saraiva.
- Melman, C. (2002) Prefácio: cegonha e cientificidade (pp.11-12). Em: Hamad, N. A *criança adotiva e suas famílias*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Mendes, C. L. P. C. (2007). *Vínculos e ruptura na adoção: do abrigo para a família adotiva*. Dissertação de Mestrado não publicada. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Motta, M. A. P. (1995). Adoção: uma verdade a ocultar? *Revista Literária de Direito*, 7, 23.
- Mourales-Huet. (1999). As psicoterapias mães-bebê a domicílio (pp. 73-90). Em: *Intervenções Psicoterápicas Pais\Bebê*. Guedeney, A. Lebovici, S. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ogata, et. al. (1990). Childhood sexual and physical abuse in adult patients with borderline personality disorder. *American Journal Psychiatry*, 147, 1008-1012.
- Organização Mundial da Saúde (1999). Recuperado em outubro 13, 2009 de <http://www.who.int>.
- Ozoux-Teffaine, O. (1987). *Adoption tardive: d'une naissance à l'autre*. Paris: Stock-Laurence Pernoud.
- Ozoux-Teffaine, O. (2004). *Enjeux de l'adoption tardive: nouveaux fondements pour La clinique*. Ramonville Saint-Agne: Editions érès.
- Pachá, A. M., Júnior, E. G. V.& Neto, F. O. (2009) *Novas regras para a adoção – guia comentado*. Campanha Mude um destino em favor da adoção consciente. Brasília: Associação dos Magistrados Brasileiros. Recuperado em novembro 14, 2009 de www.amb.com.br/mudeumdestino
- Paiva. L. D. (2004). *Adoção: significados e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Parreira, S. M. C. P.& Justo, J. S. (2005) A criança abrigada: considerações acerca do sentido da filiação. *Psicologia em Estudos*, Maringá, 10, 175-180.
- Pilotti, F. J. (1986). Adoption in worldwide perspective (143–150). Em: Altstein, H., Simon, R. J. *Intercountry adoption: a view from Latin America*. RAC Hoksbergen (Ed.), Berwyn, PA: Swets North America.
- Prynn, B. (2001). Family building in adoption. *Adoption & Fostering*, 25, 33-43.
- Queiroz, E. F. (2004). O “estranho” filho adotivo: uma leitura clínica do Unheimlich na adoção. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 4, 100-111.

- Queiroz, E. F. (n.d.). *Escutando pais adotivos*. Recuperado em março 10, 2010 de <http://www.fundamentalpsychopathology.org/anais2006/4.60.3.1.htm>
- Ramires, V. R. R. & Benetti, S. P. C. (2008) *Pesquisa-Intervenção na Área da Clínica Psicológica da Infância e da Adolescência* (pp. 587-613). Rio de Janeiro (Ed. Nau)
- Ribeiro, M F. R. (2002). *Grafismo Infantil: Uma análise do processo de desenvolvimento do desenho infantil de crianças de 0 a 12 anos*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Artística-Habilitação em Desenho, do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, da Universidade da Amazônia.
- Rosa, D. B. (2008). A narratividade da experiência adotiva – fantasias que envolvem a adoção. *Revista: Psicologia Clínica, 20*, 97 – 110.
- Rushton, A. (2003). Support for adoptive families. A review of current evidence on problems, needs and effectiveness. *Adoption & Fostering, 27*, 41-50.
- Santos, M. A. et al. Dos laços de sangue aos laços de ternura: o processo de construção da parentalidade nos pais adotivos. *Revista de Psicologia da Editora Vetor, 4*, 14-21.
- Silva, G. C. R. F. (2009). A criança como sujeito no processo da adoção. *Paidéia, 19*, 131-132.
- Solon, L. A. G. (2008). *Conversando com a criança sobre adoção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Solon, L. A. G. (2006) *A perspectiva da criança sobre seu processo de adoção*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Sonego, J. C. & Lopes, R. C. S. (2009). A experiência da maternidade em mães adotivas. *Revista Aletheia, 29*, 16-26.
- Souza, H. P. (2009). *Adoção é doação*. Curitiba: Juruá.
- Spitz, R. (1988). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes.
- Trindade-Salavert, I. (2010). Subjetividades que se interligam. (pp. 15-44). Em: I. Trindade-Salavert. *Os novos desafios da adoção: interações psíquicas, familiares e sociais*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Vargas, M. M. (1998). *Adoção tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Vargas, M. M. (2007). *Adoção tardia*. Recuperado em julho 10, 2010 de <http://paisadotivossa.blogspot.com/2007/07/artigo-adoo-tardia.html>
- Weir, K. (2003). Adoptive family «leap-frogging» patterns. *Adoption Quarterly*, 7, 27-41.
- Weber, L. N. D. (1995). Família e adoção. *Caderno de Resumos*, X Congresso Latino-Americano de Psiquiatria da Infância e da Adolescência (p. 72). Curitiba, Paraná
- Weber, L. N. D. (1996). *A pesquisa sobre adoção como um fator preventivo*. Em: Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Resumos de comunicações científicas, XXVI Reunião Anual de Psicologia (p. 18). Ribeirão Preto: SBP.
- Weber, L. N. D. (1997). Critérios de seleção de pais adotivos: em discussão. *Revista Interação – Curitiba*, 1, 123-137.
- Weber, L. N. D. (2000). A pesquisa sobre adoção no Brasil: uma necessidade. *Revista Psicologia Argumento*, 26, 1-7.
- Weber, L. N. D. (2001). *Pais e filhos por adoção no Brasil: características, expectativas e sentimentos*. Curitiba: Juruá.
- Weber, L. N. D & Cornélio, S. A. (1995). Filhos adotivos: Amores ou dissabores? Em Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Org.), *Caderno de Resumos*, 46º Reunião Anual para o Progresso da Ciência (p. 873). Vitória.
- Weber, L. N. D. & Gagno, A. P. (1995). Onde estão os vínculos afetivos das crianças institucionalizadas? Em: Congresso Latino-Americano de Psiquiatria da Infância e da Adolescência (Org.), *Caderno de Resumos*, X Congresso de Psiquiatria. Curitiba.
- Weber, L. N. D., Gagno, A. P., Cornélio, S. A. & Silva, M. L. (1994). Adoção: Pré-conceitos, conceitos e pós-conceitos. Em Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Org.), *Caderno de Resumos*, 46º Reunião Anual para o Progresso da Ciência (p. 854). Vitória: SBPC.
- Weber, L. N. D. & Kossobudzki, L. H. M. (1996). *Filhos da solidão: Institucionalização, abandono e adoção*. Curitiba: Governo do Estado do Paraná.
- Werner, A. B. (2002). O que a psicanálise pode dizer sobre a adoção de crianças pequenas? Em: *Proceedings of the 4º Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*, San Pablo, São Paulo Recuperado em março 03, 2010 de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400002&lng=en&nrm=iso

- Winnicott, D. W. (1956). La préoccupation maternelle primaire (pp. 168-174). Em: D. W. Winnicott, *De la pediatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot.
- Winnicott, D. W. (1987). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2001). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Xerfan, C. C. (2009). *A identificação na filiação por adoção: um estudo na clínica psicanalítica*. Dissertação de mestrado não publicada. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pós-graduação em Psicologia Clínica e Social. Universidade Federal do Pará.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zornig, S. A. & Levy, L. (2006). Uma criança em busca de uma janela: função materna e trauma. *Estilos da Clínica*, 20, 28-37.

Anexo A

RELATÓRIO DE PESQUISA

Introdução

Com o aumento das pesquisas sobre a adoção de crianças maiores, alguns autores (Campos & Costa, 2003, Costa & Rossetti-Ferreira, 2007, Ebrahim, 2001a, Paiva, 2004, Prynne, 2001, Rushton, 2003, Vargas, 1998, Weber, 2003,) indicam a necessidade de mais estudos relativos à maternidade, a paternidade e filiação em processos de adoção e de acompanhamento dos pais no processo da construção da parentalidade adotiva. Ebrahim (2001a) argumenta que no Brasil os artigos sobre adoção moderna concentram-se mais no caso clínico em si, sendo necessários estudos que ouçam as experiências dos pais adotivos e descubram meios de dar suporte a esse tipo de parentalidade, orientando sobre o estágio de convivência (Campos, s.d.).

Dessa forma, se apresentou relevante a necessidade da pesquisa, favorecendo uma reflexão sobre maternidade, paternidade e filiação na adoção de irmãos maiores, contemplando o processo de constituição familiar focando no tornar-se pai, mãe e filhos. Assim, Costa e Rossetti-Ferreira (2007) salientam a importância dos acompanhamentos de pré-adoção, como promotores de diálogos sobre o tema, desmistificando preconceitos, e auxiliando na constituição da parentalidade. E, após a adoção, o acompanhamento promove o envolvimento afetivo dos pais com a criança e vice versa.

Sendo assim, este estudo de caso sobre a adoção teve o intuito, não somente de verificar o aspecto legal, burocrático, social e cultural, mas, principalmente, envolvia o pensar sobre o aspecto emocional da filiação. Portanto, veremos os aportes dos autores psicanalíticos a respeito da estruturação do sujeito na filiação adotiva. Para isso, considerar-se-á fundamental a desvinculação das adoções de crianças maiores do lugar de estigmatização, a elaboração do luto e a reparação do filho biológico não gerado, para que se possa imaginar o filho adotivo e aceitá-lo na fantasia (Fiori, 1984, Levinzon, 2006).

Objetivo

Objetivo Geral

Esta pesquisa teve como objetivo analisar e interpretar como se deu a construção do processo de tornar-se Pai, Mãe e Filhos na Adoção de Irmãos Maiores, a partir da perspectiva psicanalítica. Neste sentido, tivemos o interesse em compreender como se deu o processo de filiação, tanto na perspectiva parental, como das próprias crianças.

Objetivos Específicos

-Entender as motivações conscientes e desejos subjacentes ao processo de adoção, na perspectiva parental;

-Identificar os temores, medos e lutos envolvendo os protagonistas do processo de filiação;

-Verificar como se deu o processo de identificação, na perspectiva parental e das crianças, ao longo do período de cinco meses;

-Acompanhar as características do estágio de convivência familiar identificando medos e temores, na perspectiva das crianças;

-Promover e auxiliar o processo de adoção de irmãos maiores, no que tange o período do estágio convivência, orientando sobre as etapas característica e amenizando as dificuldades;

Método

Construção do Corpus de Pesquisa

A pesquisa pretendeu compreender o processo de tornar-se pai e mãe, bem como de filiação adotiva de dois irmãos maiores na situação de adoção de irmãos maiores. O estudo foi organizado por um vértice qualitativo de metodologia, utilizando-se o delineamento de estudo de caso, através do acompanhamento longitudinal dos dois irmãos maiores. O estudo de caso caracteriza-se por ser um método exploratório, explanatório e descritivo, permitindo uma análise aprofundada do fenômeno pesquisado. Assim, a opção pelo estudo de caso favorece a investigação de fenômenos contemporâneos, motivo pelo qual essa ferramenta é utilizada para o entendimento de questões pertinentes e complexas da vida real, sendo possível a realização de observações diretas e sistemáticas. No entanto, o método qualitativo se fundamenta tanto no interesse em compreender significados e interpretar os sentidos da experiência

vivida pelo sujeito da pesquisa como também na participação ativa do pesquisador no contexto estudado (Yin, 2005). Portanto, destacamos também o aspecto de pesquisa intervenção como metodologia que sustentou o material do estudo de caso sobre o desejo de adoção por parte dos pais e dos irmãos, adaptação, estágio de convivência e o desejo de constituição familiar (Ramires & Benetti, 2008).

Participantes

Um casal pretendente à adoção de uma das Comarcas Estaduais, que estavam habilitados há cinco anos, sendo o segundo da lista de espera. O pai tinha cinquenta e dois anos de idade e a mãe tinha quarenta e nove anos. Para o primeiro casal habilitado, as crianças não corresponderam ao perfil pretendido por eles. As crianças foram dois irmãos maiores, uma menina de três anos e oito meses e um menino de dez anos, ambos afrodescendentes. Eles estavam acolhidos institucionalmente há um ano e meio e destituídos do poder familiar há um mês. Utilizei como nome fictício para o pai – *Juca*, a mãe – *Luz*, o filho – *Rico* e a filha – *Mila*.

Procedimentos da Pesquisa - Local da Pesquisa

Os acompanhamentos inicialmente ocorreram com as crianças em uma das casas de acolhimento institucional do Litoral Norte\RS, preparando-as para o encaminhamento para a família substituta, no total de quatro encontros. Uma primeira visita do casal à casa de acolhimento para conhecer as crianças antes da decisão pela adoção ocorreu após esses quatro encontros. Posteriormente, as crianças passaram um fim de semana com o casal e retornaram à instituição por mais uma semana. Por último, houve o desacolhimento institucional das crianças e encaminhamento para a família adotiva, iniciando-se o estágio de convivência. A família, então, foi acompanhada, quinzenalmente, por um período de cinco meses, no processo de construção de filiação.

Nos primeiros acompanhamentos com a família adotiva foram realizadas entrevistas de anamnese, entrevistas clínicas com o casal e os irmãos e entregue um diário pessoal, onde deveria ser registrado a percepção de todos sobre o processo. No penúltimo acompanhamento foi realizado o teste do desenho de família, individualmente e também foi solicitado que cada um contasse uma história sobre a sua família desenhada. E, no último encontro, a família devolveu o diário pessoal e fizemos

um fechamento do acompanhamento sobre o processo de tornar-se pai, mãe e filhos na adoção de irmãos maiores, além do encaminhamento psicoterápico para um dos filhos, como medida profilática.

Procedimentos Éticos

Inicialmente, introduziu-se o tema da pesquisa, convidando a família para participar do estudo. Com a concordância do casal, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com as resoluções 196 do Conselho Nacional de saúde e a 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, bem como a aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (resolução: 101\2010, Projeto: Nº CEP 10\066, versão projeto: 19/07/2010 – (Anexo B). Levou-se em consideração que os irmãos, participantes da pesquisa eram menores de idade, com isso os pais assinaram o Termo Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C, D e E), ficando cientes dos objetivos do estudo e da importância de sua colaboração, bem como demais questões referentes à ética e à confiabilidade.

Procedimentos de Coleta de Dados

O corpus empírico foi produzido por um casal e os dois filhos adotivos, ao longo de cinco meses, num total de 14 encontros. Desses 14 encontros, o primeiro, segundo, terceiro e quarto foram somente com as crianças na casa de acolhimento institucional, antes de seu encaminhamento para a família. Nesta ocasião, foi discutida com eles a possibilidade de saída da instituição e de encaminhamento para uma família substituta, verificando seus desejos e receios. Foram realizados quatro encontros por se tratar de duas crianças, fazendo uma adaptação ao projeto. Já o quinto encontro ocorreu com as crianças e com o casal habilitado, sendo a primeira visita a instituição aonde todos se conheceram. No sexto encontro, foi o dia do desacolhimento dos irmãos, no qual o casal recebeu a guarda provisória e acolheu as crianças iniciando o processo adotivo. Este era o terceiro contato do casal com as crianças, pois uns dias após a primeira visita à instituição, o casal passou um fim de semana com eles em sua casa, situação que os impulsionou para a adoção. Neste mesmo encontro, foi entregue ao casal os quatro Diários Pessoais, um para cada, além de quatro livros infantis de apoio sobre a adoção.

No sétimo encontro, foi realizada a entrevista de anamnese com o casal em presença das crianças, primeiro conversei com a mãe sobre a sua história pessoal refletindo sobre adoções anteriores na família extensa e investigando as motivações e desejos pela adoção, e por fim, conversei com o pai com o mesmo foco.

No oitavo encontro, inicialmente, retomei alguns pontos da entrevista de anamnese com o casal e, posteriormente, conversei a respeito do diário pessoal. Salientei a eles que a escrita no diário era livre e que podiam anotar situações sobre o processo paterno-filial, respondendo a pergunta de como estava sendo o processo de tornar-se pai, mãe e filhos na adoção de irmãos maiores. Refletiu-se sobre facilidades e dificuldades com o uso do instrumento. Além disto, foi colocada a possibilidade de tirarem fotos de ocasiões em família que julgassem importantes.

Posteriormente, aconteceram os 9º, 10º, 11º e 12º encontros com o pai, com a mãe e com os irmãos totalizando quatro encontros, nos quais foram realizadas as entrevistas clínicas com a família. Nestes quatro acompanhamentos, pretendeu-se analisar o desenrolar do estágio de convivência a partir da ótica de Campos (s/d).

Na sequência, ocorreu o 13º encontro com toda a família, focando nas relações estabelecidas ou não entre seus membros: pai, mãe, filho e filha. Utilizou o Teste do Desenho de Família (Corman, 2003), a aplicação foi conjunta, porém o teste era individual.

E para finalizar, no último encontro foi realizado um fechamento do acompanhamento analisando e discutindo sobre como eles se sentiram no desenrolar de re-constituir uma família, ou seja, tornarem-se pai, mãe e filhos na adoção de irmãos maiores. Além da devolução dos diários pessoais e dos livros de apoio, sendo que dos quatro livros sobre adoção dado a eles, Mila não se interessou por nenhum e Rico gostou e escolheu o do “*Joaquim, o rei pinguim*”. Também foi entregue o encaminhamento psicológico para Rico e o Laudo Final do acompanhamento realizado para anexar ao processo de adoção que ainda estava correndo em uma das Comarcas da Grande Porto Alegre.

Instrumentos

Entrevistas Clínicas com o Pai e com a Mãe e Entrevistas Clínicas Abertas em Família – A entrevista é o instrumento fundamental da clínica e por si só uma ferramenta de investigação (Bleger, 1998), fundamentada pela transferência

instrumentalizada (Iribarry, 2003), propondo-se a escuta livre do sujeito em sua singularidade e totalidade.

Entrevistas Clínicas ou “Conversas” com a Criança – As entrevistas com a criança foram orientadas para a compreensão do processo adotivo e de convivência familiar, identificando-se todos os aspectos trazidos nas diferentes etapas. A pesquisadora contou com material de apoio lúdico para favorecer as narrativas e também oferecer à criança um espaço, no qual se sentisse mais à vontade para falar (Solon, 2006).

Entrevistas de Anamnese – As entrevistas focalizaram no histórico familiar do casal sobre a perpetuação da adoção, obtendo dados detalhados sobre a vida de Juca e Luz (Bleger, 1998).

Diário Clínico Pessoal – Questão norteadora: Como estava sendo o processo de tornar-se pai, mãe e filho através da adoção de irmãos maiores? No entanto, o registro era livre, podiam escrever idéias, lembranças, poemas, textos, acontecimentos que os participantes julgavam importantes, podiam desenhar algo sobre o seu processo de construção de paternidade, maternidade e filiação (Iribarry, 2003, p. 125). A menina não tinha condições de escrita, no entanto, foi dado um diário a ela, onde praticou e evoluiu sua garatuja.

Aplicação do Teste Desenho de Família Individual – O Teste do Desenho de Família consiste numa técnica projetiva baseada na representação gráfica da família. A análise qualitativa permite a compreensão das relações familiares, da posição ocupada pelo indivíduo na família, dos sentimentos e conflitos conforme são percebidos e projetados no desenho pelo sujeito investigado (Corman, 2003/1961).

Pesquisa Documental nos Autos do Processo – Obtenção de informações das histórias de vida pregressa, separações, rompimentos e perdas ocorridas com os irmãos.

Procedimentos de Análise dos Dados

A capacidade de interpretação dos dados é fundamental para que o pesquisador não fique somente registrando dados mecanicamente (Yin, 2005). Então, para a análise das entrevistas clínicas e de anamnese, inicialmente foram realizadas as transcrições das entrevistas, logo após o encontro. Posteriormente, foi feita a leitura exaustiva do material para mapear os significados, selecionou-se os trechos mais marcantes de produção e negociação dos significados relacionados ao processo de tornarem-se Pai, Mãe e Filhos na adoção de irmãos maiores. Portanto, as etapas de análise dos dados

incluíram, num primeiro momento, a preparação do material, que consistiu na transcrição das entrevistas em sua totalidade. Após, as entrevistas foram analisadas separadamente, identificando-se os aspectos relevantes para o estudo, considerando-se os elementos convergentes e divergentes identificados no material. Depois, os dados foram analisados e integrados através da estratégia analítica geral de descrição de caso proposta por Yin (2005). Essa estratégia consiste em desenvolver uma estrutura descritiva, com o objetivo de organizar o estudo de caso. Dessa maneira, a construção se deu, em relação aos dados coletados com os pais, focalizando a investigação nas identificações surgidas nas entrevistas realizadas em resposta à pergunta sobre como estava sendo para eles o processo de tornarem-se pai e mãe através da adoção de irmãos maiores?

As entrevistas foram analisadas em conjunto, identificando-se as principais temáticas, conflitos, significados trazidos pelo pai e pela mãe. Também, foi utilizado o material produzido no diário clínico pessoal, mas apenas a mãe e o irmão mais velho fizeram anotações, a menina não tinha condições de escrita e o pai não quis escrever. Além disso, a família acabou não trazendo as fotos tiradas em momentos juntos, alegaram que tiraram em máquina digital, mas não levaram para revelar.

Já em relação às crianças, avaliamos as entrevistas clínicas, identificando os principais aspectos manifestados durante as conversas e atividades lúdicas. Com as crianças também foram incluídas as construções do brincar e do simbolismo de suas histórias com suas marcas instauradoras.

Além disso, avaliamos o teste do desenho de família, interpretando-se a construção subjetiva de cada um com relação à constituição familiar. O teste foi aplicado individualmente no pai, na mãe e no irmão mais velho. A menina fez uma produção em garatuja.

Por último, realizamos uma articulação dos instrumentos utilizados, identificando os significados produzidos na família adotiva, tais como suas fantasias, medos, negações, repetições, vínculos e identificações surgidas dia a dia no desenrolar dessa outra linhagem. Esta integração levou em consideração a compreensão dinâmica psicanalítica e contextualizada segundo a realidade descrita no caso.

Resultados

O estudo de caso tinha o interesse em compreender como se deu o processo de filiação, tanto na perspectiva parental, como das próprias crianças. Sendo assim, foram considerados todos os aspectos envolvidos no processo da adoção dos irmãos, o processo de destituição do poder familiar, as entrevistas clínicas e de anamnese, os desenhos, o livro de história infantil - “*Joaquim, o rei pinguim*”, os desenhos de famílias e os diários pessoais. As entrevistas foram consideradas um espaço de reflexão livre sobre as etapas do estágio de convivência, rotinas da vida diária com as crianças e questões a cerca da parentalidade e filiação com os quatro protagonistas do estudo. Portanto, seguiu-se com a descrição do caso em conjunto: Pai – Juca, Mãe – Luz, Filho – Rico e Filha – Mila¹³. Além disso, foi dado um sobrenome a família: Silva Brasil¹⁴.

Histórias Pgressas – Consulta ao Processo de Destituição do Poder Familiar

Além da consulta ao processo de destituição do poder familiar, também foi incluído o material obtido nas conversas com as Educadoras Institucionais nos encontros de preparação para a adoção a respeito das crianças - como elas estavam, suas rotinas e hábitos, histórias pregressas e o motivo do acolhimento. Além disso, também foram utilizadas as informações coletadas nos arquivos da Cada de Acolhimento.

O motivo do acolhimento de Rico e Mila foram negligência e situação de abandono de Rute¹⁵, pois ela os deixava sozinhos em casa, sem roupas e alimentos. A genitora saía, com frequência, para ir à procura de um namorado e fazer uso de entorpecentes. Numa dessas saídas de Rute, vizinhos ouviram os choros e ligaram para o Conselho Tutelar, fazendo a denuncia de que havia duas crianças sozinhas em casa. As crianças foram encontradas sujas, assustadas, com fome, sendo que Rico ficava protegendo a irmã. Porém, não apresentavam lesões físicas.

Com relação à genitora, Rute, 38 anos de idade, tinha mais seis filhos de diferentes faixas etárias, mas nenhum deles estava com ela, sendo que apenas sabia do paradeiro de um dos filhos que estava com o pai. Os demais achava que tinham ido para a adoção. Contando com Rico e Mila, totalizava oito filhos.

¹³ Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

¹⁴ Os dois sobrenomes dado a família: Silva e Brasil também são fictícios.

¹⁵ Nome fictício dado a genitora de Rico e Mila.

Rute não tinha endereço fixo e nem emprego. Sua família extensa não possuía condições de lhe dar suporte, inclusive, seus dois irmãos também haviam perdido o poder familiar de seus filhos. Sua irmã fora destituída de dois filhos e seu irmão tinha tido doze filhos encaminhados para a adoção. Também, não constavam os nomes paternos nas certidões de nascimento de Rico e Mila. Além disso, Rute não fez visitas a Rico e Mila na casa de acolhimento, nem no dia em que compareceu a audiência, nove meses depois, sendo que a instituição ficava próxima à comarca. Logo, desde a primeira quinzena de fevereiro 2009 em que foram acolhidos, os irmãos não receberam visitas de ninguém. Porém, participavam de várias atividades na comunidade e na escola. Rico fazia aula de capoeira. Mila e Rico participavam de passeios no teatro e no circo. E também brincavam com as crianças da vizinhança da casa de acolhimento.

Na data da primeira entrevista, Rico tinha dez anos e Mila tinha três anos e meio, Rico estudava em uma Escola Estadual pela manhã e estava no 3º ano. Já, Mila, estudava na Escola Municipal Infantil, também, pela manhã. Ambas se localizavam na mesma cidade da casa de acolhimento, portanto iam juntos de ônibus para a escola.

Com relação à saúde, Rico havia consultado um ortopedista, pois apresentava um diagnóstico de deformidade torácica assimétrica importante de clavícula e escápulas, que lhe casou uma escoliose. Além disso, enquanto estava acolhido também foi levado à consulta num hospital na capital, onde realizou alguns exames que indicaram suspeita de cardiopatia congênita, hipertrofia ventricular direita PA: 140/70, sopro sistólico 314+. Rico necessitava de tratamento médico. Quanto à saúde de Mila, ela não apresentava nenhum problema maior, somente dificuldades respiratórias em função de hipertrofia das amídalas e adenóides com 84% de comprometimento, necessitando de cirurgia.

Preparação para a Adoção: Entrevistas Clínicas ou “Conversas” com os Irmãos na Instituição – Sínteses em conjunto das 1ª, 2ª, 3ª e 4ª entrevistas

Através do Diário Oficial confirmou-se o deferimento dos Desembargadores referente à Destituição do Poder Familiar sobre a genitora. O próximo passo seria o encaminhamento de Rico e Mila para a adoção. No entanto, era necessário aguardar o processo retornar do Tribunal Superior à comarca de origem, pois somente com o documento em mãos a juíza poderia deferir a guarda provisória para um dos casais habilitados.

Neste período, então, foi sendo realizado o acompanhamento com as crianças. A preparação se deu para Rico e Mila imaginarem, sonharem, fantasiarem e refletirem sobre a adoção e a possibilidade de morarem com outras pessoas que se tornariam seus Pais. Imaginar um pai, uma mãe, uma casa, uma família e, talvez até, uma cidade diferente. Ao todo, foram feitos quatro encontros com as crianças em conjunto que apresentaram um material fecundo sobre os sentimentos de Rico e Mila referente à espera de uma família.

Nas entrevistas com as crianças, pode-se observar a partir das falas, que Mila e Rico faziam ensaios sobre uma nova família. Rico contou que antes dele ser acolhido, sabia que um primo já havia morado naquela mesma instituição e tinha sido adotado com quase a mesma idade que ele. Então, já imaginava que ele e Mila iriam para a adoção, até porque já estavam acolhidos há bastante tempo. Quando questionados se queriam uma nova família, morar em outro lugar, ter uma casa só para eles, não morar mais ali e sim ter uma família, Mila respondeu: “*Sim, né Rico?*” E ele confirmou: “*Sim, só vou se a Mila for junto, se não, não!*”

Por outro lado, Rico queria saber quem seria a sua nova família, como eram, de onde eram... Preocupado com a possibilidade de não se gostarem entre si. Dizia que sabia falar três línguas, português, inglês e italiano, como as palavras, *new* e *passione*, que significavam, respectivamente, novo e paixão. Tais palavras introduzidas nas entrevistas pareciam indicar que na visão de Rico, apesar da temática dos encontros ser de prepará-los para o acolhimento numa “nova” família com sentimentos de paixão, ao mesmo tempo, essa família era percebida como uma família de estrangeiros. Todavia, ele estava aberto a novas possibilidades, conforme as línguas que dizia saber falar. Rico contou também que adorava bichos, vaca, porcos, cavalos e que queria ter uma fazenda. Fez, então, um desenho representante de uma futura casa (Anexo F). Porém, como se pode observar, fez uma casa vazia com duas paredes e telhado, sem porta e janelas. Além disso, desenhou um porco sozinho dentro de um cercado acima da casa, com dois círculos envoltos do porco na cor azul, o primeiro fechado e o segundo aberto. Ao lado, fez um cavalo dentro de um quadro, também sozinho. Enquanto Mila fez uma garatuja de uma cor só bem pequena (Anexo F).

Rico comentou que adorava desenhar, tanto olhando uma gravura e copiando como copiando uma figura com uma folha em branco em cima da mesma, passando com o lápis por cima. Dizia que preferia copiar um desenho pronto a ter que fazê-lo

livremente. Conforme Corman (2003, p. 19), “*o desenho livre é um tipo de prova projetiva, na medida em que favorece particularmente a expressão das tendências inconscientes*”. Isto é, segundo Boutonier (1953), significa uma maneira de a personalidade inteira expressar-se, sendo que as manifestações inconscientes projetam-se em função de toda essa liberdade que é concedida ao sujeito no desenho livre (Corman, 2003). Neste sentido, cabe pensar que devido às privações e os traumas sofridos, principalmente com Rico, que passou por uma primeira separação de sua genitora aos dois anos e posteriormente aos dez anos, essas situações potencializaram e limitaram as construções simbólicas imaginárias do menino.

Entretanto, Mila era comunicativa ficava pedindo coisas boa parte do tempo, como, batom, maquiagem, ou simplesmente dizia: “*Tia Carol, tu tem batom? Me dá um batom?*” e eu replicava: “*O quê?*” e ela dizia: “*Me dá um batom?*” ou questionava novamente, “*Tia Carol, tu tem Batom na tua bolsa?*” Eu respondia, “*eu não tenho*”. Ela retrucava, “*tem sim, me dá?*” e sorria... Será que realmente era batom que ela queria? Ou era uma tentativa de se reencontrar, de constituir o seu próprio eu, necessidade de identificação. Mila se importava em mostrar as coisas dela, como a mochila, o bico, o remédio do nariz, a bolsa e, claro, os batons e esmaltes que ela sempre queria carregar. E depois, queria ver a minha bolsa, o esmalte na minha unha, o meu batom, numa troca especular.

Conforme Calligaris (2000), numa visão ampliada, a falta de filiação para a criança acolhida origina uma caricatura de um mundo extraordinário, onde, num passe de mágica, as coisas pudessem se transformar. Uma das principais preocupações de Rico era de reencontrar uma família que os adotassem. Ou seja, ele se consumia em tentativas de restabelecer sua filiação, estabelecendo outra que os colocassem em alguma linhagem. Rico se lançava à procura de um nome de família, de como seriam, criando histórias e sonhando com sua ida e de Mila juntos, para uma boa família que os retirassem dali, daquela casa de passagem.

No último encontro de preparação com Rico e Mila, ambos estavam ansiosos queriam ir embora, ter uma família. Ele dizia que não agüentavam mais aquela casa, a instituição. Rico começou a ter problemas na escola, demonstrava ansiedade, apreensão, porque até o momento não se sabia se alguns dos casais habilitados se interessariam por eles. Mila estava mais tranqüila, falante e sua preocupação ainda era consigo mesma, até

mesmo, devido a sua idade. Os irmãos encontravam-se aptos para uma aproximação com o casal, uma família substituta.

Visita do Casal as Crianças na Instituição – Síntese do 5º Encontro: primeiro contato e apresentações

Neste dia, levei o casal na instituição para todos se conhecerem. Logo que chegamos, Rico e Mila ficaram quietos, observando o casal. Pouco a pouco, foram se soltando e começaram a conversar. Mila perguntou para a Luz se ela tinha batom, convidou-os para ir ao quarto dela olhar as suas coisas, vestido, batons, roupas e remédios. Rico também os convidou para ir até o quarto dele, mostrou seus cadernos e disse que gostava de estudar. Luz retribuiu, olhando seu material escolar e conversando com ele sobre a escola. Então, Mila contou que ia para a escolhinha também, de ônibus com o Rico, se queixando que o irmão não a deixava levar as passagens. Ele alegou que não a deixava levar porque ela podia perder as passagens. Rico contou que fazia capoeira e estava na catequese. Os irmãos demonstravam entrosamento entre eles e companheirismo.

Podemos observar na visita um entrosamento espontâneo com Luz e as crianças, porém Juca ficou mais calado e interagiu mais com a Mila. Depois, as crianças levaram o casal para uma sala de brinquedos e quiseram desenhar. Juca ajudou Mila a fazer uma casa e Luz elogiou os desenhos que Rico estava mostrando que havia feito.

Ao final do encontro, o casal questionou se as crianças gostariam de passar dois dias com eles e elas concordaram. Então, foi marcada uma visita com os irmãos fora da instituição. O combinado era de passarem um fim de semana juntos para ver avaliar a convivência e, posteriormente, adotar as crianças. Na saída, Luz saiu denominando Rico e Mila de “*meus bombons*”, dizendo: “*ai meu Deus são os meus Bombons!*” e sorria. Neste momento, Luz quando os chama de “Bombons” faz o primeiro investimento narcísico a partir da palavra e direcionado as crianças.

No fim de semana, o casal levou Rico e Mila, com a autorização da magistrada, para passarem o fim de semana na casa de casa de campo, que ficava na cidade vizinha à instituição. Após, este pequeno convívio o casal, em comum acordo, optou pela filiação de Rico e Mila, através da guarda provisória cumulativa do pedido de adoção.

Entrevista Clínica de Desacolhimento de Rico e Mila – Síntese da 6ª entrevista

Na entrevista de desacolhimento de Rico e Mila, em conjunto com a família, podemos verificar o lugar diferenciado no desejo de Luz, com relação aos filhos. No dia em que as crianças iriam para casa com os pais adotivos, cheguei primeiro que o casal. Quando encontrei Rico, comentei: “*Vamos para casa?*” e ele prontamente respondeu: “*Vamô!*”. Enquanto isso, o casal estacionava o carro. Mila os viu da porta e, saiu correndo, dizendo: “*Tia Luzzz!*” e Luz vindo em sua direção, responde: “*Oi! Ah, que linda, então já estava com as malas prontas esperando? É, que legal, que gostoso, amada, ai senti muita saudades...*” Enquanto isto, Rico estava lá dentro da instituição aguardando, não saiu à rua para recebê-los.

Neste momento, foi possível identificar diferenças entre o contato de Luz com Mila e de Luz com Rico e, também, de Juca para com as crianças. Luz acolheu Mila em suas primeiras palavras, já nomeando o afeto sentido pela criança, qualificando a relação de acolhimento, não dirigindo palavras ao menino. E Rico, ficou mais distante.

Na sequência, se iniciou o carregamento das bagagens para o carro. Nesse instante comecei a conversar com Rico sobre a mudança, a diferença na rotina, que ele iria ter que cooperar e pouco a pouco, se acostumando, se filiando, até conseguir chamá-los de pai e mãe. Quando automaticamente perguntou: “*Já?!*” e eu argumentei que não, que seria um processo e quando ele se sentisse preparado, se acostumassem e quisessem, ele poderia chamá-los de pai e mãe. E aí, ele retrucou: “*Ah, até me acostumar...*” Observa-se que Rico permanecia comigo, como se estivesse procurando apoio em uma pessoa ligada ainda à vida institucional, ao mesmo tempo em que observava a interação de Mila com a família, aceitando o processo adotivo e desejando se incluir espontaneamente, porém mais reservado

Enquanto isso, Luz e Juca ainda estavam colocando as coisas no carro. Mila interagiu gritando: “*Dá aqui que eu levo.*” E Luz respondeu: “*Tá pesado? **Filha!***”. Esta foi a primeira vez que Luz chamou a Mila de filha. A mochila que Mila queria tanto levar era onde estavam seus batons e maquiagens. Nesta ocasião, questionei se Mila estava contente por estar indo viajar e se mudar. Ela respondeu: “*Pega a minha mochila*”. Rico se manifestou, dizendo: “*Eu levei metade do roupeiro*”. Luz em voz alta proclamou: “*Vamos ser feliz! Vamos ser muito felizes...*” o que foi sustentado por Juca ao fundo: “*É*”.

Neste trecho da entrevista, Rico se mostra, na sua alteridade, com ambivalência com relação ao casal. Eles, paralelamente, responderam da mesma maneira. Com relação à Mila, porém, já no primeiro contato Luz a acolhe em seu discurso e quando ela se posiciona sobre sua mochila, Luz a *perfilha*. Rico reage, dizendo que levou bastante roupas também. Porém, Luz não ouve a fala de Rico e faz projeções de um futuro feliz, amparada pelo pai.

Com relação ao pai, este chegou mais calado. Analisava, concordava com os questionamentos de Luz, posicionando-se neste encontro mais como um acompanhante. Como podemos observar na tentativa de aproximação que Mila faz com Juca, a menina disse: “*Eu tenho o meu bico!*” e, Juca responde: “*Ai, ai, mas que barbaridade, tu tem um bico... É isso aqui, as coisas que vão? Vou começar a levar pro carro.*” Juca não fez nenhuma referência ou acolhimento no seu discurso direcionado para Mila, ele simplesmente confirma e concorda com afirmação dela. E com Rico, Juca também, tem o mesmo posicionamento, naquele momento não consegue fazer investimentos sustentados na palavra. Porém, demonstrava-se interessado em organizar as bagagens no carro para levá-los para casa. Mesmo calado, sua fisionomia era de alegria e estava demonstrava estar de acordo com o processo adotivo.

Todavia, quando tudo já estava no carro, Rico chamou Luz para entrar com ele no seu antigo quarto na instituição, e lhe diz: “*Vem cá?*” e Luz respondeu: “*O quê? Meu filho!*” E ele acrescenta: “*Tava esquecendo meu casacão vermelho*”. E Luz diz: “*Ah, meu Deus!*” (risos). Neste trecho, no final do acompanhamento, podemos ver no discurso de Luz a primeira vez que chamou Rico de filho, *o nomeou*.

Marcamos nosso próximo encontro e nos despedimos em clima de alegria, risos e euforia e as crianças gritando em coro tchau, tchau com acenos, apresentando-se felizes com a saída da instituição.

Entrevistas de Anamnese e Clínicas com os Pais e os Irmãos Maiores – Sínteses das 7ª, 8ª, 9ª, 10ª, 11ª e 12ª entrevistas

Nos 7º e 8º encontros com a família, ocorreram as duas entrevistas de anamnese, quando foi possível construir um breve histórico do casal e suas vivências. Juca e Luz estavam casados há 23 anos e ambos eram de etnia negra, Luz era mulata e Juca era negro. Juca tinha 52 anos, havia se encostado, em 2002, devido uma hérnia de disco na coluna em função da qual passou por uma cirurgia. No entanto, na época da adoção

encontrava-se aposentado. Juca havia sido caminhoneiro e tinha trabalhado nas construções de estradas. Dessa forma, devido à rotina profissional, Juca ficava ausente do lar por períodos de até dois meses, retornava e permanecia em casa por poucos dias e voltava novamente para a rodovia, conforme sua escala. Desde o início do casamento e por dezessete anos, Juca teve uma rotina de viagens e estradas. Já Luz tinha 49 anos e era funcionária pública da Grande Porto Alegre, há 12 anos, trabalhando como atendente de um centro psicossocial para adultos. Em função de que geralmente ficava em casa sozinha Luz primeiro criou uma sobrinha, a qual ficava em sua casa mais nos fins de semana e depois um sobrinho de Juca. Este último morou com o casal por onze anos, dos 9 aos 20 e poucos anos. Entretanto, já fazia dois anos que o sobrinho tinha saído da casa deles. Além disso, tinha uma terceira sobrinha, de vinte e quatro anos que ainda morava com o casal e estava na casa deles há seis meses. Luz dizia que esta sobrinha era adulta, independente, passando o dia todo fora porque trabalhava, sendo tranquila a convivência com ela.

No entanto, por dezessete anos, Luz nunca quis ter os seus filhos por causa das ausências prolongadas e contínuas de Juca, devido sua profissão. Amenizava seus desejos maternos inconscientes? Negando-os ferozmente e cuidando dos sobrinhos de Juca. Situação que pode ser observada em sua fala: *“Eu nunca tinha pensado em ter filhos, porque Juca viajava muito... aí, depois, né Carol? A princípio eu, né? Não tinha nunca pensado na idéia da adoção, porque o Juca viajava muito, não era presente em casa, era caminhoneiro, trabalhava na construção de estradas, ele vinha, ficava um, dois, três dias em casa e viajava de novo por um mês, dois meses. Era complicado isso pra mim. (...) Eu não tinha estrutura pra criar um filho sozinha, entendeu? Eu sou muito assim, apegada... Pra mim foi muito difícil essa fase... Não houve um dia se quer em que ele não fosse viajar, que ele saía e eu não ficasse chorando. (...) Então, ahã... Eu pensava, mas não pensava, com aquela convicção, sabe? Que é isso que eu quero. Né, Carol? Sabe não tinha.(...) Aí depois... depois que ele sofreu a cirurgia, daí que ele começou a ficar mais em casa. (...) Ele parou... também, né, a gente vai ficando mais velho... Vai amadurecendo, a gente vai amadurecendo, vai tendo aquele desejo de família”*.

Sendo assim, segundo Luz, o desejo de adoção inicialmente partiu de Juca, ela dizia: *“a idéia partiu do Juca de ‘quem sabe a gente adota, né?’ e a princípio eu não tinha pensado nisso.”* Porém, após a cirurgia, Juca sugeriu a idéia de adoção. Juca

sofria de *oligospermia*¹⁶ e não podia ter filhos biológicos. E o casal não queria passar por procedimentos de inseminação artificial. Dessa forma, conforme Luz: “*ai ele... Eu comecei a pensar na idéia, porque pelo fato de família, porque daí ele, a gente ia poder ficar juntos... Entendeu? Ajudar nisso... Entendeu...*”.

Neste sentido, pensamos que o desejo de ter filhos sempre existiu em Luz, que primeiro abdicou porque não podia gerá-los com o marido, depois porque não podia criar um filho sozinho e, por fim, porque a filiação no caso da adoção, na opinião de Luz, era mais difícil e ela acreditava que só poderia ter filhos na presença de Juca - ele estando em casa. Além disso, para Luz, a única pessoa que poderia ser o pai de seus filhos era Juca.

O casal decidiu por se habilitar para adoção somente em 2004. Nesta época, o perfil pretendido da criança pelo casal era de até um ano de idade, etnia negra, ambos os sexos, sem deficiência e, também, aceitavam irmãos, desde que fossem gêmeos e bebês. Porém, após o curso de preparação para a adoção, realizado na comarca em 2010, o casal resolveu mudar o perfil da criança pretendida e concordaram com a adoção dos irmãos maiores, um menino de dez anos e uma menina de três anos e oito meses. Após uma visita que fizeram às crianças na instituição, sinalizaram o desejo pelas adoções. Haviam permanecido na lista de espera por seis anos.

No caso de Juca e Luz, percebe-se que eles tiveram muitos anos para construir o espaço da adoção imaginariamente, deste quando Juca fez sua cirurgia em 2002, e até mesmo antes, quando souberam da impossibilidade de gerarem um filho biologicamente, mas não disseram quando, só que fazia bastante tempo. O casal demonstrou apreensão em falar sobre o assunto e reagiram silenciando a questão da infertilidade, alegando não lembrarem mais “direito” de como descobriram ou souberam, por ter passado muito tempo. Por outro lado, o casal deu conta desta situação, inicialmente, exercendo as funções parentais para com uma sobrinha e, depois, por um período maior, com um sobrinho. Os exercícios das funções parentais desempenhadas com os sobrinhos de Juca serviram de modelo e abriram espaço para os filhos que viriam por adoção.

Entretanto, é importante salientar também as marcas inconscientes dos históricos das famílias de origem do casal no que se refere à adoção de crianças maiores. A mãe de

¹⁶ Anomalia dos Espermatozóides – baixa quantidade de espermatozóides.

Luz havia tido nove filhos biológicos, sendo que uma das filhas de sangue tinha falecido com um ano e meio de vida. Além disso, ela havia adotado dois irmãos maiores, que eram seus afilhados, após a morte da mãe das crianças. No início, a mãe de Luz ficou só com a menina que era menor. O menino primeiramente foi morar com o pai, porém não conseguiu se adaptar com a sua madrasta e também foi morar com a mãe de Luz. A menina na ocasião tinha cerca de dois anos e o menino uns seis, sete anos. Logo, contando com a Luz, ao todo eram dez irmãos.

Com relação à ascendência de Juca, ele também vinha de uma família grande de doze irmãos. Além de relatar que por alguns períodos na sua vida teve irmãos de criação, alegava que sua avó criou algumas crianças de forma adotivas, mas Juca não sabia dizer quantas. E Luz complementa: *“A nossa família é grande, né Carol? Nossa família é um montão”*. E continuou o relato sobre a sua família extensa paterna, dizendo: *“tem a família dos meus avós, o meu avô paterno, tinha, teve 3 esposas, tudo ele tinha ao mesmo tempo. Não contavam muito sobre isso. Mas, tem 10 filhos do casamento legítimo com a minha avó, que são dez irmãos do meu pai... Mais dois de um outro por fora e mais três de outro por fora também. Aí, dá 15 irmãos...”*

Nesta entrevista de anamnese, enquanto Luz e Juca contavam suas histórias, Rico e Mila estavam sentados na mesa desenhando. Mila evoluindo os primeiros traçados da garatuja. Rico, por sua vez, dobrou uma folha A4 no meio, fez uma grama, depois desenhou dois coqueiros com dois cocos cada, afastando um coqueiro do outro. Entre os coqueiros fez um avião e acima do avião um sol. E por fim rabiscou por cima de um dos coqueiros e do avião, dobrando a outra borda do papel e transformado a folha num envelope com o desenho exposto para o lado de fora (Anexo F). Os coqueiros nos fazem pensar numa representação materna, pois os dois coqueiros têm dois cocos cada e os pés estão longe um do outro. Sendo que apenas um foi rabiscado ao final do desenho. Neste encontro, ainda estava desenrolando o estágio de convivência e Rico sinalizava envolvimento com Luz, fazendo movimentos de abertura para com a filiação.

No 9ª encontro, iniciaram-se as entrevistas clínicas com a família. A entrevista ocorreu na casa de campo da família, após quarenta dias de convivência juntos. Eles demonstravam entrosamento, Rico e Mila disputavam e demandavam a atenção de Luz. Mila pedia repetidas vezes à mamadeira para Luz, além de solicitar a mochila e seus batons. Rico solicitava suco e salgadinho. E Luz respondeu: *“pega meu filho, já estou fazendo filha a sua mamadeira”*. Quando questionados sobre a convivência, Luz dizia

que era cansativo, mas que estava tudo ótimo e que estavam felizes. E Juca acrescentou que era uma correria o dia todo em função das crianças. Todos estavam trocando carinhos e afetos entre si. Luz beijava Mila e Rico, e eles pulavam nas pernas dela, tentando subir no seu colo, até que Mila resolveu sentar no colo do pai. Neste encontro, Juca e Luz não tinham queixas sobre Mila e Rico, falavam que os irmãos estavam se dando bem. Porém, Luz dizia que as coisas em casa ainda estavam desorganizadas e tinham muitas coisas para resolver, tal como entrar com o processo de adoção, solicitar a inclusão das crianças no convênio de saúde, entre outras situações da vida prática de uma família. Entretanto, não havia queixas ou reclamações específicas com relação às crianças, a família encontrava-se na fase da Lua-de-mel, segundo Lévy-Soussan (2010).

Além disso, os irmãos já tinham conhecido vários parentes e amigos do casal, circulando entre a família extensa, o trabalho e o ambiente social. Percebia-se que Juca e Luz queriam exibir os filhos a todos. Ao encontro, Mila se sentia acolhida pela família e se fazia acolher, num movimento de identificação com a mãe, queria se apresentar os seus parentes, indicando estar socializada com a família e à vontade. Nessa ocasião, fomos nós quatro: Luz, Rico, Mila e eu, na casa da tia e Mila me apresentou todos que estavam presentes. A família demonstrou-se entrosada e feliz, todos conversaram um pouco e posteriormente, voltamos para a casa de Luz.

Neste encontro, Luz contou que Rico e Mila já haviam pronunciado e os nomeado, de pai e mãe, em momentos diferentes. Luz verbalizou que narrou no seu diário (Anexo J) sobre o momento em que Mila e depois Rico a chamaram de mãe. Luz disse que foi o momento mais emocionante de sua vida. E Rico começou a se pendurar e pular no colo de Luz que estava em pé, agarrou-a, prendendo-a com suas pernas envolta da cintura dela e seus braços envolta do pescoço dela, como se fosse um bebê de colo. Depois, Rico tentou se enviar dentro de sua blusa, e Luz correspondeu, aceitando e dando afagos de volta, chamando-o de meu filho. Momento que Mila apareceu e ficou com ciúmes e tentou fazer a mesma coisa que Rico estava fazendo no colo da mãe, enquanto o pai assistia sentado na cadeira sorrindo.

Ao encontro, Luz lembra que Rico estava querendo mamar nela durante a semana e reproduz a cena. *“‘Aí mãe, eu quero mamar no seu peito’, disse o Rico... e eu disse ‘Ai, Jesus amado!’... Ele tem umas crises de carinho também, né? Ele tem umas crises de carinho... De vez em quando, porque assim sabe, eu não gosto muito pra não dar muita, pra não dar muito... Muita... Confiança... Assim, sabe? Ele apronta. Mas, do*

tipo assim, a coisa que ele tem de bom, e que se parece bastante comigo, assim, a gente não tem rancor. A gente briga, daqui um pouco ele já vem conta umas coisas e coisarada..., Aí, então, quando ele vem assim beijando do nada, aí já deu a crise de carinho! Eu sinto assim isso de bom nele, sabe?

Luz, nesta fase de lua-de-mel, relatou que ela e Juca estavam realizados com seus filhos. Contou que o Rico havia entrado na escola e que Mila iria ficar em casa com o casal, por enquanto. Acrescentou que os dois juntos davam trabalho, aprontavam as suas, mas também davam muitos prazeres. E por fim, falou que o casal estava muito feliz com a família de quatro componentes.

A 10^a entrevista clínica com a família ocorreu após um mês de intervalo do 9º encontro, ou seja, ao invés de quinze dias, ficamos trinta dias sem nos ver. Na contra mão, o casal chegou uma hora e trinta minutos atrasados do que havíamos combinado à casa de campo. Será que foi devido ao intervalo no acompanhamento? Contratransferência? Resistência? Por causa da crise? Todas as alternativas eram possíveis. Pois, o atraso ocorreu, segundo Luz, porque eles estavam enrolados com os documentos que tinham que levar para o fórum, atestado de idoneidade e também, tinham ido buscar uma prima das crianças para passar o fim de semana juntos.

Nesta ocasião, pudemos perceber a disputa das crianças pela atenção da mãe, que se potencializou com a ida da prima para a casa de campo da família. Consecutivamente, este fato pode ser observado com a presença da prima no acompanhamento do processo adotivo. Luz chegou comentando que Rico e a prima haviam se estranhado no caminho, disse: *“Não sei qual foi o babado ali, tá meio arrepiado porque a grande família tá uma bagunça tá ouriçada, não sei qual foi o babado ali... Hoje mesmo, todos se ouriçaram, nem sei por quê? A prima que pagou o pato. Eu não sei qual foi o babado. A questão do não, do não pode, tá meio complicado”*.

Neste período que ficamos sem nos ver, Luz contou que as “coisas” tinham ficado muito difíceis, que ela estava sem voz de tanto gritar com Rico e Mila, que os dois estavam impossíveis e não obedeciam. Pensava que eles estavam se apresentando como outras crianças, não eram nada daquilo que pessoal da casa de acolhimento e eu havíamos falado para ela, principalmente, no que dizia respeito à Rico. Contou que Rico e Mila se chutavam, discutiam, batiam boca entre eles, e com ela e Juca. No caso, Juca chegou a verbalizar para o Rico, que se ele não estava gostando de estar morando com eles e quisesse ir embora, ele o levaria de volta para a instituição.

Nesta entrevista, pode-se observar também outra dificuldade de Luz relativa ao fato de falar ou não sobre o processo adotivo de Rico e Mila com outras pessoas. Quando falava dos filhos, referia-se a eles como se sempre tivessem sido dela. Ela expôs: *“Pra mim, ninguém disse nada, mas eu digo, esses aqui são meus filhos, são meus filhos. Nossa! Daí eles falam que não sabiam por que eles são grandinhos, já né? Mas eu digo que são os meus filhos. Todo mundo quer saber, né? Porque eu já criei dois, né? A mãe dessa pequena aqui (a prima) que viajava e ela parava comigo direto e tem o outro sobrinho também que o criei quando ele tinha dez anos. (...) Mas não eram os dois juntos, né? Vou te dizer que não é fácil! Na teoria funciona como tudo na vida, mas na pratica é bem complicado, tem dias assim que tu não sabe... Eu tenho vontade de correr, correr, pegar as minhas coisas e ir embora. (...) Claro que aí eu tenho consciência, mas eu queria saber lidar melhor com eles, evitar digamos assim que eles sofressem. Eu quero o melhor pra eles. Entendeu? Mas eu queria saber lidar melhor... evitar sofrimentos.”*

Ao mesmo tempo em que manifestava o desejo de não mencionar que os filhos eram adotivos, Luz evidenciava resistência em primeiro construir um espaço familiar para os quatro, principalmente aos fins de semana, para somente depois exibi-los para os amigos. Luz relatou que todos os fins de semana os quatro tinham atividades com parentes e\ou amigos, indicando que as rotinas anteriores, quando eram apenas o casal, foram mantidas. Rico reclamava de tantas visitas, dizia que gostaria de ficar sozinho com Luz. Questão observada no trecho de Luz: *“Foi no fim de semana que a gente ta com a família, durante o fim de semana a casa tá cheia de gente, dia de semana também e tudo, aí ele se incomoda e fica reclamando, porque está cheio de gente...”*.

Em outro trecho, Luz continuou suas queixas a Rico dizendo que ele não sabia conversar. Ela disse: *“Às vezes, quando eu tento conversar com o Rico, quando a gente quer conversar sobre algum assunto... mas, assim, tem uma coisa que eu acho... Claro, que a gente tá aqui pra esclarecer! Mas assim, ele tem uma cabeça super boa, tem entendimento, então eu acho que seria muito mais viável se a gente conseguisse se entender, pudesse conversar... E ele dizia, ah mãe eu não quero falar sobre isso, e não quer olhar pra mim nos meus olhos. Ele não consegue olhar nos meus olhos, é o fato assim, de ele dizer, ah, fala que eu tô ouvindo e continua a fazer o que tava fazendo”*.

Nesta entrevista foi possível identificar que o casal estava apresentando vivências características da etapa de convivência relativas à fase da Lua-de-Fel (Lévy-

Soussan & Marinopoulos, 2010b). Explanei que em termos práticos, se Rico retornasse, Mila também teria que voltar com ele. Além disso, trabalhei a questão de aprenderem a conversar e se comunicar, tentando resolver os conflitos e não desistir na primeira dificuldade. Afinal, tal etapa fazia parte da caminhada do processo adotivo, isto é, a instalação da filiação. Também abordei o fato de que este tipo de reação fazia parte do processo de vinculação da criança que passou por vários traumas - serem resistentes ao contato, se fazerem de indiferentes por medo de se vincular e terem novamente outra relação rompida. No caso de Rico, ele necessitava de muito mais investimentos psíquicos do que Mila, devido a sua história pois, quando tinha dois anos, Rico havia sido acolhido pela primeira vez na mesma instituição que estava outrora. Além disso, trazia fraturas de construção psíquica no seu desenvolvimento, que cristalizaram devido a sua idade de 10 anos. Contudo, Rico poderia dar conta de toda essa situação a partir da resiliência, de investimentos, de paciência e das funções parentais que lhe oferecessem suporte psíquico para construir as relações paterno-filiais.

A possibilidade de reflexão, devido aos acompanhamentos, possibilitou ao casal poder falar sobre seus medos, temores, inseguranças e pouco a pouco construíram juntos a parentalidade. Assim, mesmo com as queixas parentais e as dificuldades, a família foi superando cada passo em conjunto, se adequando e se ambientando. Como nos falou Luz: “Nem pensar! Eu não devolvo mais!” e Rico complementou: “*O pai disse, ‘quer que eu vá junto leva você lá no abrigo’ e ele fala sério não tava brincando*”. E o pai replicou: “*Ele me tirou do sério. Não quer ficar aqui? Não tem problema nenhum... Eu tava falando, ele tava me retrucando! Se não quer? Não precisa, não é obrigado a ficar aqui com nós, nem nós somos obrigados a insistir...*”.

Neste trecho, podemos observar a diferença na filiação de Luz e Juca com relação a Rico. Luz, apesar das dificuldades, estava disposta a continuar investindo psiquicamente e perfilhar Rico. Enquanto, naquele momento, Juca colocava a decisão toda apenas em Rico e, face aos primeiros obstáculos, falava na possibilidade de devolução do menino. Assim, criava-se entre eles uma relação de insegurança e instabilidade, dificultando a elaboração dos traumas e perfilhação de Rico.

No entanto, Luz não comentou a possibilidade de devolução de Rico, levantada por Juca. Ao contrário, falou sobre o filho: “*Ai, Carol, ele chegou hoje de novo e ficou lá deitado comigo, né? Conversando, a gente trocando carinho..., Dizendo o que a mãe adora. Eu gosto muito, que a gente seja uma família, se dê bem... Então, é gostoso, né*

Carol? Eu quero que seja assim, né? que a gente seja uma família, que a gente conviva super bem... ia ser melhor a gente se tocar... O que é complicado é assim ó tu pede e ele enrola 'ah Rico guarda ali', em vez de ele guardar, que nem a Mila pega e vai guardar, ele não. 'Ah, já vou', aí no 'já vou!', ele começa a se alterar já, aí aquilo já começa automaticamente, né?". Luz estava falando que Rico poderia ajudá-la a organizar suas coisas, como arrumar sua cama, guardar as roupas no roupeiro, cooperar. Sobre Mila, falou que ela gritava e que a última palavra era a dela sempre. Elas brigavam, Luz se alterava, gritava e, ao mesmo tempo, dizia que não era brigona e que nunca tinha sido. Luz alegava também que era complicado porque gostava das coisas organizadas, mas por outro lado dizia: "Eu amo muito os meus filhos". A mãe aparentava estar casada, estressada, vivendo a rotina com afetividade e agressividade, numa relação de ambivalência.

Ainda disse que estava tendo problemas com as regras e limites com Rico, já que ele não obedecia e Juca ficava nervoso. Argumentei que após a euforia, fazia parte da evolução do processo adotivo aparecerem os problemas, as dificuldades, situações que faziam parte do amadurecimento e do estabelecimento dos laços simbólicos familiares. Rico iria testá-los, provocá-los, para ver até quando o suportavam e amavam, a fim de ter certeza de que os pais não iriam devolvê-lo. Afinal, na primeira vez que fora acolhido com dois anos, devido à negligência de sua genitora, sua madrinha ficou com sua guarda, porém o entregou novamente para Rute. Nesta época, Mila não era nascida. E, neste último acolhimento institucional dos oito aos dez anos, foi desacolhido para tentar construir esses laços que estavam em processo com a família, sabendo, que se não desse certo ele poderia retornar a instituição, fato que alimentava as fantasias persecutórias, negativas de si mesmo e de devoluções. Portanto, até o momento, as experiências de Rico eram de rompimentos de laços, situação que ocasionava no menino sentimentos fortes de ambivalência e instabilidades, fazendo-o renegar as regras atuais. Luz acrescentou: "É porque, essa regra, pra ele é muito difícil! É que é assim, ó Carol. Eu amo muito nossos filhos, são nossos filhos, amo de verdade, são nossos filhos, mas só que assim, ó... Tem essa questão, parece, como que eu vou dizer, parece que ele não quer, sabe? Não quer se aproximar, não quer concordar, sabe? A onda é discordar. Só quer discordar (...) falam tudo gritando, eu não gosto disso! Ele jura que sabe tudo, que ele entende tudo, sabe? Aí ele fala pra mim, mas mãe eu tô melhorando!...

Salientei para Luz que estavam ocorrendo transformações na família, que tanto Rico como Mila estavam evoluindo nas etapas do processo adotivo. A cada encontro, a família vinha apresentando questões diferenciadas em função de organizações e de mudanças que estavam acontecendo pouco a pouco na linhagem familiar. Além disso, o ritmo da família dependia também da maneira como o casal estava lidando com eles, o manejo, a negociação. Luz sorriu e disse: *“Quanto a isso, tá bem tranquilo, sabe, uma das coisas que meus filhos têm de bom é que não... Como é que eu vou dizer? A gente briga e se irrita, loqueia e grita, de vez em quando, fala alto, mas eu tenho muito amor, sabe, tenho muito carinho. Tem aquele, eu te amo à parte, sabe? Então, poder dar o carinho, o afeto, está rolando mais legal, sabe? Então, com isso eu me conformo mais, sabe? Mas só que tem momentos bem difíceis, sabe?”*

Além das dificuldades com as regras em casa, Rico estava brigando na escola, referindo que tinha uma “gangue de proteção”. Perguntei se eles se protegiam para não apanhar e ele respondeu: *“Não... Eles batem em mim e eu bato neles”*. Juca, porém, havia se posicionado frente à questão, dizendo para o menino que não gostava dessas brigas na escola e que era para Rico não brigar.

Na décima primeira entrevista com a família, ainda apresentavam-se muitas queixas e dificuldades com relação a Rico, alegando que ele estava revoltado na escola, brigando com todo mundo de luta e se envolvendo com as “gangues” de lá. Retomaram a queixa de que Rico não era como havíamos falado, estudioso. Segundo Luz, parecia que Rico estava passando por um processo de despersonalização, não queria saber de estudar e só ficava arrumando confusão na escola. No entanto, Juca dizia: *“Eles colocam muito apelido nele, eu acho que ele não gosta e briga”*. Ao que Luz observou que Rico, também, não era fácil, retrucava e respondia para os colegas. Nesse momento o pai rebateu: *“Não, mas ele é comunicativo, ele chega e fala com todo mundo”*.

Tal situação escolar aproximou o pai de Rico. Se antes o pai pensava na possibilidade de devolução, naquele momento demonstrou estar identificado com o filho, defendendo-o dos colegas agressores. Rico, por sua vez, tentava se aproximar, gostando das coisas do pai, imitando o corte de cabelo e torcendo pelo mesmo time que ele, enquanto Luz e Mila torciam pelo outro. Além disso, Rico dizia gostar mais do pastor belga, cão, que era do Pai e, ainda, não tinha se acostumado com os irmãos, ficava furioso quando os via. Isto é, o cão pequeno, que era da mãe, que ficava dentro de casa estava acostumado com as crianças, Rico dizia que gostava dele também, mas

preferia o cão do pai. Tal situação nos fez pensar na inserção da dupla de irmãos no meio familiar, fazendo uma analogia, o cão pequeno era como a Mila, se acostumou mais rápido com as mudanças na rotina, enquanto o cão grande era como o Rico, apresentavam mais dificuldades de relacionamentos e resistência a mudança. Porém, Rico quando falava da família salientava o lugar paterno de Lei. O menino dizia que quem mandava em casa era o pai, mas quando o pai não estava era a mãe e, se caso a mãe, também não estivesse, era ele que mandava na Mila e em casa.

Sendo assim, neste processo identificatório com o pai, cabe destacar também o movimento interessante do menino em relação as questões edípicas que começaram a se manifestar para com a mãe. Conforme Rico, seu desenho predileto era o da “Corrida Maluca” com os personagens Penélope Charmosa e o Tião Gavião. Dizia que se identificava e gostava mais do personagem do Dick Vigarista, vulgo, Tião Gavião. No desenho “Corrida Maluca” vinte e três competidores buscavam o título mundial de o “corredor mais louco do mundo”. No entanto, Tião Gavião tinha um parceiro, um cão, chamado Mutley (conhecido como rabugento), com o qual pilotava a “máquina do mal”. Os dois tentavam vencer a corrida a todo custo, trapaceando, mas sempre sem êxito. Tião Gavião, portanto, era um personagem que apresentava tendência anti-social. Por sua vez, Penélope Charmosa era a única mulher da corrida, toda arrumada, adorava maquiagem e era correta no modo de agir. Como mãe e filho faziam aniversário no mesmo mês, sugeri que o bolo deles poderia ser em formato de avião, já Rico gostava muito. E o menino, prontamente respondeu que não, que já tinha pensado no bolo deles, seria metade do Tião Gavião e outra da Penélope Charmosa. Na visão de Rico, a Penélope Charmosa seria a mãe. Neste momento, Luz que prestava atenção na história sorriu, concordando com a idéia do bolo.

Ainda na 11ª entrevista clínica com a família, Luz observou que ela havia se identificado com Rico durante a semana. Relembrou que, no dia anterior, ele havia chorado porque não tinha conseguido resolver os temas. Luz conta: *“Me identifiquei com ele, é que nem eu, as coisas tem que ser pra agora, já, perfeitas, qualquer coisa se decepiona. (...) O Rico é assim que nem eu... Ontem, ele chorou porque ele não conseguiu terminar a tal da tarefa de matemática. Aí, eu me lembrei que quando eu tava na 4ª, 3ª série... Expressão numérica, eu nunca vou esquecer! É que eu não gostava de matemática, eu tinha dificuldades em tudo que fosse matéria das exatas. Aí, era a tal da expressão numérica, todo mundo na aula tinha conseguia resolver. Aí, todo*

mundo achou mais 1 e eu achei menos 3. Aí, eu chorei de raiva, porque eu não consegui resolver... Ah, Aí eu brigo pra chorar... porque pra mim chorar é... a solução. (...) O Rico não gosta que a gente critique e cobre ele". Luz continua contando que foi buscar o Rico na escola e ele estava chorando, porque havia brigado com um colega. No entanto, relatou para Luz que o colega é que brigara e bateara nele. Ele não havia feito nada. A professora, porém, referiu que tudo fora culpa do Rico. Neste momento, Luz reagiu, dizendo na frente de todos: "Olha meu filho, nunca minta e nunca ponha a culpa nos outros, porque é muito feio. Isso foi a coisa que meu pai e minha mãe me ensinaram. A gente tem que aprender a assumir as culpas e não pode mentir, nunca em momento nenhum, por pior que tenha errado, é sempre importante falar a verdade. Aí, ele baixou a cabeça, porque ele não gosta que se critique ou cobre".

Na sequência, Luz descreveu a relação entre os irmãos. Observou que Rico e Mila a andavam brigando muito entre si com agressões físicas e chutes. Na maioria das vezes, era Mila quem provocava Rico, dando-lhe chutes nas pernas. No momento em que falava, Rico e Mila estavam desenhando. O menino fazia sua casa, enfatizando as paredes e o telhado. Fez também um boneco, ao lado, sozinho, parado e com os braços abertos, um sol com dentes vermelhos, onze nuvens e um avião pequeno em cima da casa (Anexo G). Quando terminou, Rico interrompeu chamando Luz de mãe e questionou se podia sair para brincar ou assistir o DVD que ele havia trazido, intitulado: "Família Falcote – O Super Falcote Combate o Calote e a Corrupção e a Super Mei Combate a Mentira e os Falcatruas" Luz respondeu: "Vem cá meu filho!". E, continuou: "Pra gente tá difícil, tá difícil pra mim!" Eu questionei Rico sobre as regras e ele respondeu: "Ela fica me incomodando!" e eu questionei: "ela quem?" e ele retrucou: "a Mila que fica me incomodando, pega as minhas coisas". Penso que Rico se referia "as minhas coisas" não só de brinquedos, mas sim do espaço materno que tinha que dividir com Mila. Além disso, ele ia todas as manhãs para escola e Mila ficava em casa o dia todo com os pais. Além disso, a família estava junta há pouco tempo, comparado com um ano e cinco meses de acolhimento institucional que os irmãos viveram. Nessa hora, Rico saiu para brincar com os amigos na rua e começamos a nos focar em Mila. Mila desenhou primeiro com lápis de cor preta e disse que era uma flor (Anexo G), depois com o lápis verde, falando que era a casa aonde mora (Anexo G) e, por último, fez uma minhoca com lápis marrom (Anexo G). Luz seguiu contando que também estava difícil lidar com Mila, que ela gritava, chorava, esperneava e fazia manha, tanto

com o pai como com ela. Nesse momento, questiono o pai sobre como ele estava se sentindo no processo. Juca relata: *“Tá bem, mas a Luz se estressa bastante! Mas claro e é assim ó, quando eles estão brigando e começam a discutir demais, aí eu me posiciono. Porque eu me imponho, eles dizem: Ah, eu quero, porque eu quero, porque eu quero, então, eu digo, BOM. Chegou! Agora deu! Mila agora tu vai ficar sentada aqui, ela diz não agora não e eu digo, vai ficar ali sentada. Eu sei que ela vai fazer aquela manha... ela faz e eu digo, não! Fica aí sentadinha”*.

Juca seguiu contando as dificuldades da filha de aceitar as regras, porém observou uma conduta importante da menina em relação ao Rico, *E Se pergunto, Mila tu fez isso ou aquilo, ela sempre diz que foi o Rico. Tu quer ver? Quando ela tá em casa sozinha e ele tá na escola, ela é um amor, agora quando ele chega, vira tudo. Mas é ela que irrita muito ele, tudo que ele pega, ela quer, fica incomodando o Rico o tempo todo, até ele brigar com ela. Imita ele em tudo.*” Alerto o casal que nas relações de irmãos ocorre disputa de espaço pelos cuidados parentais, e Rico por ser mais velho, geralmente fica em segundo plano nas relações familiares e sociais. Sendo que Mila, se posicionava mais ativamente na construção de sua parentalidade e de maneira egocêntrica, quando as coisas eram todas dela.

Juca e Luz comentam da importância que estava sendo, para eles, o acompanhamento do processo adotivo. Juca fala: *“Ajuda. Realmente e... Eu não pensava que fosse tanto assim... eles chegaram e de repente mudou tudo. Até porque, não sei, né? No início, assim, chegaram, assim, tão, foi tudo tão rápido. E de repente, né, depois não é, é a idade, né. Ela já é mais... mas ele é mais... como tu disse, já é mais difícil... Ele já é grande, entende muita coisa, é muito esperto, já negocia. É uma coisa assim, às vezes ele chega em casa e já tira a roupa e joga tudo no chão, derruba... Hoje, por exemplo, ele foi lá, jogou, tirou e deixou 3 ou 4 mudas de roupa no chão... Daí, a gente xinga ele, ele diz, ‘não fui eu’, e eu digo, mas como não? ‘Não, mas não fui eu, porque não sei o que...’ e eu afirmo, mas é tu que entrou ali, são as tuas roupas, as tuas coisas, é o teu quarto. E daí ele já pega o DVD, já tira um outro, cai no chão, ele não junta, e tu vai lá, fala pra ele e ele já fala brabo, ‘porque não foi eu’ aí eu digo, ah, então foi eu!”* (risos). Luz complementa que com os acompanhamentos, pouco a pouco, o casal ia mudando a maneira de lidar com os filhos e aprendendo mais sobre o processo.

Ao final da entrevista, Luz disse: “*eu acho que agora eu tô entendendo melhor as coisas... A questão das birras... O Rico tem uma coisa de bom, ele é tão carinhoso, tão querido, mas ele não é tão aberto...*”

Na décima segunda entrevista com a família, ao chegar, observo que Rico ficou fingindo que estava dormindo, que estava cansado por causa da viagem... Até o momento em que levantou para olhar um aviãozinho de brinquedo que eu havia trazido. Rico adorava aviões, falava que queria ser piloto. No entanto, Rico estava quieto, não queria conversar, pegou um salgadinho e sentou no sofá para comer e Mila começou a comer com ele. Enquanto comiam salgadinhos, Mila negociava com ele, dizendo não me empurra, me dá mais, vou pegar tudo.

Na sequência, Rico e Mila contam sobre seus quartos, como eram. Rico disse: “*tem um baita sol, é branco, tem uma televisão, um roupeiro, né mãe? Tem a cama da Mila que é uma bi-cama e a minha cama do lado.* E a Mila complementa: “*ele dorme na dele e eu durmo junto na cama minha*”. Luz seguiu contando que Rico estava lindo, o chamou de filhote e comentou que ele tinha melhorado muito e que estava mais carinhoso. Contou que ela havia se queimado fazendo o almoço e Rico tinha lhe dado um beijo em sua mão para sarar, achando aquela cena muito fofa.

Após comerem o salgadinho, os dois quiseram pintar. Rico fez uma casa com telhado colorido e um avião acima da casa com as mesmas cores do telhado, cercas ao lado da casa, duas nuvens e um sol no meio (Anexo H). E Mila desenhou primeiro um boneco (Anexo H) e depois desenhou a minhoca e o minhoco com lápis de cor preta (anexo H). Enquanto pintava, Mila cantava a música da minhoca.

No entanto, em termos do processo de convivência das crianças, nesta entrevista, quando começávamos a observar a adaptação de Mila e a evolução no seu desenvolvimento, ocorreu um fato importante que a fez regredir consideravelmente, voltando a usar fraldas e tomar mamadeira. Mila entrou na escola maternal, em turno integral, Porém, em menos de um mês, Luz voltaria ao trabalho. Iniciava-se na família outro processo de mudança, quando o pai passaria mais tempo sozinho com os filhos. Rico, agora, ficava sozinho com a mãe em casa à tarde, menos na quarta-feira, porque ia à catequese (Rico freqüentava a catequese quando estava na instituição de acolhimento). Entretanto, falava que a mãe só lavava roupa, comia e não fazia nada com ele. Então, questionei se ele sabia quanto tempo ele já estava morando com a Luz e o Juca. Prontamente, Rico respondeu: “*Desde sempre!*” e pediu outra folha para desenhar e fez

um avião caça grande no meio da folha (anexo H). Nessa hora, Luz começou a dizer: “*ah, ele desenha muito bem, tá tentando desenhar à mão livre, desenha bem, bem, mesmo!*” Mila, também estava desenhando e falou que tinha feito novamente uma minhoca (Anexo H), depois pediu outra folha e fez a mão dela passando com o lápis entre seus dedos (Anexo H). Então, Rico mostrou para a mãe o desenho do avião caça que ele tinha feito e Luz elogiou dizendo que ficara lindo. E Rico complementa que queria ser piloto de avião caça e romper com a barreira do som. Depois, Mila me chamou e começou a cantar a música outra vez: “*Minhoca, minhoca me dá uma beijoca não dou, não dou, não dou, então eu vou roubar... Minhoco, minhoco tu tá ficando louco beijou do lado errado a boca é do outro lado*”. E assim, encerramos este décimo segundo encontro.

Testes do Desenho de Família – Síntese do 13º encontro

A aplicação do desenho de família ocorreu no penúltimo encontro (13º) com a família. O desenho foi feito individualmente, mas em aplicação conjunta. É importante ressaltar que neste momento os laços familiares estavam em cheque novamente. Luz retornando ao trabalho, Juca tendo que dar conta das crianças durante o dia e sozinho. A regressão de Rico e Mila na contra mão do processo como queixa do afastamento diário materno. Essa questão foi declarada nas últimas linhas do diário materno, citadas no item 4.8.

Segundo Corman (2003, p. 39):

O desenho de família é dos que melhor permitem ao sujeito construir um mundo social conforme sua conveniência, isto é, de se desviar, tanto quanto lhe agrada, da realidade objetiva, para dar primazia às suas tendências próprias e à sua concepção pessoal da vida familiar. Contudo, pode-se esperar, a esse respeito, que o sujeito quando se lhe pede para desenhar “uma família de sua invenção”, tenha no espírito, de acordo com o princípio da realidade, o quando da própria família, aquela no seio da qual vive e a qual, renunciando a toda fantasia imaginária, reproduzirá no papel, na ordem hierárquica das idades e de importância: seu pai, sua mãe, seus irmãos e irmãs.

No desenho de família de Juca (Anexo I), ele primeiro fez a família, depois a casa da Grande Porto Alegre e, por último, o carro da família. Juca desenhou a casa acima da família. Então, desenhou primeiro ele, a Luz, o Rico e por último, a Mila. Todos tinham mãos e pés. Depois, fez o cachorro dele, o cachorro pequeno de Luz e o carro ao lado. E os quatro componentes da família tinham quase o mesmo tamanho,

inclusive Mila que é criança. Juca e Rico estavam sorridentes, enquanto Mila e Luz estavam mais sérias. Juca também acrescentou ao seu desenho de família um carro, fato interessante, expressado na grafia, pois as crianças foram trazidas de carro para a casa da família na Grande Porto Alegre. Pode-se pensar no carro como o hospital do parto por representar o nascimento dessa família.

Já no desenho de família de Luz (Anexo I), ela fez primeiro uma casa pequena, uma árvore pequena, o Juca, a Mila, o Rico e ela por último. Todos estavam de braços dados, pois Luz não fez as mãos. Os quatro componentes da família eram em tamanho pequeno. Também desenhou seus dois cachorros entre uma árvore pequena e o canil do cachorro maior. Todos os quatro estão sem os pés. Juca está sorridente, Mila com a boca tremula e Rico e Luz estão sérios. Pensamos na situação de retorno ao trabalho, quando Luz se queixou de estar muito abalada, porque gostaria de ficar ao menos até os seis meses com a família, como no caso da licença para uma mãe que amamenta. Até porque, na sua grafia, sua família sem pés e sem mãos ficam imóveis. Fazendo uma ligação com sem mãos, ficam sem mãe!

No entanto, no desenho de família de Rico (Anexo I), ele diz que eles estão na praia e que não fez as suas mãos porque elas estão para trás. Neste sentido, ao encontro do representado por Luz. Devido às queixas de Rico sobre o retorno da mãe ao trabalho, pesamos duas situações para a ausência das mãos: primeiro sua manifestação com tendência anti-social e segundo a manifestação pela carência materna. Também acrescentou quatro coqueiros, dois de um lado, a família no meio e os outros dois coqueiros do outro lado. Acrescentou um sol no meio da folha, com duas nuvens envoltas do sol e três pássaros a abaixo. Desenhou a Mila, depois o pai, a mãe e ele, por último, mas maior que o pai. A praia nos faz pensar nas férias, quando todos curtem e ficam juntos em família.

Na época do teste do desenho de família, Mila havia recém completado quatro anos e não tinha condições gráficas de realizar o teste, mas, mesmo assim, ela fez uma grafia que denominou de família (Anexo I). Além disso, na hora da aplicação do mesmo, Mila continuou fazendo outros desenhos e fez outro boneco (Anexo I). No decorrer do estudo, pode ser observada uma evolução no processo de sua grafia e garatuja. Nos primeiros encontros, Mila fazia rabiscos em novelos, sem nomeá-los, somente mostrava-os quando acabava. Depois, começou a desenhar e nomear os desenhos, como flor, casa, minhoca e bonecos. Com relação aos bonecos, Mila, a cada

desenho, fazia com mais precisão e firmeza, rosto com olhos e múltiplos braços e pernas, o que é esperado para a sua idade. Claro que com um pouco de atraso devido sua história pessoal.

Conforme Ribeiro (2002), a garatuja é a primeira expressão da arte de desenhar no infante, no qual a criança sente prazer ao constatar os efeitos visuais que essa ação produziu. No momento em que desenha, a criança imprime marcas no papel de uma forma espontânea e em diversas direções. A garatuja se manifesta entre um ano e três anos de idade. Inicialmente, são como quaisquer riscos feitos no papel. Sem o controle das mãos e meio sem saber o que está fazendo, a criança sente um fascínio pelo pintar. Ignora os limites do papel e sacoleja todo o corpo para desenhar, avançando os traçados pelas paredes, portas e chão. As primeiras garatuja são linhas longitudinais que, com o tempo, vão se tornando, pontinhos até se tornarem circulares e, por fim, se fecham em formas independentes, que ficam soltas na página. No final dessa fase, é possível que ocorram tentativas de desenhar pessoas, com um círculo representando a cabeça e pontinhos demarcando os olhos, como percebemos no processo evolutivo de Mila.

À medida que Mila evolui o seu desenhar, começa a dominar suas sensações imediatas. Passou a perceber as semelhanças e diferenças entre os elementos. Ribeiro (2002) salienta que ocorrem tais diferenciações a partir dos três anos de idade, quando os movimentos do grafismo vão naturalmente se arredondando, e, em breve dando surgimento ao círculo, apresentando-se no desenho a composição de uma maneira fechada. Derdyk destaca que: *"O círculo elevado ao estatuto de forma fechada, de corpo de objeto, ganha importância. Gera a noção de autonomia, atribuindo a cada signo gráfico um sentido de permanência"* (1989, p.90). Portanto, a partir do círculo, é possível criar diversos tipos de desenho de uma mesma maneira, conservando o tipo desenhado por algum tempo. Por volta dos três a quatro anos, a criança fará pessoas com ausência de tronco, mas com cabeça, rosto e os braços e as pernas num risco só.

Então, concluímos que diante do teste do desenho de família de Juca, Luz e Rico, em nível de conteúdo, os três representaram sua família atual que estava em reconstrução, sem deixar nenhum personagem de fora, o que nos faz pensar que já se viam imaginariamente e simbolicamente como produto dessa genealogia. Sendo o representante paterno o principal da família, tanto para Juca e Luz. Em ambos, o representante paterno foi desenhado em primeiro lugar. No entanto, Rico representou Mila como o personagem principal da família, indicando como se sentia, o último.

Finalizando, em nível das estruturas formais e do traçado, Juca, Luz e Rico demonstravam cargas afetuosas e de agressividade com relação à família. Além de no diário (Anexo L), Rico escrever que o pai é brabo e a mãe é legal, no desenho de família ele representou a mãe e Mila como pessoas mais rígidas e racionais, representadas pelo traçado em ângulos. O pai e ele foram representados como sendo mais afetuosos, acessíveis e sensíveis, características identificadas pelo traçado sensorial. No traçado sensorial a pessoa apresenta um tipo de espontaneidade muito vital e indica um grupo familiar sensível, sobretudo à ambientação, à atividade e à comunhão (Corman, 2003). Neste sentido, o traço do desenho de Luz e Juca também se apresentaram como sensorial, com linhas curvas. No entanto, Juca apresentou um traçado também rabiscado, irregular demonstrando ansiedade e insegurança. O que nos faz pensar no fato de Juca trazer a fratura da família, isto é, a infertilidade.

Entrevista Clínica com os Pais e os Irmãos Maiores – Síntese da 14ª entrevista de encerramento

Está última entrevista ocorreu na casa da família na Grande Porto Alegre. Quando e cheguei, uns vinte minutos antes do combinado, o pai estava cortando a grama e a mãe ajudando Rico nas tarefas. Mila estava na escolinha e o pai iria buscá-la após cortar a grama. Agora, a menina já havia superado a entrada na escola e abandonado a mamadeira novamente. Além disso, Rico e Mila encontravam-se ambientados, tinham amigos na rua onde moravam, tinham amigos na escola, brincavam e se davam bem. Todavia, persistiam as disputas entre eles, discussões e brigas pela atenção dos pais, situações de rivalidades típicas entre irmãos.

Em acréscimo, as queixas dos pais com relação a Rico prosseguiram, era desobediência em casa, brigas na escola e descaso pelos estudos, sendo que Rico fazia os temas e não os entregava. Além disso, Luz havia levado Rico ao ortopedista e ele iria iniciar uma série de exames, tendo o prognóstico provável de ter que realizar uma cirurgia na coluna. A mãe acrescentou que ele não queria fazer a cirurgia, que iria fazer só quando fosse adulto. Luz solicitou minha ajuda para lidar com a situação e pediu que eu conversasse com ele sobre a importância da mesma para a sua saúde.

O pai, neste momento, relatou que ele também havia feito uma cirurgia, que era preciso e que ficara bom. Só não podia voltar a trabalhar devido a sua profissão de

motorista. E Rico começou a refletir sobre a possibilidade de fazer a cirurgia, pois ele adorava esportes e queria fazer futebol e capoeira.

Juca saiu para buscar Mila na escola e Luz começou a preparar um café e colocar uma mesa com alimentos para comermos todos juntos em celebração ao acompanhamento do processo adotivo e seu encerramento.

Quando o Pai e a Mila retornaram, conversamos todos juntos sobre a família e as novas mudanças nas rotinas. Luz contou que havia voltado ao trabalho, mas que estava sendo muito difícil ficar longe das crianças e de casa. Juca acrescentou que as coisas estavam mais difíceis porque agora. Eram ele e Rico sozinhos em casa, pois a Mila ficava na escolinha o dia todo e Luz ia para o trabalho. Na hora do almoço, pai e filho comiam juntos e ficavam sem as presenças femininas, de Luz e Mila. Juca buscava Rico na escola e os dois iam para casa almoçar. Todos estavam sentindo os efeitos da mudança na família. Além disso, um tio paterno idoso de Luz, do qual ela gostava muito estava com câncer e não estava conseguindo baixa no hospital, situação que a deixava ainda mais abalada.

Enquanto conversávamos, as crianças decidiram me mostraram toda a casa, inclusive o Pastor Belga que estava preso nos fundos no canil e, por último, o quarto deles. No quarto, Rico decidiu ligar a TV e colocar um DVD com músicas sertanejas que ele gostava, me mostrou várias músicas, inclusive a sua preferida, que é da dupla Maria Cecília e Rodolfo, intitulada “*Os dias Vão*”. No clima da música, o Rico começa a cantar junto com o DVD e Mila começa a pular em cima das camas. A menina pulava da cama do Rico para a dela e da dela para a dele. Depois, os dois começaram a fazer ponte com o corpo, cantar, dançar, fazer cosquinha um no outro e dar gargalhadas juntos, num ambiente descontraído e de pertencimento.

O pai confirmou que Rico adorava assistir DVD de músicas e de filmes e falou sobre o hábito que Mila tinha de cantar. Contou que a música favorita de Mila era do Luan Santana, “*Meteoro*”. Nesta hora Mila cantou o refrão da música, “*Te dei o sol, te dei o mar. Pra ganhar seu coração. Você é raio de saudade, Meteoro da paixão, Explosão de sentimentos que eu não pude acreditar. Ah! Como é bom poder te amar!*”

Em seguida, questionei Mila sobre com quem ela é parecida, se com o pai ou com a mãe. Ela, espontaneamente, disse: “*com a mãe!*” e complementa: “*e o Rico é parecido com o pai*”. A menina resolve se olhar no espelho, mexer nos cabelos, soltar, passar creme de pentear, se arrumar e ficar se admirando. Conta que a mãe comprou um

pinico para ela, que começou a usar e que, também, estava tomando numa caneca e não mais na mamadeira, demonstrando estar superando a entrada na escolinha e o retorno da mãe ao trabalho.

Ao final, vamos os cinco tomar o café que Luz havia preparado para a nossa despedida. Antes do encerramento do encontro, fazemos as últimas combinações que incluíam o encaminhamento de Rico para atendimento psicológico. Ainda que todas as etapas de convivência estivessem marchando conforme a adaptação esperada na adoção de crianças maiores, a história de traumas e perdas do menino, os comportamentos atuais de quebrar regras e agressividade, além do processo cirúrgico que iria passar eram indicadores importantes que um amparo psicológico era necessário. O casal conclui o encontro dizendo que apesar dos contratemplos e das dificuldades no manejo e negociação com os filhos, eles estavam felizes com a re-fundação familiar e acreditavam que a cada dia eles iriam evoluir ainda mais as relações afetivas e os laços entre eles. Despeço-me em clima de harmonia da família.

Diário Pessoal – Individual

No dia do desacolhimento das crianças foi entregue à família o Diário Pessoal, individual, com a pergunta: Como está sendo para você o processo de Tornar-se – Pai, Mãe e Filho na adoção de Crianças maiores? Sendo que o participante poderia escrever livremente sobre o tema da maneira que quisesse, podendo usar gravuras e poemas. Para Mila, também foi dado um Diário Pessoal, individual, no qual ela poderia desenhar e se apropriar a sua maneira.

O diário de Luz Silva Brasil¹⁷ apresentou um material fértil (Anexo J), pois foi elaborado a partir das etapas do processo filiativo que podem ser observadas na sua escrita: *“Estou muito feliz, porque chegaram meus filhos. Rico com 10 anos e Mila com 3 anos. Não estava em nossos planos adotar dois, mas como são irmãos, decidimos adotá-los quando os conhecemos, me apaixonei por eles, sua história de companheirismo um com outro. O Rico é um pouco reservado, não fala muito nem sorri, não é muito receptivo ao carinho, mas acredito que ele vai mudar. A Mila é toda prosa, sorridente e falante, gosta de chamego e muito batom. Ela é uma graça de menina, carinhosa, gosta de cantar e dançar o ‘reboleixon’.* Estou amando meus filhos

¹⁷ Os dois sobrenomes dado a família: Silva e Brasil são fictícios.

e peço a Deus para que eu possa educá-los e fazê-los muito felizes. Que sejam adultos amados, respeitados, honestos, pessoas de boa índole (Julho, 2010). (...) Hoje (25-07-2010) a Mila me chamou de mãe pela primeira vez. Eu estava colocando as roupas na máquina de lavar e ela veio com um blusão e disse: ‘olha mãe o que eu estou fazendo, vou te ajudar’. Que emoção indescritível, corri, abracei, enchi de beijos... Que alegria! Até chorei de montão abraçada a ela e agradei a Deus por este momento. O Rico ainda me chama de tia, mas logo, logo, ele também vai me chamar”.

Dessa forma, no dia 30-07-2010, segundo Luz: “o Rico, após o café da manhã, me surpreendeu, chegou na cozinha e disse: ‘Mãe, a partir de hoje vou te chamar de mãe! Posso?’. Fiquei emocionada ao ouvir isso. Enchi-o de beijos e as lágrimas começaram a correr. Por outro lado, complementando a descrição do momento em que Rico a chama de mãe, ela acrescenta: “Estou realizada com meus filhos. Quero-os para sempre, amá-los e sermos felizes os quatros como uma família de verdade: Pai-Mãe-Filhos.

Nestes dois parágrafos acima, podemos observar duas questões relevantes da construção inicial do processo filiativo de Luz. Primeiro, a maneira diferenciada de filiação entre Luz e Mila e entre Luz e Rico. E, segundo, inicialmente Luz via sua família como uma “*família verdadeira*”. No processo de parentalidade de Luz e Mila, ambas estavam prontamente abertas para se conhecerem e se aproximarem. Rico foi descrito como evitativo e distante. No entanto, Luz também estava da mesma maneira, mas com esperança de que ele iria mudar.

Ao encontro, na escrita de Luz evidenciamos o momento e os sentimentos diferenciados envolvidos no processo de filiação de Rico e Mila. A menina nomeia Luz de mãe, espontaneamente, enquanto as duas estavam na lavanderia. E a reação da mãe é de alegria, euforia e emoção, respondendo a filha com muitos abraços e beijos. Já com Rico, ele afirmou e questionou se poderia chamar Luz de mãe e, Luz respondeu-lhe com beijos e lágrimas de emoção. Se consideramos a reação de Luz na primeira vez que foi nominada de mãe percebemos, com relação a Mila uma cena que envolvia somente sentimentos de afeto e alegria. E na situação de Rico evidenciou-se uma acolhida mais ambivalente, numa mistura de afeto e lágrimas.

Ademais, nos primeiros dias, percebia-se que a construção dos laços na família ainda era frágil entre eles. Portanto, Luz descreveu que se sentia: “... *como uma família de verdade: Pai-Mãe-Filhos*”. Assim sendo, para Luz, a família soava, ainda,

como falsa, pois *como uma*, quer dizer que, *não é* uma família. Esta forma de significar a família adotiva traz embutida em si uma conotação de que a família não é uma família. A família adotiva é um modelo de família contemporâneo, pois o casal parental não fecunda e gera o filho, mas cria-o e educa-o.

Concordamos, então, com os ensinamentos de Dolto (1999) que a criança adotiva precisa ser assumida por uma pessoa que possa reconhecê-la e falar com ela sobre sua história. Restituir-lhe uma imagem de si – sua origem – para que ela possa também se reconhecer e se assumir como sujeito. Por isso, segundo a autora, é preciso acabar com termos confusos para a criança, tais como: “*como se fosse meu filho*”, “*como se fosse uma família de verdade*” e “*pais verdadeiros*” (p. 125-126) para se referir aos pais biológicos. Pois, o filho adotivo é filho e ponto, a família adotiva é uma família e os pais verdadeiros são os que educam a criança, ou seja, os pais adotivos.

Neste sentido, percebeu-se na escrita de Luz o estranhamento pelas crianças vindo de suas famílias extensas, dela e do Juca e de seus amigos. Situações percebidas na dificuldade que o casal tinha de falar sobre seus projetos de filiação por adoção. Mesmo o casal estando habilitado há cinco anos, tal assunto pareceu não ser discutido e\ou dialogado por eles nem em família e nem no meio social. Luz escreveu: “*Minha família recebeu meus filhos com muito carinho, eles estão realizados com a nossa atitude de adoção que foi surpresa para todos. Nossos amigos todos vieram conhecê-los e estão amando-os assim como nós*”.

Segundo Queiroz (2004), a entrada da criança na família adotante pode-se dizer que é apreendida com estranheza duplamente. Primeiro, ela é abandonada ou recusada, porque percebida como estranha por sua genitora, e segundo, ela é estranhada pelos pais adotantes, porque não pertence ao mundo familiar, o da consangüinidade. Às vezes, tal sentimento de estranhamento pode ser projetado pelos pais adotivos para o exterior, na forma do fantasma da rejeição social. No entanto, após o estranhamento, os pais adotantes, através do desejo, assimilam seus filhos como pertencentes ao meio familiar. Por outro lado, o desejo pela adoção, então, pode-se manifestar através de duas formas: na prioridade por neonatos para educá-las a sua maneira; na prioridade por crianças com características de pele e físicas semelhantes aos pais, imitando ao máximo a família biológica. No nosso caso, observamos a segunda forma de manifestação, as características de pele e físicas, as crianças eram negras como a família.

Com o decorrer da adaptação, podemos observar, tanto no discurso do casal parental como no diário de Luz, os irmãos testando o afeto e limite de seus pais. Saindo do processo de Lua-de-Mel (Lévy-Soussan & Marinopoulos, 2010b). Luz relatou: *“Estou bastante ansiosa, passou a euforia de primeiro momento e começaram as dificuldades. O Rico está rebelde não quer aceitar as regras, só quer rua, não quer estudar direito, não faz o que a gente pede. A Mila ainda chora muito à noite. Talvez por causa da adenóide, mas estou fazendo os exames para tratar. Estou sentindo dificuldades para lidar com eles. O Juca está estressado com ele; (Rico) não quer obedecer, retruca, bate boca”* (Agosto, Setembro – 2010). Este é um comportamento que Levinzon (2004) define como provocativo da criança adotiva que testa o afeto e o limite dos pais.

Conforme Xerfan (2009), este testar de limites pode comparecer de diferentes formas: na oposição velada ou clara, na agressividade, na onipotência, no autoritarismo, na aparente apatia e indiferença, ou em uma demanda excessiva em direção aos pais adotivos, seja esta de amor, de atenção ou simplesmente de “coisas” que solicitam com frequência. Muitas vezes, apesar das inúmeras demonstrações de afeto por parte dos pais adotivos ou, talvez até, em função delas (Brodzinsky, Smith & Brodzinsky, 1998, Brodzinsky & Smith, 1995).

Levinzon (2004) esclarece que, na verdade, os comportamentos provocativos significam um teste em relação ao vínculo constituído. Para a autora, as crianças apresentam tais comportamentos devido à insegurança quanto à solidez do vínculo e estes comportamentos ocorrem geralmente quando a criança começa a entender o que significa ser adotivo. Então, Rico e Mila se posicionaram, num dado momento, querendo saber se seriam filiados ou devolvidos.

Em outro encontro conversamos sobre as dificuldades com Rico e Mila e Luz relatou: *“Rico apresentou uma melhora no comportamento, mas está ainda muito teimoso e desobediente. A Mila está no 2º tratamento. Acho que vai precisar de cirurgia de adenóide (Outubro\Novembro – 2010). Apesar das dificuldades, o Rico está melhorando. Levei-o ao médico (ortopedista) mandou fazer exames da coluna. Estamos aguardando os resultados (16-11-2010)”*.

E no mês de encerramento do acompanhamento Luz escreveu: *“Nossa Família tem muito o que melhorar, mas estamos a cada dia mais unidos pelo amor, apesar das personalidades diferentes que cada um apresenta. Estou Feliz, a Mila é muito teimosa e*

autoritária, o Rico é muito bicudo, nunca quer ouvir não, se emburra por qualquer coisa. Eu, estou sempre cobrando, quero que as coisas melhorem bem rapidinho. Sou muito ansiosa não gosto de esperar por muito tempo para ver resultados positivos. Acho que não podemos para no tempo e ver tudo passar sem tomar nenhuma atitude. O Juca tá um pouquinho mais calmo, mas cobra respeito e obediência da Mila e do Rico. Acho que ele está certo. Ele fica muito nervoso e se irrita, se preocupa demais, e eu fico apreensiva com isso. Temo por sua saúde, nossa vida mudou muito. Não vejo a hora que tudo se estabilize e acertemos de vez nossa família, para que vivemos alegres e felizes. Voltei a trabalhar e o Juca está mais tempo com as crianças, peço a Deus que eles se acalmem logo, para que ele não se estresse muito na minha ausência diária. Estou Feliz, Amo meus Filhos e se Deus quiser, Vamos fazê-los os Filhos Mais Felizes do Mundo. Assinado Família Silva Brasil – Luz (mãe), Juca (pai), Rico (filho) e Mila (filha, assinada por Luz)”.

Sendo assim, com relação ao Diário de Luz podemos refletir que se no início se referia a Rico, Mila, Juca e ela como uma “*Família Verdadeira*” o que nos faz pensar na fragilidade inicial dos laços de filiação, esperado num processo adotivo, ainda mais de crianças maiores. Pois, o processo de engajamento da filiação vai se dar, principalmente, pela via da identificação. Ao fim do acompanhamento, Luz registrou no seu diário, em nome de sua família, a partir do seu sobrenome de casada, *Silva Brasil* e solicitou a assinatura de todos, assinando por Mila. Ou seja, nomeou sua família, instituiu na palavra, na escrita e no discurso a partir das entrevistas.

Com relação ao diário pessoal de Juca, ele entregou-o em branco, alegando que não sabia o que e como escrever, dizendo que não gostava de escrever e que por isso não tinha feito. Na realidade, na penúltima entrevista, Luz falou por Juca, dizendo que ele havia dito em casa que não iria fazer o diário, situação que coloquei para ele que poderia escrever algo pequeno, uma frase ou palavras soltas, mas foi em vão. No entanto, percebemos que Juca desenhou no diário de Mila, fazendo ele, o pai e a Mila. No último encontro, Juca falou que após a cirurgia tinha ficado com dificuldades na motricidade fina, tendo dificuldades para escrever.

O diário pessoal de Mila (Anexo K) estava com todas as páginas desenhadas, percebeu-se no folhear das páginas a evolução na garatuja. Nas primeiras grafias, Mila fez riscos em novelo que extrapolavam a folha. Depois, houve uma evolução no seu traçado, percebendo-se que ela escreveu no diário em dias diferentes. Além do *cartoon*,

feito pelo pai no diário de Mila: ele, Mila ao lado dele e na frente deles, o guri (um dos cães da família) com o pote de comida dele e um brinquedo. Posteriormente, Mila começa a desenhar bonecos evoluindo o seu traçado.

Entretanto, Rico utilizou bastante o diário (Anexo L), começou denominado, na capa de “*Agenda do Rico*”. Ao longo do mesmo, escreveu um parágrafo sobre a família, uma música de capoeira e fez desenhos diversos. Tais como: carro de corrida nº 53 (carro pilotado por Gerson um personagem da novela *Passione*, Rede Globo, exibida em 2010), aviões, avião caça, berimbau, casa com decoração de natal, carro de polícia, “Joaquim, o rei pinguim”, jogo da velha... Além de ter feito, em conjunto com sua mãe, seus temas de matemática e português.

Com relação à família, Rico escreveu: “*Está sendo muito legal estar aqui porque tem avião, tenho um amigo e estou estudando numa escola nova. A mãe e o pai são muito legais. O pai é brabo, mas é o jeito dele. A mãe leva a Mila na escolhinha e o pai me leva na escola. A escola é pequena, mas nem tudo é grande.*”

Ao encontro, Rico desenhou no seu diário “Joaquim, o rei pinguim”. Ele fez um pinguim coroadado e em cima de um barril, fazendo referência ao livro infantil: “*Joaquim, o rei pinguim*” da autora francesa: Armelle Boy, que auxilia na passagem da família biológica para a adotiva (Anexo K). O desfecho da história do pinguim, que acha que é um pinto porque nasceu e foi criado na fazenda por diversos, é o descobrimento que em realidade é um pinguim imperador real. Os animais da fazenda, inicialmente, acharam um ovo grande e diferente na horta e decidiram chocá-lo. Mas quem poderia chocá-lo? Todos os animais da fazenda tentaram e, no fim, um casal de ovelhas chocou-o. Dias depois, nasceu aquele “pinto” cinzento e faminto. Cada animal lhe ofereceu um alimento diferente, até descobrirem que ele comia peixe. Após comer, ele foi gentil e mostrou ser o “pinto” mais divertido da granja e os animais lhe deram o nome de Joaquim. Ele era atencioso e prestativo com todos. Com o passar do tempo, Joaquim não se achava parecido com nenhum dos animais e começou a se questionar sobre a sua espécie. Então, juntos, eles procuraram na enciclopédia e descobriram que Joaquim era um Pinguim Real do Pólo Sul.

Com essa informação, Joaquim se considera rei e, sendo assim, ele era rei de todos os animais. Os animais fazem reverência brincando com ele, mas Joaquim acredita que é rei de verdade. Entrando em crise com seus animais “familiares”, porque queria fazê-los de súditos, mas eles se negaram.

Joaquim resolve ir à busca do seu reinado (origem- família biológica) e vai para o Pólo Sul. Lá, ele percebe que todos os pinguim eram iguais a ele, um pinguim real. Dessa maneira, se decepciona e resolve voltar para sua família na fazenda, a família que o adotou, o criou e com quem ele construiu laços de parentalidade, além de o respeitarem na sua alteridade. Neste sentido, pode ser analisado que Rico se identificou muito com esta história, principalmente com Joaquim, que escolheu a família que o cuidou.

Como afirma Winnicott: *“O lar adotivo real tem a vantagem de não oscilar violentamente do bom para o mau e do mal para o bom. Permanece sempre mais ou menos frustrante e mais ou menos tranquilizador”*(2001, p.212)

Discussão e Conclusão

A discussão e conclusão do relatório encontram-se na página 60 da Seção II – Artigo Empírico intitulado: “O Processo de Tornar-se Pai, Mãe e Filhos na Adoção de Irmãos Maiores”.

Lista de Produção Bibliográfica Durante o Mestrado

1 Silva, C. L.¹⁸ & Benetti, S. P. C.¹⁹ (2010), *Preparando a Criança Acolhida Institucionalmente para a Adoção*. (1-12 pp). Em: I Congresso Franco-Brasileiro de Psicanálise, Filiação e Sociedade – Adoção: da criança à filiação. Trabalho completo Anais em CD. Nº ISSN: 2177-924

¹⁸ Mestranda da Unisinos do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da Infância e Adolescência. Psicóloga Clínica da Casa de Acolhimento Estrela Guia de Torres, contratada, cedida pela Prefeitura de Arroio do Sal/RS.

¹⁹ Professora, Doutora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos da Pós Graduação em Psicologia Clínica da Infância e Adolescência.

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

RESOLUÇÃO 101/2010

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 10/066 Versão do Projeto: 19/07/2010 Versão do TCLE: 19/07/2010

Coordenadora:

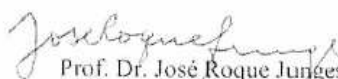
Mestranda Carolina Lemos da Silva (PPG em Psicologia)

Título: Bendito Fruto: O Processo de Tornar-se Pai, Mãe e Filho na Adoção de Crianças Maiores.

Parecer: O projeto foi **APROVADO**, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d. Somente poderá ser utilizado o Termo de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 19 de julho de 2010.



Prof. Dr. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Versão Pai

Caro Pai: Nome _____

Eu, Carolina Lemos da Silva – Psicóloga CRP 07/ 13319, mestranda de psicologia clínica, sob orientação da Profª Drª Silvia Pereira da Cruz Benetti, estou realizando um estudo com o objetivo de compreender como se dá o processo de tornar-se pai, mãe e filho na adoção de crianças maiores. Este estudo está sendo realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISINOS, visando aprimorar o trabalho desenvolvido nos processos de adoção. Portanto, gostaria de convidá-lo para participar desse trabalho. Sua colaboração é muito importante para nós, pois os resultados deste estudo auxiliarão os profissionais da área no atendimento e acompanhamento de casos de adoção de crianças maiores.


A participação nesta pesquisa consistirá na realização de entrevistas semi estruturadas individuais e em família, com foco no histórico familiar sobre adoção, no diário pessoal sobre como está sendo a experiência de adoção, fotos tiradas pelo casal dos momentos que julgarem importantes em família, pesquisa documental do processo de habilitação para a adoção do casal e das crianças a serem adotadas, e aplicação do Teste do Desenho da Família. Ao todo serão 12 encontros, que acontecerão no Fórum da Comarca de Palmares do Sul/RS. Todo este material será utilizado somente com a finalidade de acompanhar o processo de tornar-se pai, mãe e filho na adoção de crianças maiores. Desta forma, tanto o material escrito como as imagens fotográficas serão utilizados somente neste trabalho e não serão divulgados. Os dados obtidos serão devolvidos e discutidos ao final do trabalho, assim, você receberá um retorno de sua participação. Entretanto, você pode interromper sua participação a qualquer momento do trabalho sem que haja qualquer prejuízo ao seu atendimento psicológico. Além disto, você não será identificado em nenhum momento, sendo que sua identidade e dados familiares não serão revelados.

Você pode solicitar informações e esclarecimentos que achar necessário e contatar a pesquisadora responsável por este trabalho, Carolina Lemos da Silva – CRP: 07/13319, a qualquer momento, pelo telefone (51) 9981-2780 ou (51) 9973 – 6271, ou ter informações no próprio Fórum da Comarca de Palmares do Sul/RS. E, Também pode ligar para a Profª Drª Silvia Pereira da Cruz Benetti, orientadora da pesquisa, pelo telefone (51) 3591-1100 ramal 2227. Este Termo deverá ser preenchido e assinado em duas vias, sendo que uma permanecerá com você e a outra deverá ser devolvida ao pesquisador, na segunda sessão com toda a família, quando casal o estiver com a guarda provisória do filho.

Desde já, agradecemos a sua contribuição para o desenvolvimento deste trabalho e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Frente ao que foi acima exposto, concordo em participar desta pesquisa, autorizando inclusive a utilização de minhas fotografias e o acesso ao meu processo judicial de habilitação para a adoção, ficando expresso pela minha assinatura ao presente termo.

Assinatura do Pai



Carolina Lemos da Silva

Psicóloga Clínica – CRP: 07/13319

Endereço: Rua: Otacílio da Silva 428 – fone: (51) 3668 – 1245

 Av. Unisinos, 950 Caixa Postal 275 CEP 93022-000 São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil
 Fone: (51) 3591-1198 ou ramal 2198 Fax: (51) 3590-8118 <http://www.unisinos.br>

 CEP - UNISINOS
 VERSÃO APROVADA
 Em: 19 07 10



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - Versão Mãe

Cara Mãe: Nome: _____

Eu, Carolina Lemos da Silva – Psicóloga CRP 07/ 13319, mestranda de psicologia clínica, sob orientação da Profª Drª Silvia Pereira da Cruz Benetti, estou realizando um estudo com o objetivo de compreender como se dá o processo de tornar-se pai, mãe e filho na adoção de crianças maiores. Este estudo está sendo realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISINOS, visando aprimorar o trabalho desenvolvido nos processos de adoção. Portanto, gostaria de convidá-lo para participar desse trabalho. Sua colaboração é muito importante para nós, pois os resultados deste estudo auxiliarão os profissionais da área no atendimento e acompanhamento de casos de adoção de crianças maiores.

A participação nesta pesquisa consistirá na realização de entrevistas semi estruturada individuais e em família, com foco no histórico familiar sobre adoção, no diário pessoal sobre como está sendo a experiência de adoção, fotos tiradas pelo casal dos momentos que julgarem importantes em família, pesquisa documental do processo de habilitação para a adoção do casal e das crianças a serem adotadas, e aplicação do Teste do Desenho da Família. Ao todo serão 12 encontros, que acontecerão no Fórum da Comarca de Palmares do Sul/RS. Todo este material será utilizado somente com a finalidade de acompanhar o processo de tornar-se pai, mãe e filho na adoção de crianças maiores. Desta forma, tanto o material escrito como as imagens fotográficas serão utilizados somente neste trabalho e não serão divulgados. Os dados obtidos serão devolvidos e discutidos ao final do trabalho, assim, você receberá um retorno de sua participação. Entretanto, você pode interromper sua participação a qualquer momento do trabalho sem que haja qualquer prejuízo ao seu atendimento psicológico. Além disto, você não será identificado em nenhum momento, sendo que sua identidade e dados familiares não serão revelados.

Você pode solicitar informações e esclarecimentos que achar necessário e contatar a pesquisadora responsável por este trabalho, Carolina Lemos da Silva – CRP: 07/13319, a qualquer momento, pelo telefone (51) 9981-2780 ou (51) 9973 – 6271, ou ter informações no próprio Fórum da Comarca de Palmares do Sul/RS. E, Também pode ligar para a Profª Drª Silvia Pereira da Cruz Benetti, orientadora da pesquisa, pelo telefone (51) 3591-1100 ramal 2227. Este Termo deverá ser preenchido e assinado em duas vias, sendo que uma permanecerá com você e a outra deverá ser devolvida ao pesquisador, na segunda sessão com toda a família, quando casal o estiver com a guarda provisória do filho.

Desde já, agradecemos a sua contribuição para o desenvolvimento deste trabalho e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Frente ao que foi acima exposto, concordo em participar desta pesquisa, autorizando inclusive a utilização de minhas fotografias e o acesso ao meu processo judicial de habilitação para a adoção, ficando expresso pela minha assinatura ao presente termo.



Carolina Lemos da Silva

Psicóloga Clínica – CRP: 07/13319

Endereço: Rua: Otacílio da Silva 428 – fone: (51) 3668 – 1245

Assinatura da Mãe

 CEP - UNISINOS
 VERSÃO APROVADA
 Em: 19 / 07 / 10



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Versão Filho)

Caros Pais:

Eu, Carolina Lemos da Silva – Psicóloga CRP 07/ 13319, mestranda de psicologia clínica, sob orientação da Profª Drª Silvia Pereira da Cruz Benetti, estou realizando um estudo com o objetivo de compreender como se dá o processo de tornar-se pai, mãe e filho na adoção de crianças maiores. Este estudo está sendo realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISINOS, visando aprimorar o trabalho desenvolvido nos processos de adoção. Portanto, gostaria de convidá-lo para participar desse trabalho. Sua colaboração é muito importante para nós, pois os resultados deste estudo auxiliarão os profissionais da área no atendimento e acompanhamento de casos de adoção de crianças maiores.

A participação nesta pesquisa consistirá na realização de entrevistas semi estruturada individuais e em família, com foco no histórico familiar sobre adoção, no diário pessoal sobre como está sendo a experiência de adoção, fotos tiradas pelo casal dos momentos que julgarem importantes em família, pesquisa documental do processo de habilitação para a adoção do casal e das crianças a serem adotadas, e aplicação do Teste do Desenho da Família. Ao todo serão 12 encontros, que acontecerão no Fórum da Comarca de Palmares do Sul/RS. Todo este material será utilizado somente com a finalidade de acompanhar o processo de tornar-se pai, mãe e filho na adoção de crianças maiores. Desta forma, tanto o material escrito como as imagens fotográficas serão utilizados somente neste trabalho e não serão divulgados. Os dados obtidos serão devolvidos e discutidos ao final do trabalho, assim, você receberá um retorno de sua participação. Entretanto, você pode interromper sua participação a qualquer momento do trabalho sem que haja qualquer prejuízo ao seu atendimento psicológico. Além disto, você não será identificado em nenhum momento, sendo que sua identidade e dados familiares não serão revelados.

Você pode solicitar informações e esclarecimentos que achar necessário e contatar a pesquisadora responsável por este trabalho, Carolina Lemos da Silva – CRP: 07/13319, a qualquer momento, pelo telefone (51) 9981-2780 ou (51) 9973 – 6271, ou ter informações no próprio Fórum da Comarca de Palmares do Sul/RS. E, Também pode ligar para a Profª Drª Silvia Pereira da Cruz Benetti, orientadora da pesquisa, pelo telefone (51) 3591-1100 ramal 2227. Este Termo deverá ser preenchido e assinado em duas vias, sendo que uma permanecerá com você e a outra deverá ser devolvida ao pesquisador, na segunda sessão com toda a família, quando casal o estiver com a guarda provisória do filho.

Desde já, agradecemos a sua contribuição para o desenvolvimento deste trabalho e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Frente ao que foi acima exposto, autorizo meu(minha) filho(a) a participar desta pesquisa, bem como a utilização de nossas fotografias e o acesso ao processo judicial de habilitação para a adoção, ficando expresso pela minha assinatura ao presente termo.

Assinatura do Pai

Assinatura da Mãe



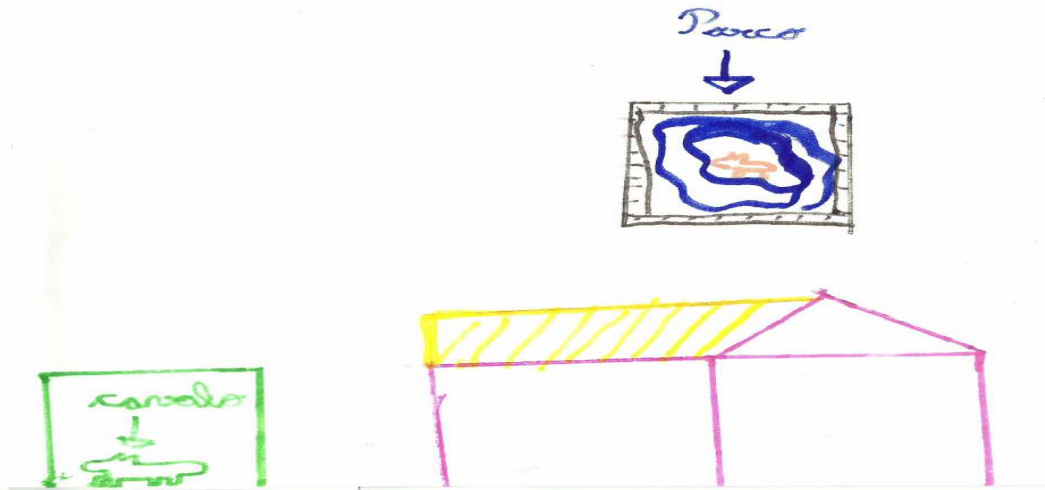
Carolina Lemos da Silva

Psicóloga Clínica – CRP: 07/13319

Endereço: Rua: Otacílio da Silva 428 – fone: (51) 3668 – 1245
Palmares do Sul, 22/07/2010.

Anexo F

Preparação para a Adoção – Desenho Rico e Garatuja Mila

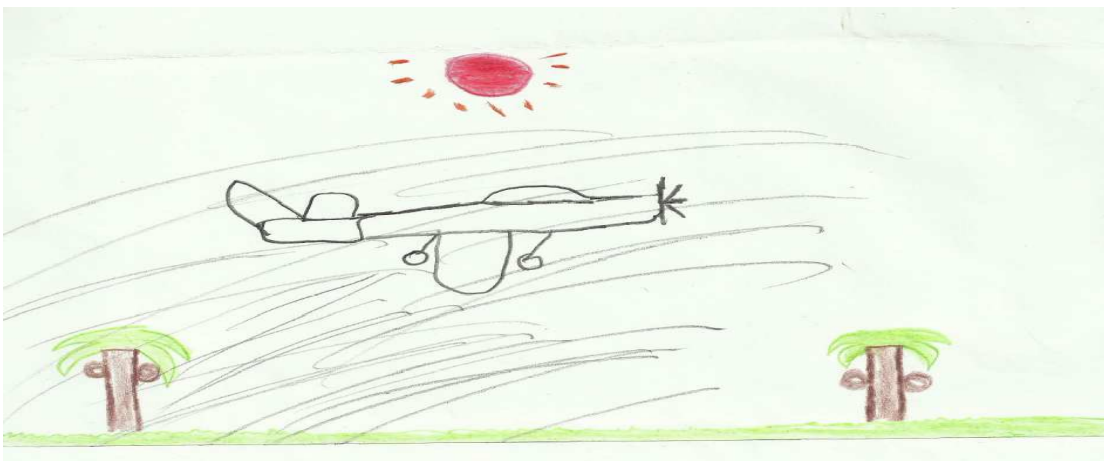


Sua futura casa.

Mila não nomeou o desenho.



7ª Entrevistas – Desenho livre Rico

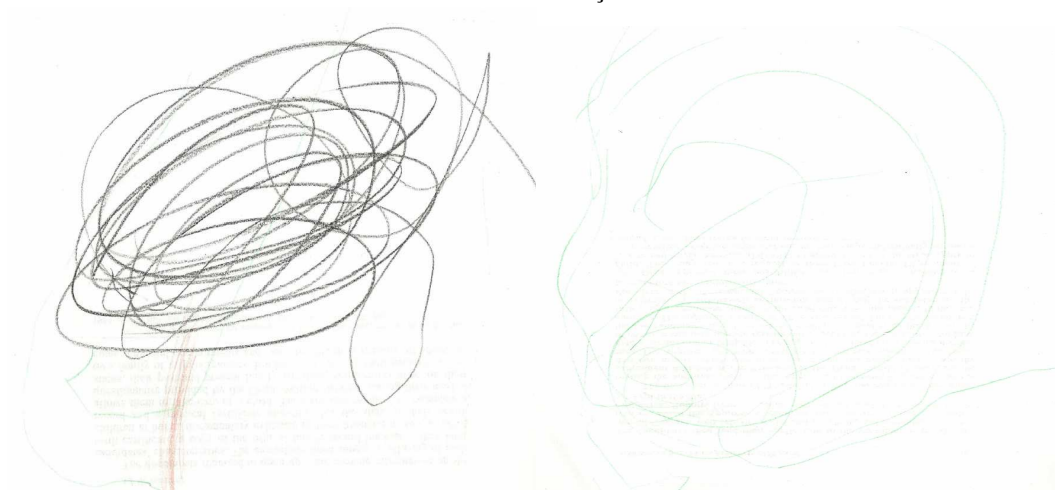


Anexo G

11ª Entrevistas – Desenho Rico e Garatujas Mila



Boneco de braços aberto.



1º Desenho: uma Flor.

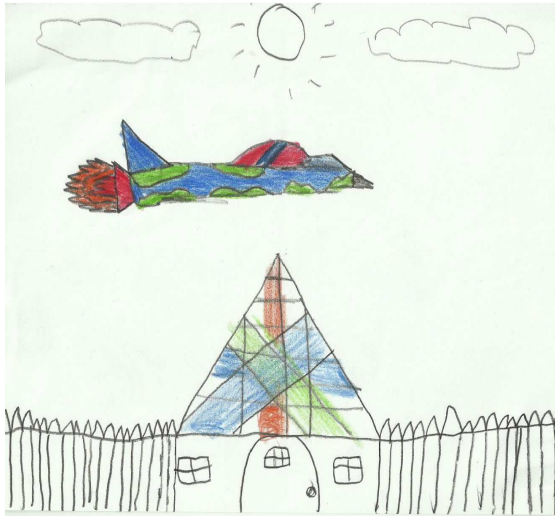
2º Desenho: a casa onde mora.



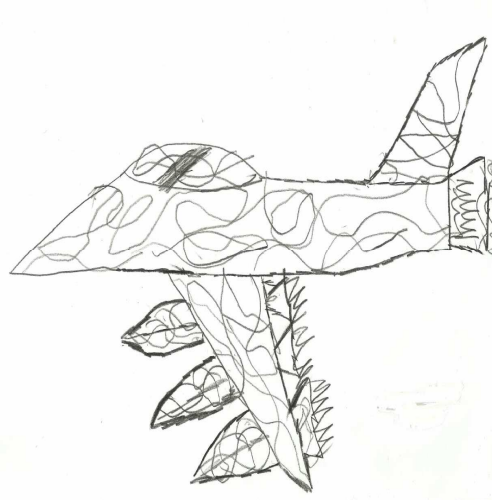
3º Desenho: uma Minhoca.

Anexo H

12ª Entrevistas – Desenhos Rico e Garatujas Mila



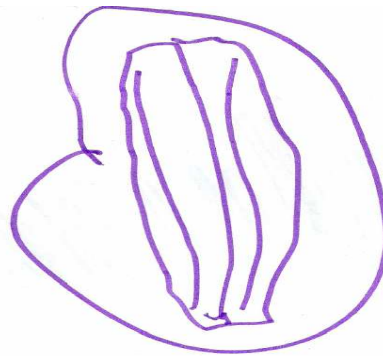
A casa onde mora.



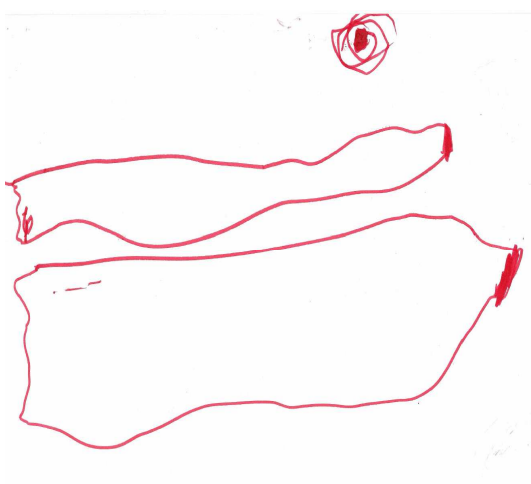
Um avião caça.



O pai e a mãe.



A minhoca e o minhoco.



Cobras.



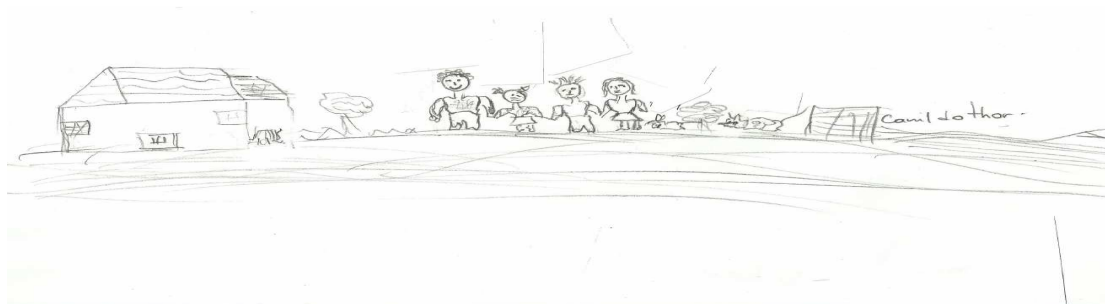
A própria mão de Mila.

Anexo I

13ª Entrevista - Testes do Desenho de Família



Pai – Juca.



Mãe – Luz



Filho – Rico



Filha – Mila – garatuja da família.

Garatuja boneco.

Anexo J
Diário Pessoal da Mãe - Luz

Julho 2010.
Estou muito feliz porque chegaram meus filhos. RICO com 10 anos e MILA com 3 anos. Não estava em nossos planos adotar dois mas como são irmãos decidimos adotá-los quando os conhecemos, me apaixonei por eles, sua história de camponês me chamou a atenção.
O RICO é um pouco reservado, não fala muito nem sorri, não é muito receptivo ao carinho, mas acredito que ele vai mudar.
A MILA é toda prosa sorridente e talante, gosta de churrasco e muito boba. Ela é uma gracinha de

meu, carinhosa, gosta de castrar e dançar. Rebolelor, Estou amando meus filhos e peço a Deus para que eu possa educá-los e fazê-los adultos amados, respeitosos, honestos, pessoas de boa índole.

25.07.10.
Hoje a MILA me chamou a Mãe pela primeira vez. Eu estava colocando as roupas na máquina de lavar e ela veio com um blusão e disse: Olha Mãe o que eu estou fazendo, você me ajuda. Que emocionante! Sorri abria

cei. endi de beijos que alegria! Me chorei de tanto abraçada a ela e agradeço a Deus por este momento.
O RICO ainda me chama de Tia, mas logo, logo ele também vai me chamar.
30.07.10.
Hoje o RICO após o café da manhã me surpreendeu, chegou na cozinha e disse: Mãe a partir de hoje vou te chamar de Mãe. Fiquei emocionada ao ouvir isso. Endi-o de beijos e as lágrimas começaram a correr. Estou realizada com

meus filhos, Quero os para Sempre	Agosto / Setembro	Outubro / Novembro	Dezembro:
Amá-los e Sermos felizos os quatro no meu família de Verdade. Mãe Filhos Minha família recebi meus filhos com muito carinho, eles estão realizados com nossa atitude de adoção que foi surpresa para todos. Nossos amigos todos vieram conhecê-los e estão amando-os assim como nós.	Estou bastante ansiosa, passou o eufórico de primeiros momentos e começaram as dificuldades. O RICO está rebelde não quer aceitar as regras, só quer sua, não quer estudar direito não faz o que a gente pede. A MILA ainda chora muito à noite, talvez por causa da adaptação, mas está fazendo exames para tratar.	Falamos e a Karol e o RICO apresentaram uma melhoria no comportamento, mas está ainda muito teimoso e desobediente. A MILA está no 2º tratamento. Acho que vai precisar de cirurgia de adenoides. 16.11.10 Apesar das dificuldades, o RICO está melhorando. Levei o médico (ortopedista) mandou fazer exames da Coluna. Estamos aguardando os resultados.	Nossa família tem muito o que melhorar, mas estamos a cada dia mais unidos pelo amor, apesar das personalidades diferentes que cada um apresenta. Estou feliz, a MILA é muito teimosa e autoritária. O RICO é muito bichado, nunca quer ouvir não, se eu burro por qualquer coisa. Eu, tou sempre cobrando, quero que as coisas melhorem bem rapidamente. Sou muito ansiosa não gosto de esperar por muito tempo para ver resultados positivos, acho que não podemos para no

tempo e ver tudo passar sem tomar nenhuma atitude.
O JUCA tá um pouquinho mais calmo mas cobra respeito e obediência da MILA.
O RICO tá cheio que ele está certo. Ele fica muito nervoso e se irrita, se preta cupo demais, e eu fico apreensiva com isso. Temo por sua saúde, nossa vida mudou muito.
Não vejo a hora que tudo se estabilize e acertamos de vez nossa família, para que vivamos alegres e felizes.

Voltei a trabalhar e o JUCA está mais feliz. Com os crianças, peço a Deus que eles se alcemem logo, para que ele não se estresse muito no mundo que saia adivina.
Estou feliz, Amo meus filhos e se Deus quiser, Vamos fazê-los os filhos mais felizes do mundo.
Karol:
Obrigado por tua dedicação e carinho conosco não tenho palavras para te agradecer e isso diz: Te amo Karol.
Feliz Natal, feliz Ano Novo feliz Carreira p/ você. LUZ

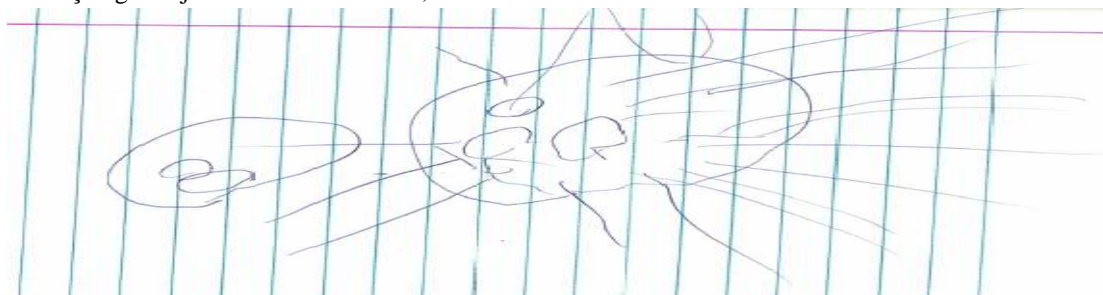
Anexo K
Diário Pessoal da Filha – Mila



Evolução da garatuja.



Evolução garatuja nomeado de boneco, desenho acima e abaixo.



Desenho feito por Juca no diário da filha, representando ele, Mila e o cão pequeno da família.

Anexo L

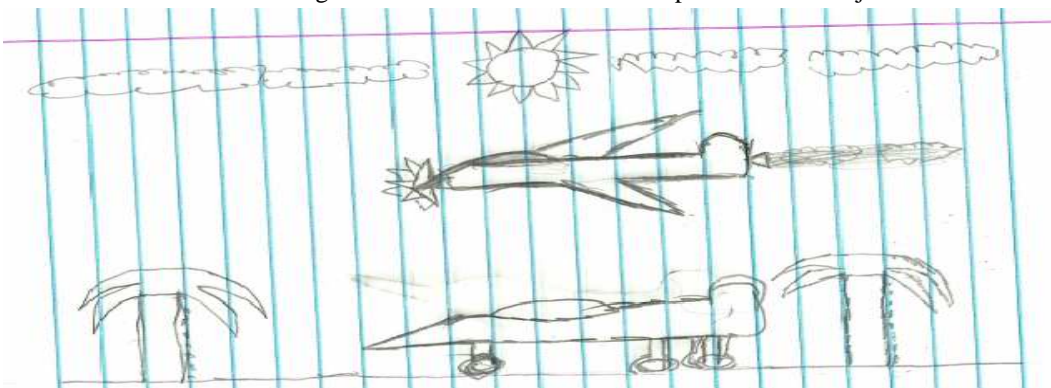
Diário Pessoal do Filho – Rico

ESTÁ SENDO MUITO LEGAL
 ESTAR AQUI PORQUE
 TEM AVIÃO TENHO AMIGO
 E ESTOU ESTUDANDO NUMA
 ESCOLA NOVA A MÃE E O
 PAI SÃO MUITO LEGAIS
 O PAI É BRAVO MAS EU
 SEI TO DELE A MÃE LEVA
 MILA NA ESCOLINHA E O
 PAI ME LEVA NA ESCOLA
 A ESCOLA É PEQUENA MAS
 NEM TUDO É GRANDE

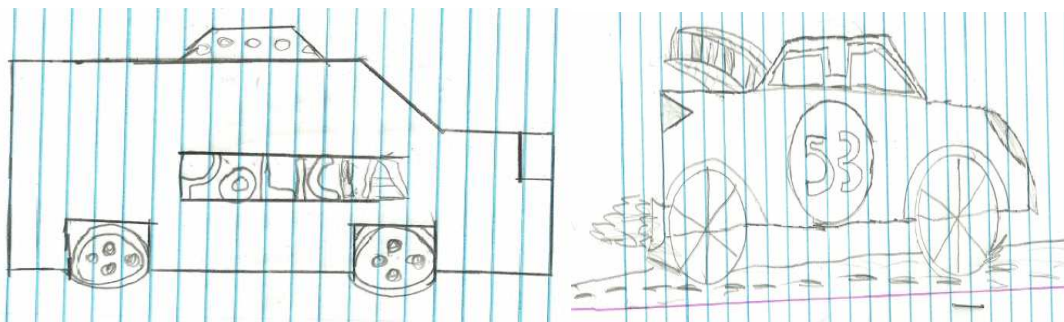
Declaração de Rico sobre a Família

	A minha sogra de longe.	Amanhã nós vamos passear EU PASSAREI A MANHÃ	1/10
	PASSADO		
	A vida passa depressa.	Não sabia que tu era colorado. NÃO SABIA QUE VÓS ERAM COLORADO	QUATRO DECIMOS 4/10
	PRESENTE		
Eu brincava com meus colegas.	O caso é feio.	Nós vos damos graças, Senhor. EU DOU AS GRAÇAS SENHOR	QUATRO VINTE AVOS 40
PASSADO	PRESENTE		
O avião caiu na floresta.	minha tia gostava muito	Ele era muito inteligente. ELAS ERAM MUITO INTELIGENTES	CINCO CENTOSIMOS 500
PASSADO	PASSADO		
Domingo irá passear.	08/11/10	Todos admiravam o que eles faziam.	SETE MILESIMOS 7000
FUTURO	COMPRATE AS FRANGES	TODOS ADMIRAVAM O QUE EU FA ZIA	1000
Eu visitei meu amigo.	Eu quero ir no cinema. NÓS QUEREMOS IR NO CINEMA	Quero que ela vá embora. QUERO QUE ELAS VÃO ENFORA	SETE BILESIMOS 7000
PASSADO			
Minha irmã é linda.	Todos falavam, mas eles não acreditavam.	Eu quero que vós participe do Evento.	OITO TRILÉSIMOS 8000
PASSADO	ELAS FALAVAM JUNTOS	NÓS QUEREMOS QUE PARTICIPE DO EVENTO	9000
Adoro minha família.			NOVE QUADRILÉSIMOS 90000
PASSADO			

Temas de Português – Concordância verbal feito por Rico com a ajuda da mãe.



Avião Caça



Tinha um posto policial na esquina da casa de Rico Carro do piloto Gerson novela Passione

EU JOGO FUTEBOL

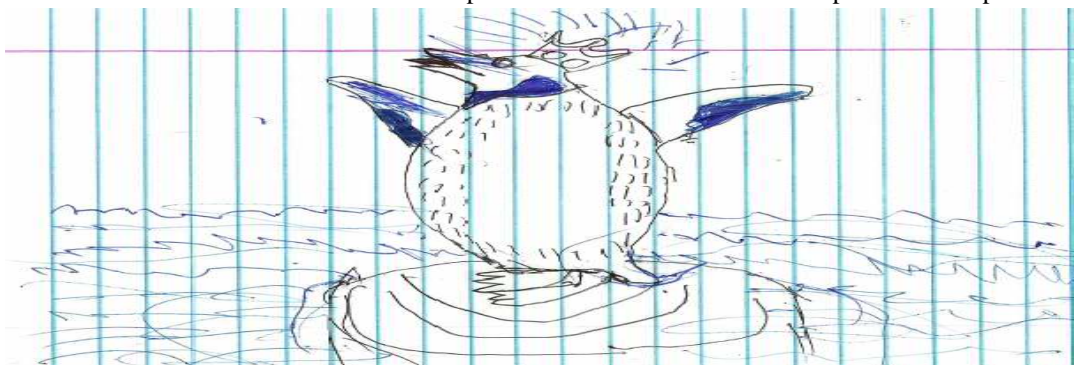
ESTÁ CHOVENDO
 ESTÁ BELÁMPERADO
 ESTÁ NEVANDO
 ESTÁ BARDANDO
 ONTEM ESTAVA CALOR
 HOJE EU LI UM JORNAL
 ASSISTI UM FILME CHAMADO
 INDIANA JONES

ELE É HORROROSO

UMA CABEÇA
 UM ARRASTE
 UM DOBRAU
 UM POUACO DE PAU

MEU BERIMBAU
 TOQUEI ASSIM
 DIM DIM DIM DIM
 COM MEU BERIMBAU
 TOQUEI ASSIM

Desenho da casa da família enfeitada para o Natal e duas músicas de capoeira escrita por Rico.



“Joaquim, o rei pinguim” de Rico e imagem do livro da autora francesa: Armelle Boy

